



CONTOS INÉDITOS  
DE AUTORES  
ANGOLANOS



# CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

A criação literária é, porventura, a arte que melhor conjuga o real e o imaginário. Traz à luz histórias que, não sendo biográficas, correspondem a modelos de vida, de ser e de pensar, num contexto representativo de uma realidade que é transversal e que é nossa.

Neste livro, queremos oferecer-vos um olhar plural sobre a alma angolana, percorrendo a obra de vários autores.

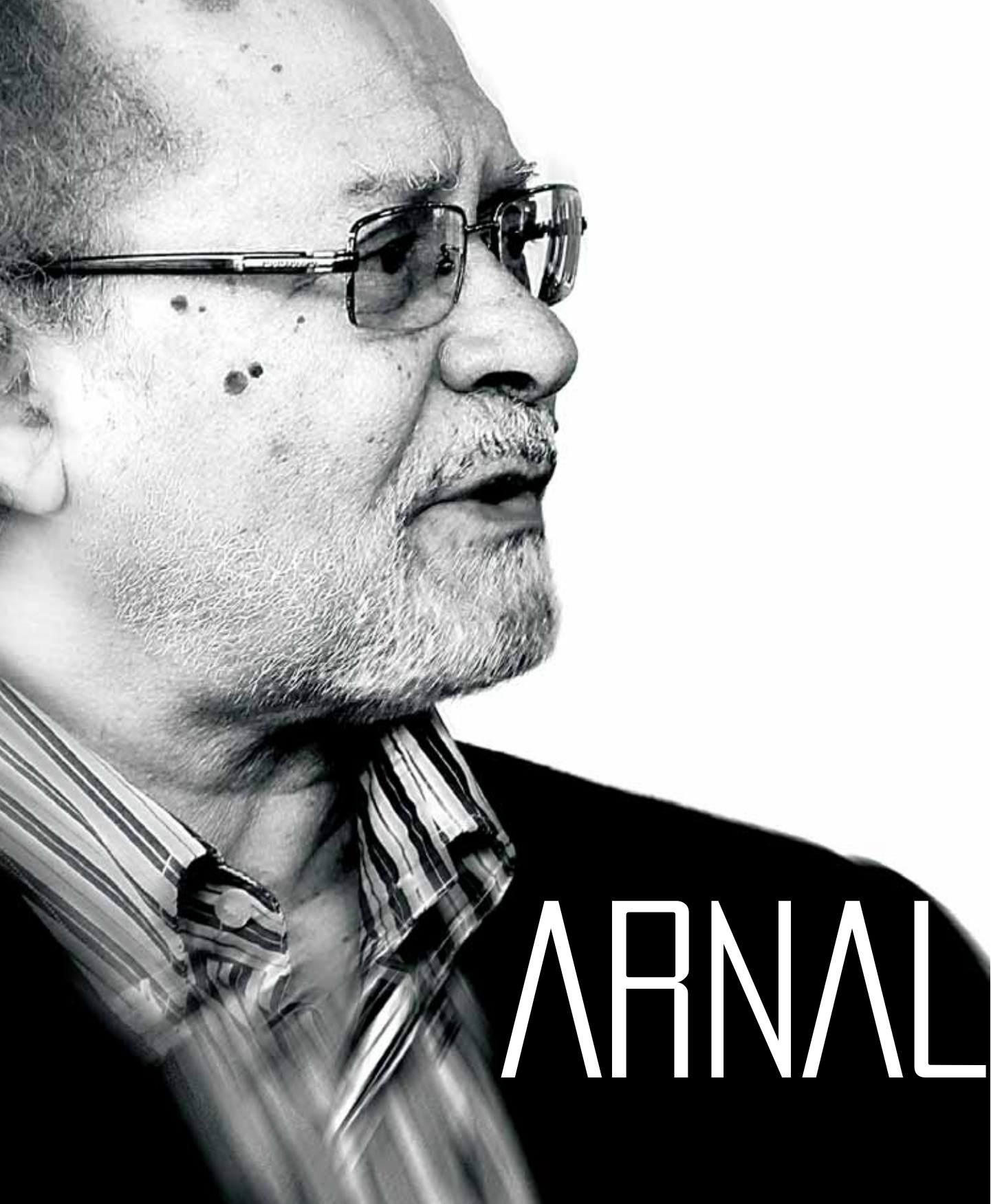
Cada um destes contos é uma forma única de observar, de assimilar, de sentir Angola.

Álvaro Sobrinho  
Presidente

O Banco Espírito Santo Angola expressa todo o seu reconhecimento e agradecimento póstumo pela valiosa colaboração do Dr. Jorge Macedo, na qualidade de coordenador literário deste livro.

## ÍNDICE

O DR. E. PINTAVA-SE DE PRETO <i>Arnaldo Santos</i>	8
NEGÓCIOS (DO TRADICIONAL AO MODERNO) <i>Chó do Guri</i>	22
A PROFETISA DA VERDADE <i>Ismael Mateus</i>	36
JANDIRIANA (VIDA E MORTE NO CARNAVAL) <i>Jacques dos Santos</i>	56
A GRAVATA AMARELA <i>João Tala</i>	78
SURPRESA FRUSTRADA <i>Maria Celestina Fernandes</i>	90
A MULATA, O MOSQUITO E CHET BAKER AO PIANO <i>Ondjaki</i>	108
A INOCENTE <i>Sónia Gomes</i>	118
ELAVOKO <i>Sousa Jamba</i>	140
FAMÍLIA REAL <i>Yola Castro</i>	158



## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

NASCEU NA INGOMBOTA, LUANDA, A 14 DE MARÇO DE 1935. É MEMBRO FUNDADOR DA U.E.A., TENDO FEITO PARTE DOS SEUS CORPOS GERENTES DESDE A RESPECTIVA PROCLAMAÇÃO, ATÉ 1990.

OBRA PUBLICADA *POEMAS*, FUGA, ED. CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO, CEI, LISBOA/1960 | *CONTOS*, QUINAXIXE, ED. CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO, CEI, LISBOA/1965 | *CONTOS*, TEMPO DO MUNHUNGO, ED. N.O.S., LUANDA/1968, PRÉMIO MOTA VEIGA | *POEMAS*, POEMAS NO TEMPO, ED. U.E.A., EDIÇÕES 70, LISBOA/1977 | *PROSAS*, ED. U.E.A., ED. 70, LISBOA/1977 – 2ª EDIÇÃO, LISBOA/1981 | *CONTOS*, KINAXIXE E OUTRAS PROSAS, ED. ÁTICA, SÃO PAULO, BRASIL | *CONTOS*, NA MBANZA DO MIRANDA, ED. INALD, LUANDA | *CONTOS*, CESTO DE KATANDU, E OUTROS CONTOS, ED. U.E.A., LUANDA/1986 | *POEMAS*, NOVA MEMÓRIA DA TERRA E DOS HOMENS, 1ª ED. U.E.A., LUANDA/1987 | *NOVELA*, A BONECA DE QUILENGUES, ED. U.E.A., LUANDA/1991, ED. ASA, PORTUGAL/1992 | A CASA VELHA DAS MARGENS, ED. CAMPOS DAS LETRAS PORTUGAL, CHÁ DE CAXINDE, LUANDA/1999 | *CRÔNICAS*, CRÔNICAS AO SOL E À CHUVA, U.E.A. | *LITERATURA INFANTIL*, AS ESTÓRIAS DE KUXIXIMA, INALD | *ROMANCE*, O VENTO QUE DESORIENTA O CAÇADOR, ED. CAMINHO.

# ARNALDO SANTOS

# O DR. E.

## PINTAVA-SE DE PRETO

"J'AI DÉCOUVERT QUE L'ÉCRITURE RACHÈTE LE RÉEL. PRENEZ QUELQU'UN QUE PERSONNE N'AIME: SI VOUS LE TRANSFORMEZ EN PERSONNAGE, VOUS POUVEZ CHANGER SON DESTIN." MILENA AGUS

1 Alcides iria, por sua vez, reiniciar os relatórios secretos sobre o Dr. E. e nesse dia sentiu-se um outro homem. A decisão foralhe transmitida pelo próprio Inspector que chefiava o ramo da Polícia Internacional de Defesa do Estado em Luanda. Passaria a ser o novo instrutor do processo, em substituição do agente Henriques, que se destacara demais na demonstração de repúdio à porta do prédio do advogado depois dos acontecimentos sangrentos de 4 de Fevereiro.

Alcides pensou nos motivos que poderiam ter concorrido para a sua escolha. Não descartou o seu empenho na organização da tal manifestação, mas tivera o cuidado de se manter na sombra, como mais um dos paisanos arrebanhados para o acto. Não obstante, ele fora tão abalado quanto os outros depois dos assaltos dos terroristas às cadeias e esquadras da polícia.



Nunca lhes passara pela cabeça que pudesse suceder uma coisa dessas! Estremeceram de alto abaixo. O frenesim que se espalhou pela população branca da cidade também não lhe poupou e fora mais uma presa fácil. Engrossou sem resistência a onda dos que, cegos de raiva, queriam um desagravo violento.

No entanto, não havia uma resposta pronta que, por si só, fosse capaz de repor aquela antiga arrogância que ele via desabar fragorosamente. Os portugueses que estavam naquela terra não desistiriam nunca de ser os senhores dessa conquista realizada há séculos com a bênção da Igreja Católica e o beneplácito dos Papas. O sentimento de ser o dono da terra e até dos seus próprios naturais era muito forte. Alcides experimentara-o ao desembarcar pela primeira vez no porto de Luanda e lhe foi dado ver os troncos nus dos monangambas carregadores reflectindo os ardores do sol. Essas imagens converteram-no de imediato. Ele sabia em que vórtices todos tinham sido sugados.

Recém incorporado na nova Polícia Política, Alcides não era já um ingénuo e sabia porque havia pressa em se reunirem novas provas que incriminassem o Dr. E. O homem fora objecto de uma portaria de expulsão assinada pelo próprio Governador-Geral, Silvino Silvério Marques, por atentados contra a segurança do Estado conjuntamente com o advogado Antero de Abreu e o jornalista Bobella Mota, mas safara-se. O Conselho Económico e Social de Angola não viu no processo provas de qualquer tentativa de golpe de Estado. A conspiração do Palácio da Pena (como ironicamente chamavam ao prédio onde estava instalada a Livraria Lello e o escritório do Dr. E.), transformara-se num ensaio fraldiqueiro. Era desse modo que zombavam os portugueses progressistas.

"A CONSPIRAÇÃO DO PALÁCIO DA PENA (COMO IRONICAMENTE CHAMAVAM AO PRÉDIO ONDE ESTAVA INSTALADA A LIVRARIA LELLO E O ESCRITÓRIO DO DR. E.), TRANSFORMARA-SE NUM ENSAIO FRALDIQUEIRO"

Na percepção dos engenhosos calús, era mais uma estória da mujimbaria política que na época grassava como lepra. Os bufos estavam empenhados em mostrar serviço, porque a duplicidade pode pagar-se cara e não dá sono tranquilo. O castigo pode vir como as queimadas do mato que uma vez ateadas varrem toda a bicharada. Por sua vez, a PIDE queria manter o clima de medo que instaurara desde 1959 com as sucessivas vagas de prisões que foram desencadeando por onde menos se esperava. Não queria deixar seus créditos por mãos alheias. A fama de onipotência de que gozavam, ficara chamuscada com o desenlace do caso do Dr. E. e seus comparsas. Ela já fizera tremer meio mundo, mesmo ao nível da intelectualidade portuguesa residente, ao deterem engenheiros e até a médica-ginecologista Julieta Gandra, que tinha um modesto consultório nos musseques e era muito admirada por essa população.

"O CASTIGO PODE VIR COMO AS QUEIMADAS DO MATO QUE UMA VEZ ATEADAS VARREM TODA A BICHARADA."

No seio da sua corporação uma súbita tensão encrespou os rostos e Alcides avaliou o bico d'obra em que o tinham metido. Nas detenções de 1959 limitaram-se a espalhar as redes no mar dos nacionalistas que se pavoneavam descaradamente nas farras da capital. Apanharam o que queriam e o que não queriam. A raia miúda ficara de fora. Tinham-na menosprezado e isso fora um grande erro. Os resultados estavam à vista. Alcides era de poucas literaturas mas apercebera-se que tinha entre as mãos aves de alto coturno. Era bastante sacrista (assim mesmo elogiado pelos seus superiores), para não perder a paciência com as dificuldades que se lhe deparavam. Elas incutiam-lhe mesmo um faro especial, tinha essa percepção e isso inchava-lhe o peito de brios. Aliás, o próprio Inspector, ele mesmo em carne e osso, o reconheceria no momento em que lhe atribuiu a missão. Não se fizera representar por nenhum chefe de brigada. Fez-lhe saber de viva voz e com ar muito sério o que pretendia. — Estamos um pouco nas tuas mãos...

Não será fácil o de tens que fazer, mas contamos com o teu tino especial e espírito de iniciativa... – dissera com alguma impaciência ao estender-lhe a mão, num gesto que muito lhe tocou. Na sua agremiação não havia mais espaço paralouvaminhices. A partir desse dia, de hora a hora, minuto a minuto, todos os indícios passariam pelo seu crivo fechado. Nenhuma pista descurada. E foi com essa preocupação que ele se instalou na cave do prédio onde morava o Dr. E. e olhou para a sua máquina de escrever. Era um recurso ruidoso, chamaria muito a atenção dos moradores e seria forçado a ajeitar-se às malditas esferográficas fininhas que quanto mais as apertava mais elas tendiam a querer fugir-lhe dos seus dedos grossos.

“ALCIDES  
TINHA BONS OLHOS  
QUAL QUILOMBELOMBE,  
ESSA ÁGUIA AFRICANA  
QUE ELE PASSARA  
A ADMIRAR E LOBRIGAVA  
LONGE.”

Alcides tinha bons olhos qual quilombelombe, essa águia africana que ele passara a admirar e lobrigava longe. Recostado na cama também se perdia em grandes voos e procurava olhar a sua presa das alturas. O que poderia ter acontecido para que esse Dr. E., um madeirense de gema, conseguisse falar a mesma linguagem dos pretos brancos que mal sabiam português? Esse é que era o grande trunfo secreto de que o inimigo dispunha e atrás do qual se entrincheirava e que ele precisava de desvendar. O que é que levava os pretos indígenas a aceitar as suas palavras? O seu ouvido fino de rato puco, à noite, não assinalava nada de anormal, embora perscrutasse os sons até ao esgotamento. Da praceta nada lhe vinha senão uma energia escura que coincidia com o negrume da noite. O que podia emanar do Dr. E. para que o recebessem com tanta confiança?

“O INIMIGO  
ERA DE RESPEITO  
E PESAVA-LHE  
SOBRE O CACHAÇO  
UMA AMEAÇA  
DE EXPULSÃO.”

Discreta lapa no seu posto de observação, Alcides não podia turvar as águas com nenhuma acção que o atraísse. O inimigo era de respeito e pesava-lhe sobre o cachaço uma ameaça de expulsão. Não se atreveria a, nesses tempos mais próximos, chamar a atenção sobre si de maneira descarada. – Faça-se de sonso e padreca... cheque-se ao homem sem causar desconfianças... – O chefe de brigada, Lontrão que lhe conhecia esse pendor antigo, galhofava ao instruí-lo sobre o comportamento a adoptar. Erradamente. O Dr. E., não devia ser pessoa que simpatizasse com padres que abençoavam a missão civilizadora dos portugueses. Se o suspeito era ladino a Alcides não ocorriam senão as mais que consabidas rotinas.

Ser criativo, seguir todas as pistas, não elidir nenhuma, nem mesmo as mais estapafúrdias como essa atoarda que eles próprios ajudaram a divulgar entre a população branca para criarem um cerco em seu derredor: o Dr. E., que ele se pintava de preto para ir nos musseques matar brancos. O absurdo era evidente, mas o ódio fomentaria estórias ainda mais fantasiosas.

Alcides pusera alguma esperança na devassa ao escritório do advogado (assalto atribuído depois a vulgares gatunos), mas dela não resultara nada de útil. O Dr. E. não deixava rastros visíveis. Essa foi mesmo uma das primeiras frases do livro que ele intimamente intitulara pomposamente “Diário do Processo de Extração do Dr. E.” Mas corrigiria logo depois a frase infeliz que lhe tolhia o desenvolvimento daquele caso noutras direcções que ele começava a abordar como outra qualquer estória da vida real.



"ATRAVÉS DELE  
DESSENDARIA OS  
MEIOS USADOS  
PELO DR. E. PARA  
ESCAPAR À  
VIGILÂNCIA  
DA POLÍCIA  
SECRETA."

Cada vez mais amarrado à tentação de seguir uma pista que o levasse ao homem, Alcides não se deu conta que tendia a cair num enredo fantástico. No entanto ele seria o fio condutor que daria coerência aos seus relatórios. Através dele desvendaria os meios usados pelo Dr. E. para escapar à vigilância da polícia secreta e continuar a sua acção destruidora contra as autoridades portuguesas. Não acreditava que o quartel da subversão estivesse na sua própria casa onde vivia com a mulher e filhos e recebia à luz do dia gente pouco recomendável.

Nesse mesmo Dezembro de 61, depois da ocupação de Goa, Damão e Diu pela União Indiana, testemunhou o corrupio e uma certa euforia nos seus visitantes. Eram sobretudo jovens que se metiam por hábito num covil na Calçada do Casuno para ouvir música e onde declamavam poemas e que classificavam pomposamente como sessões culturais. Não tinham sobrado muitos depois das últimas detenções.

Um deles, quase lhe obrigaria a denunciar-se, quando decidiu tomar-lhe o passo no momento em que subia as escadas com uns papéis na mão que cheiravam a tinta fresca. Panfletos(?), pensou. A sua iniciativa posterior revelou-se capital no rumo da sua investigação e na sua vida.

3 “É com base nisto que ele me quer convencer?! O homem ficou com o miolo mole...?!” – berrou o Inspector ao ler o “Diário para Extradicação do Dr. E.” No entanto, Alcides esforçara-se até à exaustão para ser convincente. Esmerara-se na busca das palavras exactas. – “Tanto tempo perdido e voltamos à estaca zero... – gritou furioso, enquanto o chefe Lontrão o olhava silencioso. Ele lá tinha os seus métodos bem mais práticos. – O homem está totalmente lixado da pinha...!” – repetia o Inspector sem se conformar.

Alcides analisara cuidadosamente todas as hipóteses, até essa do Dr. E. se pintar de preto para se juntar nos musseques aos terroristas. Debalde passou as noites em claro. De tal modo se esgotava nessa vigilância que a insónia lhe começou a pregar algumas partidas. Nenhuma pessoa com bom juízo sairia a correr a meio da noite avançada para desmascarar vultos, transformados em quifumbes, como os pretos quimbundos chamavam aos salteadores e que ele supunha ver esgueirando-se por entre as árvores da praceta. Esses malfeitores só estavam nos seus sonhos quando não resistia ao sono e cabeceava no seu posto de observação junto da janela. No entanto, a ideia retornava ciclicamente acompanhada da palavra CONSTRUTOS. Enxergara-a claramente na capa dos papéis que surpreendera nas mãos do jovem, em tinta preta um tanto esborratada e dos quais se tentara apoderar com um estratagema que falhou. – “O Dr. E. não está em casa... Mas eu posso entregar-lhe os papéis se quiser...” – oferecera-se. Hesitara em retirar-lhe os papéis pura e simplesmente das mãos, isso denunciar-lhe-ia e não insistiu perante a sua recusa.

"... ALCIDES  
ESFORÇARA-SE  
ATÉ À EXAUSTÃO  
PARA SER CONVINCENTE."

“Construtos” não estava no dicionário, viu e reviu, só podia ser a sigla de uma linguagem em código. O Dr. E. estava a comer-lhes as papas em cima da cabeça e tudo poderia estar bem à vista de todos. Recusavam ver o que se mostrava de maneira simples. Ele devia ter coragem de ir para o além das trivialidades. Nem tudo o que não se vê deixa de fazer parte do real.

A neurose obsessivo-compulsiva que, depois do seu regresso imediato a Portugal, o psiquiatra viria a diagnosticar em Alcides, teria começado a manifestar-se com todas as probabilidades por essa ocasião e sobretudo quando tinha de transpor para o diário o que ia desvendando. Até um certo ponto, tentara ser conciso. Desconfiava das palavras e gastava-as de maneira frugal. Entendia com alguma renitência que não era escritor e, conseqüentemente, não se devia preocupar com o estilo, mas a dado momento não pôde furtar-se à necessidade de se expandir. Notava que nem sempre o sentido do que pretendia transmitir era muito claro. Não dispunha porém de outros meios que não o das escassas palavras que conhecia e que o enclausuravam em domínios desconhecidos. A questão era melindrosa e Alcides aceitou o risco de ter que se haver pessoalmente com o Inspector.

“O DR. E. TAMBÉM ERA UM  
HOMEM DE “CONSTRUTOS”,  
TIVERA QUE OS INVENTAR  
PARA MELHOR ATINGIR  
OS SEUS FINS.”

O Dr. E. também era um homem de “construtos”, tivera que os inventar para melhor atingir os seus fins. Raramente o vira falar em público com algum preto ou sequer fizera menção disso. Olhavam-se, sorriam-se como se houvesse uma qualquer outra forma de comunicação entre eles, uma energia misteriosa que lhes fosse comum.

Não escapava ao mais bronco dos polícias que Alcides se entregara a êxtases e o Inspector da PIDE, homem muito prático, não gostou de se aperceber dessa fraqueza do seu agente. Era evidente que o homem se deixara transportar para além dos limites estreitos da cave e andara nas nuvens, já que ele detestava as copas das acácias vermelhas permanentemente em flor. Certamente elas tinham-lhe posto fora de si porque as via como símbolos dos comunistas.

“AS PALAVRAS QUE BATIA  
NA MÁQUINA LEVAVAM-NO  
A PARAGENS QUE MAL  
SE AJUSTAVAM AOS  
SEUS CREDOS.”

Alcides só assim compreendia porque todos eles gostavam tanto dessas árvores e o Dr. E. não seria excepção. Era um confronto constante. Na certa endoidaria se não desse tratos à imaginação para tecer uma teia, o enredo que procurava para urdir a sua estória. Para seu espanto, ela ficava mais coerente e desenvolvia-se melhor quanto mais mergulhava numa outra realidade que até ali ele desconhecia completamente. As palavras que batia na máquina levavam-no a paragens que mal se ajustavam aos seus credos. No entanto, tinha sido obrigado a aceitar. O Dr. E. pintava-se mesmo de preto! O mistério estava em saber como.

Um putro negro com quem ele se irritou na praceta porque se estava a armar em gente, colhendo a seu bel-prazer cachos de flores vermelhas das acácias, como se elas não tivessem dono, mostrar-lhe-ia subitamente um caminho inesperado. A vida escondia segredos estranhíssimos. Quem diria que aquele pretito simplório lhe indicaria uma outra maneira de decifrar esses enigmas aparentemente tão misteriosos?

Alcides observava-o distraído a arrancar as flores das acácias vermelhas. Que as levasse todas de uma vez para sempre. Na certa ele iria brincar com elas num qualquer musseque da Maianga. Talvez porque o puto interpretasse mal o seu interesse, tivera o topete de lhe querer ensinar o jogo das anteras “cai-não-cai”. – “Estás armado em gente... ou quê?!” – retorquiu ofendido com a falta de respeito. Até onde ele pensava que podia ir? Não admitia misturas.

– “Capaz...! – sorriu o garoto nada intimidado. – Cada vez as pessoas por dentro... pintam-se como gente igual...” – respondeu, enquanto parava de colher as flores e o fitava com um ar absorto, pensativo.

**4** Afastado do seu lugar de agente da PIDE e severamente admoestado logo após o “Diário para Extradução do Dr. E.” ter sido banido pela sua corporação, Alcides nunca viria a saber nada sobre a ideia dos “construtos” do famigerado advogado, nem do que aquilo significava. Era, no entanto, uma das obsessões que lhe perseguiram e reaparecia sem cessar nos seus conturbados pesadelos. Depois da Independência de Angola, os “construtos” viriam a ser editados sob o título de “Construtos Inacabados”, como um conjunto de ideias esparsas sobre a teoria das fontes da obrigação jurídica, de Eugénio Ferreira, então Juiz do Tribunal da Relação, após a obtenção da Menção Honrosa do Prémio Sonangol.

“ERA NO ENTANTO  
UMA DAS OBSESSÕES  
QUE LHE PERSEQUIAM  
E REAPARECIA  
SEM CESSAR NOS SEUS  
CONTURBADOS PESADELOS.”

Por essa altura, Alcides ainda persistia em fazer passar como credível a estória do Dr. E. que se pintava de preto, mas o seu círculo de relações restringia-se cada vez mais a uns quantos visionários, como ele, que em silêncio o ouviam ou fingiam ouvir a sua explicação em como um homem de construtos nunca poderia falar com negros analfabetos que mal sabiam português. Passara a acreditar numa espécie de quintessência da verdade mas não sabia como convencer quem o ouvia que as pessoas podem ser gente diferente daquela que aparentam, desde que por dentro tenham encontrado uma outra forma de luz. Para si, o tal Dr. E. continuava a ser um homem que chegara a esse fenómeno misterioso.

“ETERNAMENTE INJUSTIÇADO,  
ALCIDES JURARIA AOS CÉUS  
E À TERRA QUE DESCOBRIRA  
UMA FORMA ALTAMENTE  
SECRETA DE COMUNICAÇÃO  
ENTRE OS SERES HUMANOS.”

Eternamente injustiçado, Alcides juraria aos céus e à terra que descobrira uma forma altamente secreta de comunicação entre os seres humanos. Os africanos eram gente propensa a feitiçarias e a outras filosofias afins. Quem sabe se na hora não teriam descortinado também no Dr. E. uma energia preta através da qual se comunicavam em silêncio?

Alcides podia não estar de todo errado. Os cosmólogos actuais provavelmente eram capazes de lhe dar razão. FIM



## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

CHÓ DO GURI É O PSEUDÓNIMO LITERÁRIO DE MARIA DE FÁTIMA DE MORAIS. NASCEU NA QUIBALA, PROVÍNCIA DO KWANZA SUL, A 24 DE JANEIRO DE 1959. CURSO SUPERIOR EM ACÇÃO SOCIAL DA UNIVERSIDADE ABERTA DE LISBOA.

OBRA PUBLICADA *POEMAS, VIVÊNCIAS*/1996 | *CONTOS, BAIRRO OPERÁRIO, A MINHA HISTÓRIA*/1998 | *POEMAS, MORFEU*/2000 | *ROMANCE, CHIQUITO DA CAMUXIBA*/2006, PRÉMIO DE LITERATURA AFRICANA/2003, INSTITUTO MARQUÊS DE VALLE FLOR EM PORTUGAL | *ROMANCE, A FILHA DO ALEMÃO*/2006 | *POEMAS, NA BOCA ÁRIDA DA KYANDA*/2007 | *CONTO INFANTO-JUVENIL, SONGUITO & KATITE – DO SONHO À REALIDADE*/2009.

OUTRAS PUBLICAÇÕES POESIA EM DUAS ANTOLOGIAS ANGOLANAS INTITULADAS O AMOR TEM ASAS DE OURO, ANTOLOGIA DA POESIA FEMININA ANGOLANA E TODOS OS SONHOS, *ANTOLOGIA DA POESIA MODERNA ANGOLANA*, ED. U.E.A. | *POESIA* NA REVISTA CAMONIANA BRASIL MICROCONTO NO LIVRO DE MICROCONTOS PITANGA, PORTUGAL/BRASIL. | *POESIA*, BROCHURA DO VII ENCONTRO INTERNACIONAL DE POETAS DA UNIVERSIDADE DE LETRAS DE COIMBRA. | *CRÓNICAS*, JORNAL DE ANGOLA E NO SEMANÁRIO FOLHA 8. | *POEMAS* TRADUZIDOS EM INGLÊS E FILANDÊS. | *ROMANCE, A FILHA DO ALEMÃO*, TRADUÇÃO PARA ALEMÃO PELO GOETHE-INSTITUT – INSTITUTO CULTURAL ALEMÃO, COM REPRESENTAÇÃO EM ANGOLA/2009 | *POEMA, CÂNTICO SOFRIDO*, EDITADO NO LIVRO MORFEU, FOI MUSICADO E É CANTADO PELO DUO CANHOTO.

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS SÓCIO-CULTURAIS UNIVERSIDADE DE BERKLEY – ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA | COIMBRA – PORTUGAL | MOSCOVO – RÚSSIA.

# CHÓ DO GURI

# NEGÓCIOS

(DO TRADICIONAL AO MODERNO)

KAPITA KULANGO É UM HOMEM QUE PERTENCE A VÁRIAS GERAÇÕES DE UMA TRIBO DO SUL DE ANGOLA, CONHECIDA NA REGIÃO DESDE OS PRIMÓRDIOS TEMPOS, QUE CONTAM DO SÉCULO XIX. A FAMA DA FAMÍLIA SURTIU DURANTE OS ANOS EM QUE TEVE DE SE CONFRONTAR COM OUTRAS TRIBOS PARA MOSTRAR SUPERIORIDADE. OS HOMENS DA SUA FAMÍLIA REVELARAM-SE GUERREIROS DESTEMIDOS E CONQUISTARAM, COM ATITUDE, GRANDES EXTENSÕES DE TERRA ONDE AUMENTARAM A CRIAÇÃO DE GADO, TORNANDO-SE OS MAIORES. O GADO QUE FOI PASSANDO DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO PERMITIU O FORTALECIMENTO DO CLÃ.

Chegara a vez de Kapita Kulango, um dos mais jovens descendentes do clã que possui muitas habilidades para a direção dos principais interesses dos antepassados: conservação do bom nome da tribo e manutenção do poder na região. Embora conservasse estes princípios, era também um homem que se ia adaptando aos tempos das mudanças sócio-culturais e económicas. Tornou-se flexível e participativo, o que, de alguma forma, determinou o seu sucesso como criador e comerciante de gado, embora ainda o fizesse de uma maneira tradicional por falta de informação. Mas quando se fala em poder e dinheiro em África e por aquelas paragens, faz parte da tradição a existência de uma família numerosa e isto implica que o homem tenha de possuir o número de mulheres que estiver ao seu alcance para a procriação.



A procriação é, assim, uma dádiva de Deus e também, sinal de riqueza. A sua família foi aumentando de geração em geração e tornou-se a maior de todas, ou por outra, não havia ninguém próximo da região ou das redondezas que não fizesse parentesco com a sua tribo, delimitando desta forma o poder de jurisdição. O seu avô tivera dez mulheres, o seu pai quinze e Kapita contava já com dezoito. Foi por isso que, naquela zona, Kapita fez uma vedação de uma área de cinco hectares para manter as mulheres e os seus descendentes no mesmo círculo. Dentro deste espaço foi construindo casas para albergar todas as mulheres que ia adquirindo.

Elas tinham de ser reprodutivas, assim como o gado. Os animais não reprodutivos eram mortos e utilizados nas festas e as mulheres não reprodutivas eram devolvidas aos seus familiares após uma tentativa de um ano. Voltavam escorraçadas para a família porque ele as adquiria em troca de cinco cabeças de gado como mandava a tradição. Por tradição, o homem podia ir buscar mulher pobre, desde que tivesse as qualidades desejadas para a família do marido, mas no caso das raparigas, filhas de pais poderosos, não podiam amancebar com rapaz de família pobre.

**"NÃO POR ACASO TINHA UMA CABRA, A QUEM FOI POSTO O NOME DE MARIAZINHA, NOME DE UMA DAS FILHAS."** Sempre que nascesse um rapaz, a mãe do progenitor recebia um vitelo que haveria de crescer com o filho para posteriormente ser entregue a ele. Quando o rapaz alcançasse os dez anos, teria, além do boi, alguns vitelos e então se tornaria apto para dar continuidade ao seu suporte económico. Pelo número de animais que qualquer um deles possuísse, deduzia-se o poder dos filhos. Ao contrário, as raparigas recebiam como dote o gado dos pretendentes. O espaço à volta do grande local de habitação de Kapita Kulango, demarcado com arame farpado, era destinado à pastagem do gado e o resto do terreno ficava destinado ao cultivo de alimentos para a subsistência.

Kapita Kulango contava já com cinquenta e quatro filhos das dezoito mulheres e a vida delas cingia-se a isto: fazer filhos, somar gado, trocar gado por materiais necessários e festejar em épocas propícias. No centro da sua extensa residência fizera um jango. O seu lugar predilecto para pensar nos negócios, receber possíveis comerciantes de outras zonas, reunir a família, o seu séquito e conselheiros, ou mesmo para banquetear. Com isso tinha já um número de bois, vacas, cabras e cabritos que ele nem ao certo sabia. Alguns dos trabalhadores encarregavam-se disso. Ninguém ousava enganá-lo porque, além do respeito que tinham por ele, dizia-se que Kapita adivinhava e mandava abater quem o roubasse.

**"NINGUÉM OUSAVA ENGANÁ-LO PORQUE ALÉM DO RESPEITO QUE TINHAM POR ELE, DIZIA-SE QUE KAPITA ADIVINHAVA E MANDAVA ABATER QUEM O ROUBASSE."**

Os rapazes de fracas posses que se arrojassem a aproximar-se de uma das filhas estavam sujeitos a mostrar as suas habilidades e eram submetidos à prova. Kapita gostava de homens guerreiros e destemidos, por isso mandava os rapazes caçar animais ferozes. Só assim mostravam que eram dignos de entrar na sua família. No seu jango tinha como ornamento cabeças de leão, de onça, de leopardo, etc. etc, além de tapeçarias, oferta dos rapazes que conquistavam a sua confiança.

Apesar de homem campestre tinha muito bom relacionamento com outros indígenas e com os comerciantes com mais conhecimentos dessa região. Fornecia o leite e a carne que produzia em grandes quantidades aos comerciantes da cidade. Como qualquer pessoa, Kapita tinha também uma mania. A mania de nomear animais com algum destaque para aqueles que se diferenciavam e também denominava os seus progenitores de acordo com as aptidões.

Certa vez, um dos seus servidores reparou que uma das vacas era muito mais produtiva do que as outras e por isso foi-lhe posto o nome de Julieta, nome da sua última mulher adquirida aos sessenta e picos anos. Ela, jovem e bela, cuja sensualidade dos seus gestos e do menear de ancas insinuava-lhe que lhe daria muitos rebentos, enquanto, Julieta, a vaca dava-lhe mais leite do que as outras, apesar de ter uma idade mais avançada em relação ao lote das mais novas produtoras de leite. Não por acaso tinha uma cabra, a quem foi posto o nome de Mariazinha, nome de uma das filhas.

Mariazinha era uma rapariga trabalhadora e a cabra produzia leite e crias que lhe deixavam muito grato. Kapita Kulango orgulhou-se de Julieta e de Mariazinha e contava aos comerciantes da região com muito garbo o desempenho destes seus animais.

Um dia, para congratular-se com elas, deu uma festa para centenas de pessoas entre comerciantes e gente mais chegada da sua tribo e fez desfilar a vaca e a cabra com Julieta e Mariazinha. Esta atitude de Kapita deixou indignadas algumas pessoas, inclusive as duas raparigas, mas a comparação e o nome foi só para notabilizar a beleza das mulheres e a capacidade dos animais. Disse aos presentes não ter nenhuma intenção maldosa.

“... A COMPARAÇÃO E O NOME FOI SÓ PARA NOTABILIZAR A BELEZA DAS MULHERES E A CAPACIDADE DOS ANIMAIS.”

“MARIAZINHA EXIBIA OS SEUS SEIOS NUS, DUROS E PONTIAGUADOS COMO ERA NORMAL APRESENTAREM-SE. TAL COMO TODAS AS MENINAS DA REGIÃO, APENAS ORNAMENTAVAM OS TORNOZELOS, O PESCOÇO E TAPAVAM OS QUADRIS COM PEDAÇOS DE PANOS COLORIDOS.”

Após este dia, foram muitos os comerciantes que passaram a frequentar com mais assiduidade a região dirigida por Kapita Kulango e pela sua residência. No dia da festa, além do desfile dos animais e de Julieta e Mariazinha, muitas outras jovens desfilaram pelo jango para servir os convidados e despertaram certos interesses em muitos deles. A partir dessa altura, como sinal de reconhecimento, passaram a oferecer-lhe, além do pagamento pelo gado e pelo leite, algo adicional, como garrafas de aguardente, tabaco, tecidos, etc. etc. Kapita sentia-se regozijado e alardeava-se na população com a atitude daqueles que vinham da cidade e lhe levavam presentes.

Zé António, um dos mais arrojados entre os que chegavam da cidade, filho de um comerciante branco com uma negra ficou com os seus olhos fixos em Mariazinha. Depois de algumas trocas de olhares, Mariazinha enamorou-se por Zé António. Mariazinha exibia os seus seios nus, duros e pontiagudos como era normal apresentarem-se. Tal como todas as meninas da região, apenas ornamentavam os tornozelos, o pescoço e tapavam os quadris com pedaços de panos coloridos.

Zé António sentia-se sufocado com tanta beleza escultural e disse-lhe que diria ao seu pai sobre o seu interesse por ela para que ele pudesse consentir que se vissem mais vezes.

– Zé! Não, não podemos porque somos diferentes. – respondeu-lhe Mariazinha.

– Podemos sim, porque foi Deus quem fez eu gostar de ti e tu de mim.

– Mas o meu pai não pensa assim. Temos tradição. Na nossa tradição tens de ser igual a nós. Tens de ter gado. Muito gado.

– Não temos gado, mas somos como vocês. Temos comércio e o comércio dá dinheiro e o nosso dinheiro não fica em casa, fica no Banco. São umas folhas de papel tão pequeninas que não fazem muito volume, por isso ninguém sabe qual o nosso poder. Temos a liberdade de o levar para qualquer lugar. Ao contrário o vosso poder é ostentado. Toda a gente vê. Vês que somos diferentes, mas iguais!

Zé António percebeu que havia necessidade de contrariar as ideias conservadoras das pessoas com quem Mariazinha se relacionava. Com as pessoas mais jovens seria fácil.

“Estamos já numa era de independência e as pessoas têm de ganhar consciência nacional e o meu tio é perito nisso, aliás Kapita até que favorece porque mostra que tem ideias progressistas”. – pensava Zé António.

Na semana seguinte, Zé António foi ao local de Kapita Kulanga com o seu tio da parte da sua mãe, Sapalalo Cabrita.

Kapita, que nas suas trocas comerciais apenas conhecia Zé António e o pai, ficou admirado por o ver com um indivíduo estranho e antes que Kapita lhe mostrasse qualquer mau humor, Zé António advertiu, cheio de confiança:

– Não se preocupe, senhor Kapita. Trouxe o meu tio Sapalalo, irmão da minha mãe que trabalha na venda connosco e que há muito quer conhecer o nosso fornecedor, de quem falamos com muito respeito e admiração. Ele tem sido um homem de primeira para os negócios do meu pai. É sábio como o senhor.

Aproveitando a situação Sapalalo interveio:

– Sabe! O senhor é admirado e respeitado até por aqueles que só ouvem falar de si.

“ESTAMOS JÁ NUMA ERA DE INDEPENDÊNCIA E AS PESSOAS TÊM DE GANHAR CONSCIÊNCIA NACIONAL...”

“SAPALALO ERA TIDO NA FAMÍLIA COMO O FILÓSOFO E DESDE QUE ENTRARA NAS FILEIRAS DO MPLA TODOS O RESPEITAVAM PORQUE ENSINAVA OS OUTROS A PORTAREM-SE COM DIGNIDADE.”

– Muito bem, muito bem! – respondeu Kapita satisfeito e ordenou a uma das mulheres que trouxesse algo para oferecer aos visitantes. No jango, as mulheres trabalhavam por escala e todos os dias estavam ao seu dispor desde cedo duas mulheres para o servir.

Uma delas trouxe carne seca assada e desfiada e mandioca cozida à farta para os presentes degustarem e uma garapa feita de massambala, porque não se oferecia bebidas alcoólicas aos visitantes, antes de qualquer conversa.

Sob instrução de Zé António, Sapalalo levou também duas garrafas de aguardente que, sublime, ofereceu ao Kapita e este agradeceu, satisfeito.

Sapalalo era tido na família como o filósofo e, desde que entrara nas fileiras do MPLA, todos o respeitavam porque ensinava os outros a portarem-se com dignidade.

– Obrigado pela sua recepção. Não precisava de tanto, senhor Kapita. Na verdade o que me traz aqui é uma grande preocupação. Sabe que estamos independentes. Sabe também que temos paz há pouco mais de quatro anos. O senhor é um empreendedor muito respeitável. No Lubango, no Namibe, Lobito, Benguela, só se fala da contribuição que o senhor dá a esta terra para progredir, mas, não me leve a mal, o senhor Kapita pode progredir. Pode ir mais longe. Pode vender em Angola e exportar. Só tem de pôr de lado alguns comportamentos tradicionais.



Kapita não percebeu o que Sapalalo lhe queria dizer e meio desconfiado olhou para Sapalalo com cara de poucos amigos e logo pensou: “O meu negócio tem ido tão bem, para quê que este quer que eu mude? Ai! Ayayaiyayai que não me cheira nada bem!”

Sapalalo apercebeu-se através do semblante do rosto que o homem se inquietou. Mas, sem nenhum embaraço, continuou:

– Senhor Kapita, não sei se já ouviu falar da alfabetização.

– Ah! Sim! Ah Sim. Até eu, burro velho estava a pensar em aprender algumas letrinhas.

– Pois é, senhor Kapita, você tem cá mais de cem pessoas e nós podemos ajudar a alfabetizar a si e às outras pessoas. Consigo faremos individualmente.

– Pois, pois... respondeu Kapita com a expressão moderada.

– Foi só por isso que cá vim senhor Kapita e me desculpe qualquer coisa.

– Você devia ter dito logo. Andou aí a enrolar a enrolar. Eu sei disso. Quando um comerciante vem com muita conversa quer levar a melhor de mim. Está desculpado e será sempre bem-vindo.

Sapalalo e Zé António deixaram a casa de Kapita, satisfeitos. Zé António viu Mariazinha com a sua formosura agarrada ao arame farpado e a alguma palha que fazia o cerco e atirou-lhe um sorriso.

Kapita mandou construir um jango maior onde pudessem caber todos aqueles adultos e crianças em idade escolar. Com a autorização de Kapita, Sapalalo viabilizou a documentação e, quinze dias depois, Sapalalo ensinava Kapita e Zé António ensinava no jango o resto do pessoal, inclusive Mariazinha. Assim poderia estar mais perto dela e até pegar a sua mão para ensinar-lhe a segurar o lápis, como fazia com todos os outros aprendizes e ninguém faria conjecturas acerca do seu gesto.

“– POIS É SENHOR KAPITA, VOCÊ TEM CÁ MAIS DE CEM PESSOAS E NÓS PODEMOS AJUDAR A ALFABETIZAR A SI E AS OUTRAS PESSOAS. CONSIGO FAREMOS INDIVIDUALMENTE.”

Kapita aprendeu a ler razoavelmente em três meses e Sapalalo levava-lhe, sempre que podia, alguns jornais e ele com muito esforço procurava compreender o que neles estava escrito. Em pouco tempo tornou-se uma pessoa curiosa e interessada. Sapalalo ajudou-o a registar-se para adquirir uma certidão de nascimento e o bilhete de identidade. Um dia, Sapalalo passou pelo Banco de propósito, depois de algumas voltas pela cidade, antes de levá-lo a casa. Kapita ficou estupefacto com o que viu. Depois de ter visto como de um simples papel escrito entregue ao caixa Sapalalo recebeu cem mil kwanzas, Kapita ficou mais curioso e quis saber como era possível receber dinheiro através de um papel.

Sapalalo explicou-lhe dizendo-lhe que se em vez de vender os seus produtos em troca de outros bens recebesse dinheiro facilitaria tudo e poderia ter uma relação com o mundo mais abrangente. “Hoje, meu respeitável senhor, o dinheiro facilita as coisas. Já viu se tivesse que ir comprar uma carrinha em Luanda e ter de carregar o montante em número de bois para pagar a carrinha? Pois é! Ninguém nos vê, ninguém sabe, ninguém adivinha nada e não nos colocamos em perigo com estes ladrões de gado. Por isso, os nacionalistas fizeram a luta para vivermos melhor.”

“O DINHEIRO FACILITA AS COISAS. JÁ VIU SE TIVESSE QUE IR COMPRAR UMA CARRINHA EM LUANDA E TER DE CARREGAR O MONTANTE EM NÚMERO DE BOIS PARA PAGAR A CARRINHA?”

A amizade entre eles fluiu de tal forma que Kapita passou a ter total confiança em Sapalalo. Curiosamente sempre que lá fosse era Julieta, sua mulher mais nova, quem aparecia para os servir, apesar de haver muitas mais. Pelas características físicas, Julieta tinha mais ou menos a mesma idade de Mariazinha e agora era Sapalalo que se incomodava com a presença dela.

O mais velho não era burro e apercebia-se de como Kapita, com todo o respeito, distraía-se com os olhos postos em Julieta. Kapita tratava Julieta por vaquinha, apesar de para ele não ter significado ofensivo porque era em homenagem à vaca que lhe dava muito leite. De igual modo e com sentimentos semelhantes tratava Mariazinha por Cabritinha. Elas não gostavam, mas ele, sabido, insistia para ver a reacção delas e saber até que ponto elas o respeitavam.



**“SAPALALO MOSTROU-LHE O QUÃO IMPORTANTE ERA FAZER USO DOS SERVIÇOS BANCÁRIOS E ELE ANUIU À IDEIA E PASSOU A USÁ-LOS.”** Algum tempo depois e com uma mentalidade mais flexível, Kapita convidou Sapalalo para seu assistente para desenvolver e fortalecer a sua actividade comercial. Sapalalo mostrou-lhe o quão importante era fazer uso dos serviços bancários e ele anuiu à ideia e passou a usá-los. Aos poucos foi informando os seus compradores que passaria a receber dinheiro e não mercadoria em troca dos bois e do leite e começou a fazer as suas negociações com os comerciantes através de cheques ou depósitos bancários.

A sua última aquisição fora Julieta e com ela tivera dois filhos só que sentia já a sua pujança sexual a diminuir, roubando-lhe o sonho de vir a ter com ela muito mais crias. Para que o seu nome e o seu reinado não perdesse o domínio deu-lhe um cunho jurídico, atribuindo-lhe o nome de Kapita Kulanga e Filhos Limitada e passou a ter relações bancárias, cuidadas com muito zelo por Sapalalo que também tinha estudado contabilidade. Em agradecimento, Kapita fez dele um membro da família casando-o com Julieta, depois de desconfiar do interesse de Sapalalo por ela.

**“A FESTA DE CASAMENTO FOI DE GRANDE VULTO.”** A festa de casamento foi de grande vulto. Kapita chamou os sobas da região e autoridades do governo para presenciarem a cerimónia e agraciou-o juntando-lhe o seu nome ao dele. Sapalalo Cabrita passou a chamar-se Sapalalo Cabrita Kapita Kulango.

Com todas estas honras adquiridas pelo tio Sapalalo, Zé António via as coisas se tornarem mais fáceis para ele em relação ao interesse que tinha por Mariazinha. Mariazinha aprendeu a ler e a escrever e mostrava às mães que com ela aprendiam a ler e a escrever que as mulheres já não precisavam de ser trocadas por cabeças de gado. “Há outras formalidades que não fogem à nossa tradição.” – Xê! Você anda a aprender muito com esse Zé mulato! – disse uma das mulheres de Kapita. – No nosso tempo não era assim! – Mas, mamã, o que acontece hoje não é igual ao que acontece amanhã. É preciso ter respeito e o que o Zé me ensinou, também é de respeito. Naquele tempo, o papá que era respeitado, não tinha liberdade. Agora são os irmãos a mandar nos irmãos.

Esta mulher foi explicando ao Kapita que a mulher pode ser respeitada e valorizada se adquirirmos outras tradições. São só os produtos que mudam, mas o valor pode ser o mesmo. Enfim, Kapita entendeu que se pode valorizar as mulheres dentro do respeito e preceitos concebidos pela tradição e em vez das cabeças de gado foi realizado uma cerimónia à moda do alembamento como incutira Sapalalo na cabeça de Kapita com a ajuda de Julieta, agora mulher de Sapalalo, nas suas alusões aos direitos das mulheres. Como se tratava de pessoas avantajadas, Kapita não se sentiu defraudado. Pelo contrário, além do que estava previsto, ganhou um televisor e um aparelho de som. Desde então, Kapita utiliza os cheques bancários, talões de depósitos e os extractos de conta, sempre que precisa. Está satisfeito e aconselha outros comerciantes da região. Enquanto Sapalalo vai se empenhando para esclarecer os demais sobre as vantagens de se ter o dinheiro no Banco. **FIM**



ISMAEL

## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

NASCEU EM LUANDA, A 6 DE JULHO DE 1964. É JORNALISTA, ANALISTA POLÍTICO E DOCENTE UNIVERSITÁRIO.

OBRA PUBLICADA BUÉ DE BOKAS, EDIPRESS/1992, ANGOLA | A FESTA E O LUTO, VEJA EDITORA/2000 (COORDENAÇÃO) | OS TEMPOS DE YA KALA YA, NZILA/2001 | SOBRAS DA GUERRA, NZILA/2003 | EXPERIÊNCIAS DO SENTIR, U.E.A./2005.

TEXTOS SOLTOS *CRÔNICAS*, BUÉ DE BOCAS | *CRÔNICAS*, RECADOS PARA O MEU CHEFE | *COLUNA*, SINAIS DOS TEMPOS (SEMANÁRIO CRUZEIRO DO SUL) | *COLUNA* DE ANÁLISE POLÍTICO-SOCIAL, VOTO NA MATÉRIA, SEMANÁRIO ANGOLENSE.

MATEUS

# A PROFETISA DA VERDADE

CREMILOA JOÃO, A SECRETÁRIA NOS ÚLTIMOS QUATRO ANOS, SABIA BEM A IMPORTÂNCIA QUE O SEU CHEFE DAVA AO DIA DOS ANOS. EM DIAS NORMAIS, ÀS SEIS DA TARDE, AINDA HAVERIA UM MOVIMENTO DE CINCO OU SEIS PESSOAS POR RECEBER, UM ENTRA E SAI DE ASSESSORES E TÉCNICOS E AINDA UMA PASTA DE DOCUMENTOS À ESPERA DE ASSINATURA. HOJE TUDO É DIFERENTE, OS ASSUNTOS FORAM TRANSFERIDOS PARA O DIA SEGUINTE.

– Chefe, tem mesmo de ser agora para depois ir à-vontade comemorar com a sua família. Fizemos um lanche, só com gente do gabinete – rogou ela ao retirar a pasta dos despachos.

No pequeno vestiário do gabinete, pegou no casaco para ajuda-lo a vestir-se. Nestes quatro anos de convívio diário, Cremilda sabia que ele gostava de se pôr à-vontade no gabinete. O casaco era a primeira peça a ir para o cabide. Se a agenda não incluísse encontros com gente de fora da companhia, o que era raro, a gravata também saía. Em qualquer dos casos, antes de cada encontro, ela apressava-se a abrir o casaco para que o chefe o vestisse e a ajeitar-lhe a gravata. Era sempre assim antes de um encontro ou antes dele sair do gabinete.



“O NÉON DO RESTAURANTE QUE ROUBAVA O ROMANTISMO NATURAL DA NOITE FOI OFUSCADO POR DEZENAS DE SUMÁRIOS CLARÕES FOTOGRÁFICOS.” – O guarda e o motorista já estão à espera, chefe – insistiu. Sempre que tivesse de acompanhar o chefe, Cremilda era a última a sair e a primeira a chegar ao local de destino. Não seria diferente hoje, pelo que fez uso do habitual acordo com o motorista para que, nesses casos, escolhesse um caminho mais longo e uma velocidade mais branda. Assim, foi-lhe possível sair depois do chefe e chegar ao restaurante com três a quatro minutos de avanço, que eram mais do que suficientes para mobilizar e perfilar os restantes cinco administradores à entrada. Deslizando lenta e silenciosamente, o Chrysler executivo preto parou. O guarda apressou-se a abrir rapidamente a porta para que o chefe saísse. O néon do restaurante que roubava o romantismo natural da noite foi ofuscado por dezenas de sumários clarões fotográficos. Uma lanterna incandescente iluminou de modo mais forte ainda, subjugando a noite em nome das boas imagens televisivas.

Mesmo assim não houve nenhuma entrevista. A presença da imprensa é frequente e, de modo nenhum, implica declarações públicas. Os administradores, perfilados em fila indiana, começaram de imediato a dar-lhe os parabéns. Um aperto de mão, um abraço e a correspondente foto. Um aperto de mão um abraço e uma foto. Repetiu-se o cumprimento pelos cinco homens. Antes que a porta do restaurante se abrisse, Cremilda encostou-se a ele e, com dois beijos, também apresentou os seus parabéns pelo aniversário.

As portas em madeira abriram-se de par em par. Aos seus pés nasceu de imediato um longo tapete vermelho que se serpenteava da porta à mesa central. Luminosidade total. Ambiente festivo nas vestes dos convidados e no som do discjockey.

Cremilda relegou-se a um plano invisível. D. Florença, a mulher do chefe, tomou de modo visível as rédeas da cerimónia. D. Florença, que passara de secretária a esposa, tinha controlado todo o programa da festa surpresa, como, de resto, fazia até com a agenda oficial do marido. Cremilda esquelhou-se por entre os convidados, ocupando uma mesa de terceiro plano, de acordo com a distribuição definida, revista e corrigida várias vezes por D. Florença.

“CREMILDA ESGUELHOU-SE POR ENTRE OS CONVIDADOS OCUPANDO UMA MESA DE TERCEIRO PLANO, DE ACORDO COM A DISTRIBUIÇÃO DEFINIDA, REVISTA E CORRIGIDA VÁRIAS VEZES POR D. FLORENÇA.”

Existiam entre quarenta a cinquenta mesas de dez lugares cada. “Não tenho assim tantos amigos”, pensou consigo mesmo. Sobre o tapete vermelho, a caminho da mesa central, os convidados foram batendo palmas numa cadência ajustada aos passos da caminhada. Embora a decoração fosse a mesma, a imagem dos convidados era diversificada. Pareciam salas diferentes num mesmo espaço. Um grupo de dez a quinze mesas eram ocupadas por gente vestida a rigor. Fatos de bom corte e senhoras com finos vestidos de noite. Mais distantes do centro, numa espécie de segunda linha, outras quinze mesas com gente mais modesta. Muitos em mangas de camisa, camisas africanas, tal como senhoras em exuberantes trajes africanos. Lá mais para a terceira linha estavam outras tantas mesas preenchidas por um misto de colorido, trajes formais e informais, jovens e velhos.

Da sua engalanada mesa central, o chefe olhou finalmente para a sala com olhos de ver. Depois de nos últimos anos ter passado o aniversário em diversos países por sugestão da mulher, desde muito cedo foi anunciando que este ano não viajaria. Tinha a absoluta certeza que a mulher faria uma festa em sua homenagem e, por isso, preparou-se.

“AOS SESSENTA ANOS  
QUERIA COLHER ABRAÇOS  
QUE HÁ MUITO NÃO RECEBIA,  
QUERIA OUVIR PALAVRAS  
DITAS DO CORAÇÃO...”

Florência não fazia nada que não desse nas vistas, nem mesmo vestir-se. Haveria de preparar uma festa, sem dúvidas e seria qualquer coisa para aparecer nas páginas dos jornais e revistas da especialidade. Aos sessenta anos queria colher abraços que há muito não recebia, queria ouvir palavras ditas do coração como deixara de ouvir desde a sua entrada para a política. Sentou-se finalmente à mesa, agradado com a surpresa que tinha a certeza que seria feita. Do alto da mesa central foi disparando olhares para todos os lados fazendo o exercício mental de descobrir caras, lembrar-se dos nomes e dos familiares que há muito não via. Nas mesas da primeira linha era tudo mais fácil: caras conhecidas da televisão e da sociedade.

Ministros, deputados administradores da sua companhia e de congêneres. Gente da alta sociedade que mobilizava as atenções da imprensa. Na segunda fila, aí sim, o desafio era maior. Foi olhando para as pessoas. Gente que já não via há muito tempo. Amigos de infância. Familiares. Antigamente, os óbitos e festas eram também locais de reencontro familiar mas as viagens, as reuniões e os compromissos oficiais não lhe permitiam estar presente.

Florência não era muito de receber familiares em casa, a menos que fossem figuras públicas ou estivessem com repórteres de uma revista cor-de-rosa. Da sua mesa foi olhando, adivinhando pelas feições as ligações familiares de quem não conhecia. Foi vendo a velhice no andar e no modo de vestir dos seus amigos. A roupa que se veste é um dos elementos reveladores da qualidade de vida.

Pouco tinha mudado dos velhos tempos. Florência, era preciso reconhecer, tinha conseguido realmente surpreender, já que tudo indicava que convidaria unicamente as figuras in, como gostava de dizer. Lá mais ao fundo, estavam os seus colaboradores directos. Cremilda, a secretária executiva, sua cúmplice, os directores e gente que por mais esforço que fizesse não conseguia identificar. “Os meus olhos já não são como eram”, – desculpou-se consigo mesmo.

Cada grupo de mesas estava concebido para ter a sua pista de dança, o seu ponto de bebida e a sua comida por perto. Dito de outro modo, os grupos de convidados não deveriam interagir uns com os outros, o que era perceptível e expectável tendo em conta que Florência era a organizadora.

“... OS GRUPOS DE CONVIDADOS  
NÃO DEVERIAM INTERAGIR  
UNS COM OS OUTROS, O QUE  
ERA PERCEPTÍVEL E EXPECTÁVEL  
TENDO EM CONTA QUE FLORÊNCIA  
ERA A ORGANIZADORA.”

Ainda assim, pediu explicações à Cremilda.

– Quem fez a distribuição das mesas? – perguntou ele.

– Foi a D. Florência, chefe.

– Qual foi o critério?

– Não sei mesmo, chefe – respondeu Cremilda. Ela disse-me que assim era melhor para todos.

Sem muita pressão, Cremilda descoseu-se em informações sobre as surpresas da noite: dança do ventre, um vídeo de depoimentos e uma sessão especial de entrega de prendas com música ao vivo, fogo de artifício e champanhe a rodos. Tudo indicava, afinal, que as extravagâncias não seriam muitas. Só não queria mesmo o vídeo com depoimentos. Tinha outras ideias para a noite. Estava cansado de falsidades. Cremilda foi orientada a pôr em marcha a surpresa que o chefe tinha preparado para os seus convidados

– Vai ser necessário um microfone e uma câmara de filmar. Quero os depoimentos gravados – disse ele.



“ENQUANTO AS DANÇARINAS SE CONTORCIAM DE UMBIGO À MOSTRA, UM MICROFONE E UMA CÂMARA DE FILMAR FORAM MONTADOS COM UMA ASSINALÁVEL EFICIÊNCIA E DISCRIÇÃO.”

Enquanto as dançarinas se contorciam de umbigo à mostra, um microfone e uma câmara de filmar foram montados com uma assinalável eficiência e discríção. Teria de continuar assim nas restantes etapas da missão. O discjokey foi incumbido de atrair todos os convidados para a parte frontal à mesa do aniversariante, que faria um pequeno discurso de boas vindas. Esperavam-se palavras breves para não arrefecer o ambiente mas suficientes para que dezenas de mesas migrassem de um lado para outro, mudando a configuração da sala.

– Agradeço a todos terem vindo ao meu aniversário. Agradeço particularmente à minha mulher por ter criado a possibilidade de rever pessoas que não via há muitos anos, familiares e amigos, colegas. Faço hoje 60 anos. Começo a pensar no descanso. Talvez nem sequer fique por mais tempo em funções. Por isso quis tanto fazer esse aniversário aqui no país.

Quero recuperar a minha vida. Os meus amigos. Uma vida sem mentiras e sem hipocrisia. Começo a ter idade para saber conviver com a verdade. Hoje só estão aqui os meus amigos. Se tiverem de dizer alguma coisa, sejam verdadeiros. Não me poupem. Com alguns de vocês cometi erros graves. Abandonei os amigos. Dei mais prioridade aos negócios e à politica do que à família. Podem atirar-me isso à cara. Digam a verdade. Não aguento mais com essa vida de mentiras entre nós. Obrigado por terem vindo. Sintam-se à-vontade”.

A agitação foi grande. Muitas palmas para o discurso. Todos mostraram-se emocionados. A sinceridade do discurso reaproximou os velhos amigos. Os abraços pareciam mais calorosos. As primas apresentavam os seus filhos que só conheciam o tio da televisão e dos jornais. Os colegas elogiavam a clarividência. Cremilda fazia o seu trabalho com a mesma eficiência. Aproveitou a distracção para reconfigurar a sala. Acabaram-se as diferenças. Todos os convidados, sem distinção, ficaram sentados no mesmo lado da sala. Todas as mesas do mesmo lado. Uma única pista de dança. Um mesmo serviço de bar.

“A SINCERIDADE DO DISCURSO REAPROXIMOU OS VELHOS AMIGOS. OS ABRAÇOS PARECIAM MAIS CALOROSOS.”

– “Meus senhores, na sequência do que foi dito pelo chefe, temos aqui este microfone à disposição de quem queira dizer alguma coisa”. O convite foi imediatamente atendido. Florência foi, naturalmente, a primeira. Agradeceu a Deus por lhe ter oferecido um marido muito bom. Pediu a Nosso Senhor que lhes desse, a ela e ao marido, longa vida, outros 60 anos de vida. Vieram-lhe as lágrimas ao falar do amor deles e da diferença de idades. Melhor marido do mundo. Inteligente. Moderno. Paciente. Amigo. O desfile de elogios até conquistou a inédita simpatia da família dele que a via como responsável pelo afastamento.

Alguns convidados seguiram o exemplo. Elogios e palavras bonitas. Cada um fazia um discurso mais adjectivado que o anterior: “Ele é como um pai para mim”. “Devo tudo a ele”. “É uma pessoa incomparável e insubstituível”. “É o melhor chefe do mundo”. “Ele é meu subordinado mas eu sempre o tratei por chefe. Aprendo todos os dias com ele”.

Elogios e juras de sinceridade eram o que mais se ouvia. Aparentemente, o chefe estava a ter a sua noite de sonhos. Na sociedade, na imprensa e até na família havia a ideia que ele se viciara em receber elogios. Gostava muito e até, silenciosamente, incentivava quem lhe fizesse elogios públicos. Esse era o caminho que todos os jovens aspirantes a cargos e carreiristas conheciam como a estrada da ascensão. Durante uma hora, todos os declarantes fizeram gosto ao seu narcisismo. Era tudo muito sincero. Tudo vindo do coração. De outro modo não podia ser perante uma figura ímpar, de uma inteligência rara, para além dos grandes valores humanos de que sempre dera provas.

“DEIXAS TUDO PARA OS TEUS FILHOS MAS EU É QUE ATURO O TEU REUMATISMO. A TENSÃO ALTA E TODAS AS TUAS MANIAS.”  
Pela milésima vez, olhou para o relógio e, finalmente, pela brusquidão do gesto com que chamou Cremilda, encontrou o que procurava. Era a única a saber das razões da impaciência e, ao sinal, foi receber Mamã Zinha. Era a única das convidadas a ter direito o tapete vermelho. Amparada por Cremilda, Mamã Zinha, mulher de 1,80m de altura e mais de 150kg de peso, seguia lentamente pelo tapete vermelho como se fosse a Rainha de Inglaterra vestida de panos do Congo. Um cochicho generalizado andou pela sala mas, logo logo, fez-se um silêncio gelado. Ao microfone, Cremilda anunciou a presença na sala de Mamã Zinha. E o cochicho ecoou saltando ruidosamente de mesa em mesa.

“MAMÃ ZINHA, A PRÓPRIA, ESTAVA ALI, DE CARNE E OSSOS, ENCOBERTA EM PANOS DE CONGO DA CABEÇA AOS PÉS. ASSIM SE MANTEVE MESMO DEPOIS DE SE SENTAR, DEIXANDO À MOSTRA APENAS PEQUENOS OLHOS NEGROS.”

Toda a sociedade a conhecia. Pelo menos de ouvir falar. Raramente aparecia em público e, por isso, o conhecimento era baseado nas mil histórias contadas sobre os seus dons, as feições e tamanho. Dizia-se que tinha o dom da ubiquidade. E também tinha o da invisibilidade, podendo, por isso, estar fisicamente num local mas também num outro ou ainda estar nesses dois fisicamente mas em alma, comunicando-se por interposta pessoa, estar noutro. A sua imagem não se reflectia em espelhos nem era captada por lentes. Não era difícil de entender, então, que a imprensa nunca a tenha fotografado ou filmado. A justificação é que tinha sempre a cara encoberta, mas a sociedade sabia, todos sabiam, tinham a certeza absoluta que era infotografável. Mamã Zinha, a própria, estava ali, de carne e ossos, encoberta em panos de Congo da cabeça aos pés. Assim se manteve mesmo depois de se sentar, deixando à mostra apenas pequenos olhos negros.

O anúncio da presença de Mamã Zinha fez estremecer a sala. No meio político todos a conheciam. Embora ninguém admitisse, muita gente famosa, entre políticos, governantes, actores, músicos e jornalistas recorriam aos seus serviços. Em Calumbo, uma casa de adobe sem reboco recebe todas as noites gente que se faz transportar em jeeps de grande cilindrada. Mamã Zinha é a profetisa da verdade. Tem a capacidade de ler os pensamentos e de distinguir a verdade da mentira. Os seus clientes procuram provas de amizade, fidelidade ou de sinceridade. Vão em busca de informações sobre o que pensam os seus próximos, inimigos, concorrentes, subordinados e chefes.



Os poderes de Mamã Zinha são, ao mesmo tempo, temidos. Aqueles que, na presença dela, teimam em fazer passar a mentira por verdade podem correr risco de vida.

“OS PODERES DE MAMÃ ZINHA SÃO, AO MESMO TEMPO, TEMIDOS. AQUELES QUE NA PRESENÇA DELA, TEIMAM EM FAZER PASSAR A MENTIRA POR VERDADE, PODEM CORRER RISCO DE VIDA.”

Com a entrada de Mamã Zinha, a maior parte dos convidados tomou consciência que naquele exacto momento tinham perdido a privacidade. Era uma violação. Dolorosa e invasora. O pensamento, o reduto intransponível da privacidade de cada um, tinha sido naquele momento tomado, usurpado por Mamã Zinha. Fosse o que fosse que alguém pensasse naquela sala, Mamã Zinha tinha a capacidade para ouvir, ler e interpretar. Era uma sentinela do pensamento alheio, em permanente vigia e escuta. A solução era não pensar em nada para impedir que Mamã Zinha tivesse o prazer de violar o pensamento dos outros e, ao mesmo tempo, não pensar para preservar a propriedade do pensamento. Cada um foi-se debatendo com a intenção de não pensar em nada. Rejeitar o próprio pensamento para reconquistar o direito à privacidade do pensamento.

A aflição dos convidados era geral. A música tinha parado para permitir que cada um se concentrasse totalmente no esforço de não pensar. Não pensar em nada. Uns assobiavam.

Outros começaram a fazer movimentos de rotação da cabeça, extensão e flexão dos braços e outros movimentos de ginástica básica. Havia também quem se mostrasse profundamente irrequieto na cadeira numa luta surda contra as suas próprias ideias. Mamã Zinha continuava calada, sentada e atenta aos presentes. O chefe era o único cujo pensamento podia fluir sem restrições. Como contratante, tinha o direito de pensar à-vontade. Poderia, se o quisesse, apontar para um dos convidados e informar-se junto de Mamã Zinha sobre o seu secreto pensamento.

“HAVIA TAMBÉM QUEM SE MOSTRASSE PROFUNDAMENTE IRREQUIETO NA CADEIRA NUMA LUTA SURDA CONTRA AS SUAS PRÓPRIAS IDEIAS.”

Entre os presentes muitos já choravam de raiva, impotentes na tentativa de impedir os seus próprios pensamentos. Debatiam-se terrivelmente contra o seu próprio pensamento. Quanto mais pensavam em não pensar, mais pensavam. Tapavam a boca para impedir que uma palavra os traísse mas, dentro da cabeça, produzia-se o raciocínio. Exaustos, cansados de um pensamento que não queriam, extenuados de tanto mostrar que não pensavam, aos poucos alguns convidados começaram a ceder. E se tinham que pensar, que fosse em algo que não os prejudicasse. Uns optaram por pensar no que o chefe gostaria que eles pensassem e assim concentraram-se para que mentalmente assumissem como seu tudo o que supostamente o chefe gostaria de ouvir ou que eles pensassem.

Outros, porém, optaram por fazer um percurso diferente. Não podendo combater ou esconder o pensamento e temendo por perigosas revelações de Mamã Zinha, outros convidados optaram por falar com o chefe. Falar a verdade. O dom de descobrir a verdade, de identificar a mentira, mesmo que em pensamento, era o alicerce de toda áurea e fama de Mamã Zinha. A sociedade sabia de muitos e muitos casos de gente que, teimando em contar uma mentira, perdeu a vida. Ou também de gente desmascarada em público depois de ter tentado esconder um pequeno roubo na empresa, um pensamento pecaminoso em relação ao colega ou o adultério.

“A SOCIEDADE SABIA DE MUITOS E MUITOS CASOS DE GENTE QUE, TEIMANDO EM CONTAR UMA MENTIRA, PERDEU A VIDA.”

A sua presença aconselhava todos a um caminho de rectidão e de verdade, sob pena de começarem problemas de ordem intestinal, convulsões, espasmos ou até mesmo morte. Depende tudo do grau da mentira, das suas consequências e do grau de persistência do mentiroso. Florência estava tensa. Nervosa. Mais do que isso: aterrorizada. Só perdia as poses e se esquecia dos fotógrafos e câmaras quando algo a aterrorizava. Levantou-se, olhando repetidas vezes para Mamã Zinha como se temesse que ela dissesse alguma coisa antes do tempo. Foi dizer ao marido que precisavam de falar em particular.

- Amor, tenho de te dizer uma coisa... mas é tão difícil que não sei por onde começar...
- Não pode ser em nossa casa?
- Não. Nem pensar. Por amor de Deus tem de ser agora. Sabes que sou gananciosa, não sabes?
- E então... – perguntou ele?
- Não dificultes ainda mais. Está a ser muito difícil falar disso e não quero que me interpretes mal.
- Estou a ouvir-te...
- Ultimamente tenho tido uns pensamentos muito negativos. Talvez eu não seja essa companheira que tu esperas.

Nesse exacto momento, Mamã Zinha pôs-se em pé, provocando um novo bruaá na sala. Ia mostrar a cara. Má sorte para os presentes.

De imediato, um grupo de pessoas correu para o microfone. Dez a quinze pessoas entre administradores, colegas e amigos começaram repentinamente a lutar pelo microfone, na esperança de ainda puderem dizer a verdade antes de Mamã Zinha desnudar a cabeça. A realimentação provocada pela luta pelo microfone, impedia que fossem ouvidos com clareza. A opção era gritar. Puxa para aqui e puxa para ali, cada um ia tentando gritar a sua verdade. Ingrato, egoísta, presunçoso, estúpido, invejoso ouviam-se todos os impropérios jamais ditos a seu respeito. Mamã Zinha pediu à Cremilda que dissesse aos que lutavam pelo microfone que a declaração teria de ser individual. Obedeceram de imediato.

“O DOM DE DESCOBRIR A VERDADE, DE IDENTIFICAR A MENTIRA, MESMO QUE EM PENSAMENTO, ERA O ALICERCE DE TODA ÁUREA E FAMA DE MAMÃ ZINHA.”

O administrador Bastos Lopes, segundo homem da hierarquia na companhia angolana de recursos minerais tinha emocionado os presentes com a afirmação de que o chefe era como um pai para si. Puxou pelos seus galões de segundo homem para usar de novo da palavra. Olhando sempre para Mamã Zinha, agarrou-se vigorosamente ao microfone:

“Filipe, tu pediste sinceridade e agora vais tê-la. Não é por causa da Mamã Zinha mas estava na hora também de saberes que eu te odeio. Eu é que deveria ser o presidente da companhia. Eu é que faço tudo. As principais ideias são minhas. No entanto, os louros são sempre para ti. Odeio-te, Filipe. Odeio-te.”

“EU É QUE DEVERIA  
SER O PRESIDENTE  
DA COMPANHIA. EU É QUE  
FAÇO TUDO. AS PRINCIPAIS  
IDEIAS SÃO MINHAS.”

Bastos Lopes olhou o tempo todo para a figura de Mamã Zinha como se esperasse uma aprovação. Não teve tempo, alguém tão ansioso e igualmente “raivoso” desmentiu a sua própria adjetivação de melhor chefe do mundo. “É um egoísta. Só promove os familiares dele. Estou na companhia há 15 anos e nem casa tenho. Andou a dar casa às namoradas e secretárias. É um mais velho sem juízo.”

Mamã Zinha continuava inexpressiva. Sentada, coberta pelos seus panos de Congo, impávida. Os declarantes, inquietos e nervosos, olhavam repetidas vezes para ela temendo que fossem apanhados numa mentira. Esforçavam-se por gestos e palavras por mostrar-se os mais dignos portadores da brutal sinceridade. Os que não falavam batiam palmas. Uns queixando-se da ambição de Filipe Correia, outros do seu desprezo pela família e não faltou quem confessasse desejar a sua morte.

Matias, o jurista da companhia revelou-se. “E não sou o único. Eu e a Florência estamos à espera que morras.” Foi essa a única declaração a levar o Filipe Correia, o chefe, a perder as estribeiras. “Tu e Matias?”, virou-se para Florência.

– “Não tenho nada com ele. É isso que eu te queria contar.”

– Cala-te, Florência. Não ouviste o que ele disse? Vocês os dois, o casalinho, está interessado em ver-me morto.”

– É por causa do testamento. Ele ajudou-me a fazer um falso testamento. Deixas tudo para os teus filhos mas eu é que aturo o teu reumatismo, a tensão alta e todas as tuas manias. Tenho um testamento falso. Não saberias, ninguém saberia se não fosse essa bruxa que foste buscar.”

A fila das confissões ainda tinha duas ou três pessoas. Naturalmente, os revoltosos foram-se agrupando a um canto verberando e xingando. Quatro dos cinco administradores estavam no grupo. Florência e Bastos Lopes lideravam. Três dos cinco directores também. Um velho amigo de infância queixava-se do sacana do amigo que só o tinha ajudado uma vez, para um óbito familiar. Ao lado, uma segunda linha de apoiantes, os que não tinham falado mas subscreviam tudo na íntegra. Antes tinham apoiado e gritado vivas. Agora estavam do contra, batendo palmas aos ataques mais vigorosos. Mamã Zinha continuava impávida.

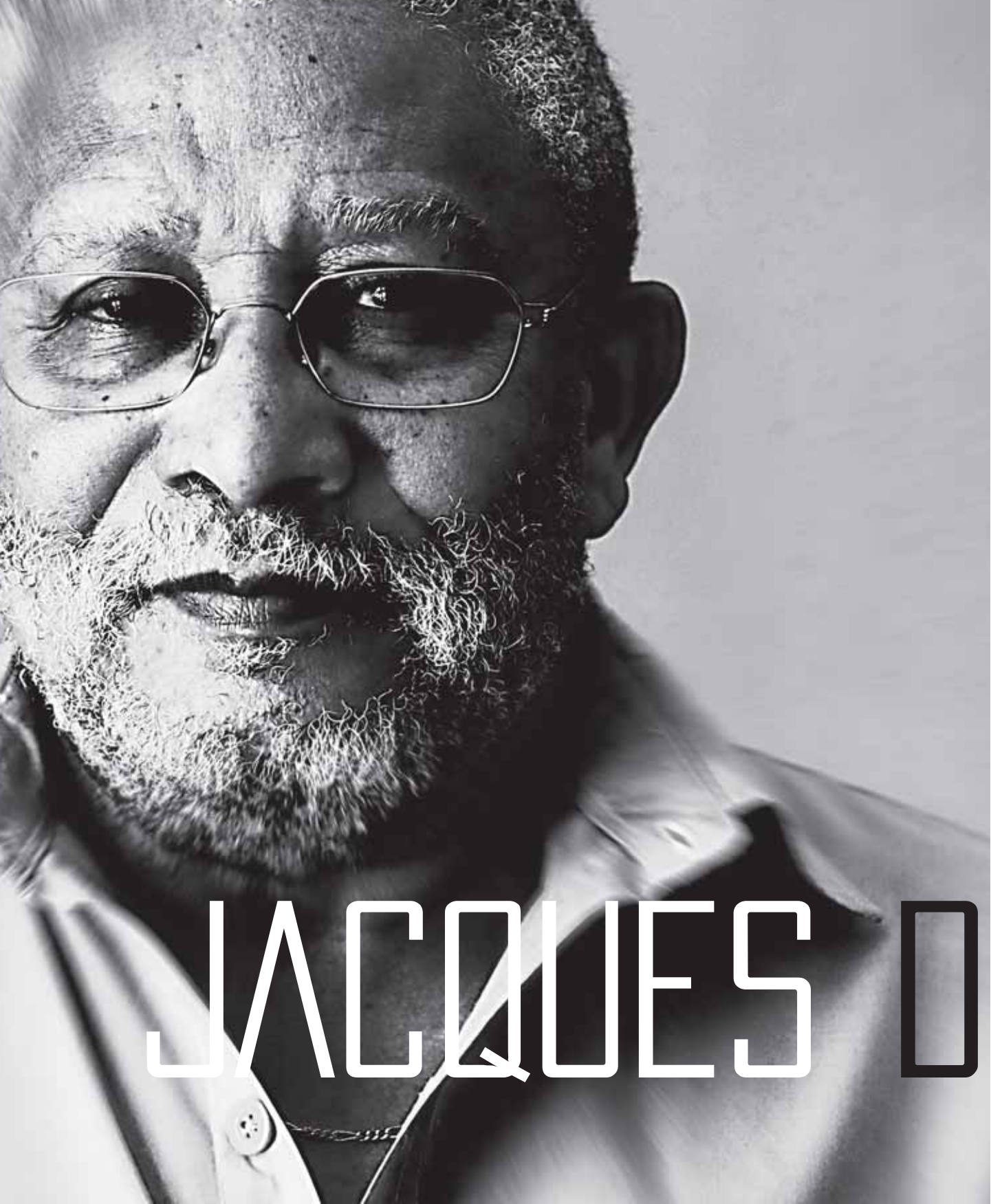
“... OS REVOLTOSOS  
FORAM-SE AGRUPANDO  
A UM CANTO VERBERANDO  
E XINGANDO.”

Filipe Correia ouviu-os até ao último minuto. Olhou para os revoltados e os amigos e avançou para o microfone. Mamã Zinha também. Era o momento em que ela abriria o jogo. Destaparia a cara e a verdade ditaria a sorte de cada um. Quem tivesse mentido, sofreria as consequências. Filipe Correia, o chefe, e Mamã Zinha chegaram-se ao microfone. Sentia-se o nervosismo no tilintar dos copos e na inquietação corporal de muitos.

“COMO PODEM VER, QUEM ESTÁ  
AQUI A MEU LADO NÃO É  
MAMÃ ZINHA COISA NENHUMA,  
APENAS O NELSON,  
O MEU MOTORISTA E CONHECIDO  
DE TODOS NÓS.”

— Como vos disse. Esta é uma noite especial. Eu sempre soube que muitos de vocês pensam de mim o que acabaram por revelar. Ninguém é a figura adorada e idolatrada que vocês tentaram vender de mim. Hoje muitos foram sinceros comigo e por isso eu também tenho a obrigação de ser sincero com vocês. Esta Mamã Zinha que aqui esteve foi uma mentira minha, como a mentira que vocês me pregaram estes anos todos. Como podem ver, quem está aqui a meu lado não é Mamã Zinha coisa nenhuma. Apenas o Nelson, o meu motorista e conhecido de todos nós.

E abriram-se os panos. De dentro veio de facto o Nelson José. E apenas o Nelson. Nada do dom da verdade. Nada de decifradores de mentiras. Só mesmo o Nelson José, motorista do presidente da Companhia dos recursos naturais há cinco anos, cumprindo uma estranha missão. FIM



## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

NASCEU EM CALULO, KWANZA SUL, A 6 DE OUTUBRO DE 1943. PROFISSIONAL DE SEGUROS E TÉCNICO DE CONTAS. FOI DEPUTADO A ASSEMBLÉIA NACIONAL NO PERÍODO 1994/2008. FUNDADOR E PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E RECREATIVA CHÁ DE CAXINDE HÁ 20 ANOS. ADMINISTRADOR DA EDITORA E LIVRARIA CHÁ DE CAXINDE. ESCRITOR E CRONISTA. MEMBRO DA U.E.A.

OBRA PUBLICADA CASSECA, CENAS DA VIDA EM CALULO | CHOVE NA GRANDE KITANDA | ABC DO BÊ Ó | BERTA YNARI OU PRETÉRITO IMPERFEITO DA VIDA (VENCEDOR DO PRÉMIO SONANGOL DE LITERATURA) | KASACAS E CARDEAIS.

# JACQUES DOS SANTOS

# JANDIRIANA

(VIDA E MORTE NO CARNAVAL)

AS NÁDEGAS PERFEITAS ESCORREGAM LENTAMENTE DO ASSENTO. A DONA RETIRA DE DENTRO DO TÁXI AZUL-CANDONGUEIRO AS COMPRIDAS E ESBELTAS PERNAS, DESNUDAS ATÉ AO SÍTIO DAS COXAS ONDE PÁRA A SAIA BRANCA, MUITO CURTA E TRAVADA. DEPOIS, INDIFFERENTE AOS OLHARES CURIOSOS DO MOTORISTA E DO CHAMADOR, DÁ ATENÇÃO AOS LONGOS CABELOS QUE ESCONDEM ENTRE OS SEUS FIOS INÚMEROS E MULTICORES PAPELINHOS, UMA AMÁLGAMA DE CONFETIS E SERPENTINAS DE FESTA CARNAVALESCA.

São cabelos alheios, lisos e sedosos, daqueles que dispensam a acção severa dos ferros de esticar carapinhas. Enfeitam-lhe por empréstimo, mas muito bem, a cabeça bonita. Com uma grande pasta pendurada no braço direito, protege-os da chuva fininha que marca presença incómoda e a molha devagarinho. Lança rápidos olhares para um e outro lado da rua pouco iluminada mas ainda com algum movimento de carros e pessoas. Lá mais no fundo soam acordes derradeiros do “Semba para Luanda”, a música de Mukenga e Zau cantada por Voto Gonçalves, que este ano, diz-se, vai ganhar o prémio maior da canção.



Com os altos saltos dos sapatos brancos, da cor da saia, a dificultarem-lhe a marcha, atravessa a via apressadamente e quase que cai ao pisar o chão do passeio esburacado. Antes de bater à porta do chimbeco de madeira que fica logo ali, no começo do beco escuro, mostra de miséria assustadora, hesita um momento e pensa perguntando “não tem luz em casa?” Olha em redor sem interromper o raciocínio mudo “vou ainda ligar à Martinha”, e retira da pasta que combina na cor com a saia e com os sapatos, um telemóvel cheio de luz e música, daqueles que até filmam e fazem fotografias.

- Como é? A luz ainda não veio na tua zona? – após pequena pausa  
– aqui parece só tem na rua – e logo a seguir – se no meu cubico não brilhar vou cubar aí.  
Manda, decidida, a mão fechada em soco, contra a porta de esquadria cambaia.  
– Quem está a bater a esta hora? – resmunga dentro da casa embeçada uma voz sumida e ensonada.

“... – DIZ PARA A FIGURINHA DE MULHER QUE PARECE NÃO TER IDADE E QUE LHE SURGE NO POSTIGO ENTREABERTO, OLHANDO-A COM AR ESQUISITO, UM RETRATO MISTO DE SONO E ESPANTO.”

– Sou eu, a Jandiriana – distingue entre os ruídos concentrados na rua os passos que se arrastam até à porta enquanto confere que não há mesmo luz – mamã, não vale a pena abrir só, sem luz eu não vou dormir aqui, com esse sereno que está a cair, não estou para ir na retrete no quintal todo cheio de lama – diz para a figurinha de mulher que parece não ter idade e que lhe surge no postigo entreaberto, olhando-a com ar esquisito, um retrato misto de sono e espanto.

– Entra ainda... o tio Firmino acabou por morrer... temos que passar lá no óbito... – a notícia não lhe transmite a tristeza que normalmente esses mambos carregam.

– Merda! Como é que ele foi morrer no dia do Carnaval? – não coloca nenhuma emoção nas palavras – Que se lixe, ele não merecia nem o tempo de lhe pensar, quanto mais de lhe chorar... tu sabes bem o que estou a falar. Eu hein? Não vão me apanhar lá... inda por cima tenho compromisso de desfilhar com a Juventude Unida na Marginal – imediatamente pensa em Vicentino, o elegante comandante, com quem vem curtindo um tórrido romance, desde que iniciaram os ensaios.

“...- IMEDIATAMENTE PENSA EM VICENTINO, O ELEGANTE COMANDANTE, COM QUEM VEM CURTINDO UM TÓRRIDO ROMANCE, DESDE QUE INICIARAM OS ENSAIOS.”

- E é preciso falar assim com esses modos de rosqueira? Ainda deixa te perguntar que vida é essa que estás a levar, minha filha? – a voz escapa-se involuntária da boca da mulher, a cara não esconde o receio da resposta nervobrava que não tarda.  
– É essa a vida que te sustenta – dispara com rudeza – vai mas é dormir e não chateia – ordena enquanto dá meia volta e inicia desembaraçadamente o regresso pelo mesmo trajecto da ida.

A dúzia de passos andados no ritmo acelerado que o chuvisco obriga, é inesperada e bruscamente interrompida. Ela repara numa luz forte de carro turismo parado lá à frente. O foco insistente do acende-apaga, parece procurar o seu vulto. Tímidas buzínadelas complementam entretanto o sinal de luzes e logo-logo Jandiriana (que a mostra já deu para ver que é, para além de arrogante e malcriada, uma jovem bonita de bom físico, com as coisas todas no devido lugar), entende que a sinalética é um declarado convite para ela.

– Como é que me apanhaste? – debruçada sobre a janela do carro de cor escura metalizada cujo vidro descera automaticamente, pergunta ao homem de meia idade, gordo e barbudo, a lançar olhares gulosos sobre o par de seios rijos que se oferecem generosamente.

– Parece que tu não me entendeste bem... mesmo numa festa de Carnaval eu não posso dar bandeira ali no meio daquela maralha toda... sabes que sou muito conhecido... – justifica o homem que tem todo o ar de “muata”, aliás, só pode ser “muata” um tipo que é dono dum carro daqueles.

– Yá, tá bala... – de repente o olhar de Jandiriana fica sério, mostra ser pessoa prática que não perde tempo à toa – ... e então agora como ficamos?

– Eu quero amanhecer contigo... – diz sem rodeios o homem de aparência bufunfada, fascinado por tanta beleza exposta.

– Tá bala, yá... – sem pestanejar, mas incapaz de impedir que o seu pensamento seja transportado para junto de Vicentino, o comandante bangão, a jovem pega no celular de tecnologia moderna e faz com que o homem oiça, porque ela quer que ele oiça, Jandiriana a dizer “tou a ir... vou acompanhada... prepara-me as condições”.

Ela entra no carrão e o “muata” faz tudo para mostrar normalidade nas atitudes, porém, mal sente a próxima presença da moça, o coração acelera-lhe no peito confuso e o seu corpo é contaminado a partir dos pés por uma sensação que há muito não sentia, insinua-se através das bocas das calças e essa estranha temperatura vai subindo por aí acima. Tem certamente a mesma origem da quentura das palavras musicadas de Jandiriana, a mesma quentura que sentiu quando a mão dela, umas horas antes, lhe acariciou por tempo infinito a nuca, enquanto dançavam em compasso de tango o “meu amor da rua onze”.

“– ... E ENTÃO AGORA  
COMO FICAMOS?  
– EU QUERO AMANHECER  
CONTIGO... – DIZ  
SEM RODEIOS O HOMEM  
DE APARÊNCIA  
BUFUNFADA, FASCINADO  
POR TANTA BELEZA  
EXPOSTA.”

Ary Cambundo é inegavelmente dos mais dinâmicos e prósperos empresários de Luanda. Actua numa área sensível, situada na promiscuidade entre o mundo do comércio legal e o submundo da candonga. Como muitos que circulam pela capital, ele é também um daqueles a quem já colocaram um grande ponto de interrogação à frente do seu nome, um nome sujo, feito grande à última da hora sem que ninguém saiba explicar o mérito da distinção.

“COMO MUITOS QUE CIRCULAM  
PELA CAPITAL, ELE  
É TAMBÉM UM DAQUELES  
A QUEM JÁ COLOCARAM  
UM GRANDE PONTO DE  
INTERROGAÇÃO À FRENTE  
DO SEU NOME...”

Pouca gente sabe da origem dos seus proventos, meio mundo fica de boca prá nuca ao ver um indivíduo que não declara outras habilitações que não sejam a arte do dikelengo e da mentira que vence no negócio escuro, a alcançar assim sem mais nem menos, alta fama. Como foi possível ser considerado símbolo de sucesso no sector específico do empresariado angolano onde se enquadra?



Ele é homem de estatura média, mais baixo do que alto, gordinho. Uma barba cerrada e já com muitas brancas cobre-lhe a parte inferior da cara negra, redonda e bochechuda. Apesar do verniz que lustra a sua imagem, tem aquele ar de traficante que não consegue disfarçar a condição de bandido. Como qualquer indivíduo comprometido, no meio da sua eufórica felicidade, vive momentos de angústia em que deixa vir cá para fora toda a gama das suas fraquezas. Tem noção das ilegalidades em que foi incorrendo por esta via que calcorreia e que o conduziu ao status actual.

A sua liderança faz-se presente num rentável esquema de lotaria suburbana, na candonga do comércio de medicamentos, tabaco e bebidas e num esquisito negócio comparável a fundos de pensão. Há quem fale até de tráfico de droga. São negócios onde factura muitos milhões de kwanzas. O êxito é de tal ordem que passou a ser solicitado para patrocinar eventos mediáticos, mas é a primeira vez que se envolve com a Festa do Carnaval. Aconselharam-no a criar o Bloco Lilás para este ano competir com os outros de mais tempo e tradição. Dá prestígio e abre portas, convenceram-no.

“COMO QUALQUER INDIVÍDUO COMPROMETIDO, NO MEIO DA SUA EUFÓRICA FELICIDADE, VIVE MOMENTOS DE ANGÚSTIA EM QUE DEIXA VIR CÁ PARA FORA TODA A GAMA DAS SUAS FRAQUEZAS.”

Acordou tarde. O quarto está pouco fresco e em absoluto silêncio. Esse ambiente morno obriga-o a recordar as cenas de há umas horas atrás. Loucura! “Eu já não posso andar em aventuras no musseque e nos fundelhos da Ilha... devia ter-lhe arrastado aqui em casa”. A mulher, a segunda, que é agora quem está no terreno, foi passar o Carnaval no Rio, uma prenda que ela fez por merecer. Os empregados estão de folga, bem que podia ter evitado sair daquele cubico de sanzala colocado na ruela suja, cheia de pedras e lixo, com o sol já a bater. Àquela hora, estava abarrotada de gente que comprava e vendia de tudo, muitos bêbados a matar sedes insaciáveis, crianças famintas gritando por pão e banana.

“Gaita, meto-me sempre com essas gajas que me torram bué de massa”, pensa nos mil dólares que Jandiriana lhe surripiou habilidosamente do bolso. No fundo, ele sabe que esse dinheiro não lhe custou quase nada a ganhar, é mais Dólar menos Dólar, mas apesar disso não deixa de ser chato ver assim o dinheiro a voar. Pensa no modo como ela tirou por dez vezes, uma de cada vez, dez notas verdes da carteira, com o seu consentimento, no meio das suas habilidades sensuais. O kumbú, que tem sido o seu maior afrodisíaco noutras ocasiões, não chegou para contrariar a angústia da recusa, apesar do beijo alucinante que abriu o convívio. “Como pode ser?”, pergunta-se repetidamente, avalia o fracasso enquanto sente o estômago encharcado de líquido gástrico, o intestino a ficar inquieto.

““GAITA, METO-ME SEMPRE COM ESSAS GAJAS QUE ME TORRAM BUÉ DE MASSA”, PENSA NOS MIL DÓLARES QUE JANDIRIANA LHE SURRIPIOU HABILIDOSAMENTE DO BOLSO.”

“No Dia da Cueca, participei numa apresentação com outras moças e moços, era só malta de shorts, tangas e biquínis, chuchas à mostra, tudo numa boa, a malta desbundava com músicas brasileiras das boas... muitos kotas a ver...” descontraída, Jandiriana dava-lhe conta das suas actividades extras ou profissionais. “... recebi seiscentos paus”. Ela é bué! Um ar feliz ilumina o rosto de Ary Cambundo ao recordar como se deixara seduzir por aquela reposição ao vivo, numa representação mais sensual e personalizada do conto da elegância da estirpe, ao qual ela dava uma natural faceta pornográfica, pura regressão social. Ary saiu do sonho, piscou os olhos, três vezes, cochilou e voltou a adormecer profundamente.

“... VIU-A, MAS AGORA ELA ERA PROTAGONISTA NUM CENÁRIO COM CHEIROS BAFIENTOS, BARATAS...” Quando duas horas mais tarde o despertador do telefone retiniu, o seu pensamento voou célere para Jandiriana. Engano. Não era ela. Mesmo assim, viu-a, mas agora ela era protagonista num cenário com cheiros bafientos, baratas e dois ratos a atravessar a sala com a rapidez do raio em direcção ao quarto, enfiando-se debaixo da cama onde eles se deitaram a seguir.

“Chatice, como é que não havia de ficar nervoso, as coisas não podiam correr bem, os ratinhos em baixo da cama... mas eu estou disposto a gastar seja o que for com ela... ficou-me atravessada, quero tirá-la daquele bairro sujo, tem que ficar à minha disposição... não pode ficar mais num casebre com ratos... ela falou dum apartamento na nova Marginal da Praia do Bispo...”. Quem fala no barco é porque quer embarcar e casas na nova Marginal só estão ao alcance de gente endinheirada. Como bom novo-rico que é, julga que mais uma mulher pode enriquecer o currículo, às vezes não importa o preço.



“MAS NÃO É APENAS ESSA QUESTÃO, É DA SUA PRÓPRIA NATUREZA, O SEU CORPO TEM NECESSIDADE DE MUITAS MULHERES, É BOM SABER-SE DONO DELAS, UM GAJO DE GAJAS.”

Mas não é apenas essa questão, é da sua própria natureza, o seu corpo tem necessidade de muitas mulheres, é bom saber-se dono delas, um gajo de gajas. “Eu estou a patrocinar o Bloco Lilás” dissera-lhe no meio da conversa e das carícias. “Mas eu já ensaiei na Juventude Unida do Catambor”, esquivara-se Jandiriana, “não faz mal, tu vais ficar como destaque no meu Bloco”, “e como vão ser os passos e a coreografia?”, mais uma tentativa de fuga, “com um corpo destes e o teu suingue para quê mais coreografia?” Olhou para o relógio. “Espero que chegue a horas para lhe apresentar no Bloco”.

Não via o tempo passar. Dispôs-se a aguardar pacientemente e ficou a fazer filmes sobre tudo que lhe trouxesse a imagem de Jandiriana, desde a fugaz troca de olhares na farra até ao encontro na Ilha e suas trepidantes consequências. Lembrou-se que ela, apesar de lhe ter dado pistas do caminho da sua casa, só lhe revelou o nome depois do primeiro beijo. Passou a mão pela boca, tinha ainda a sensação de bem-estar provocada pelo contacto maravilhoso entre as suas bocas. Sem querer, pôs a funcionar os seus mecanismos mentais que normalmente o levam à excitação para o sexo.

A chuva miudinha da madrugada deixou de apouquentar. Amarrada com força pelas poderosas cordas do feitiço, os mais-velhos da Ilha não deixavam nesse particular seus créditos por mãos alheias, e através de colectivas preces à Kianda, davam plenas garantias de que aquela terça-feira de Carnaval iria se apresentar sem água. A mãe há muito que detesta Carnaval, aliás, o Carnaval tem sido nestes últimos anos a grande causa das brigas que vêm disputando. “O desfile da Marginal vai ser uma festa bonita” anuncia Jandiriana em voz alta. Mostra-se fresca, ninguém diria que havia perdido a noite, os olhos voltados para o céu, todo ele azul brilhante.

“A MÃE HÁ MUITO QUE  
DETESTA CARNAVAL,  
ALIÁS, O CARNAVAL  
TEM SIDO NESTES ÚLTIMOS  
ANOS A GRANDE CAUSA  
DAS BRIGAS QUE VÊM  
DISPUTANDO.”

Bateu à porta cambaia e esta imediatamente se abriu. Não foi sua mãe, a mulher sem idade, quem a abriu. Foram mãos de criança que lhe franquearam a entrada e logo se puseram a abraçá-la, deixando marcas de terra barrenta na saia branca, curta e apertada, que lhe salientava o traseiro redondo.

– Porra, já me sujaram a saia! Que merda... – sacode os miúdos para longe de si. Depois atravessa o minúsculo quintal em direcção à casa de banho.

– Jandi, onde está o meu leite? O meu leite já acabou – reclama o mais pequeno dos miúdos.

– Bebe chá. Tem muito caxinde aí... responde enquanto atira com fúria, atrás de si, a porta da casota que serve de retrete.



Olha lá menina Jandi. Não fala assim na minha casa e não trata dessa maneira o teu filho. Ele não tem culpa da tua maluquice – faz-se ouvir a voz da senhora que parece não ter idade, vinda algures, lá do fundo do quintal.

Surpreendentemente, da casa de banho não vem resposta. Nem quando de lá sai Jandiriana. Com os sapatos altos na mão, atravessa descalça e calmamente o quintal enlameado, e depois, como se outra pessoa lhe tomasse o corpo e os sentidos, abraça pelos ombros a mãe, num gesto repleto de carinho, uma atitude quase ausente do seu catálogo, muito raro nela. Deixa-se também envolver pelos braços das crianças.

– Vamos lá ver a maka desse tal óbito... – dirigem-se para o interior da casa.

Enquanto os miúdos se entretêm com os bonecos da televisão (a luz já tinha vindo) ela mostra à mãe o pequeno maço de dez notas de cem dólares e vai destinando: “cem dólares para contribuir no óbito do cabrão de merda, cinquenta para o leite do Elvis, duzentos para a comida, cem é para o gás e a água, cinquenta é para ti, cem vai para o meu perfume... o resto vou guardar no Banco”. Só para si, pensa em Vicentino, o elegante comandante “devia lhe comprar uma prenda... bem que merece... – faz um sorriso carregado de promessas – também para a Martinha... apesar dos ratos que tem na casa...”

“SÓ PARA SI, PENSA  
EM VICENTINO, O ELEGANTE  
COMANDANTE “DEVIA  
LHE COMPRAR UMA PRENDA...  
BEM QUE MERECE...  
– FAZ UM SORRISO CARREGADO  
DE PROMESSAS – TAMBÉM  
PARA A MARTINHA... APESAR  
DOS RATOS QUE TEM NA CASA...”

– Não vais mesmo no óbito... – era a última tentativa da mãe.  
– Não, mamã. Quem foi no óbito do meu pai? Para mais, tenho compromisso na Marginal – completamente esquecida de Ary Cambundo e do seu Bloco Lilás, só tem cabeça e pensamento para o comandante da Juventude Unida.  
A mulher que parece não ter idade tem, no entanto, nome. Chama-se Rosa. Enquanto procura lugar seguro para guardar as notas verdes recebidas de Jandiriana, faz uma rápida incursão no passado e dá vida ao tio Firmino, que com a sua morte no dia de Carnaval, tira um peso da sua e doutras consciências. Mas ao finir-se naquele dia, estragou os planos a muita gente da família, todos eles foliões afamados, envolvidos com a Grande Festa há muitas gerações. Herança e tradição de várias décadas.

Toda a gente sabia que a origem do ar cansado e miserável, a falta de dentes e a tristeza do olhar de Firmino que se acentuava mais na época do Carnaval (há anos que não era convidado para colaborar com a Direcção do União do Povo Tradicional) eram resultado do isolamento a que o votara tanto a família como os amigos, do remorso que sentia por não ter tido coragem de revelar o que toda a gente murmurava, embora ninguém fosse capaz de o afirmar abertamente.

A morte há muito anunciada de Firmino tinha a ver com a de Jacinto, o pai de Jandiriana, ocorrida quando esta tinha apenas cinco anos de idade. O mistério da morte de Jacinto e do desaparecimento do seu corpo começou a ser mais comentado a partir da recuperação de factos e das histórias que passaram a ser contadas, inclusive a que retratava a sua aparição na Lagoa do Kinaxixi em madrugada de cacimbo. Uma história do outro mundo. As autoridades incluíram o seu nome na lista dos mortos e desaparecidos daquela época, os interrogatórios passaram a ser constantes naquela fase, os familiares de ambas as partes empenharam-se o quanto puderam no esclarecimento do caso mas, apesar de todo o esforço, não se registaram quaisquer resultados nem se chegou a conclusão alguma.

“O MISTÉRIO DA MORTE  
DE JACINTO  
E DO DESAPARECIMENTO  
DO SEU CORPO COMEÇOU  
A SER MAIS COMENTADO...”

Eram conhecidas de todos as makas entre esses dois primos como irmãos, que vinham já do tempo em que ambos estudaram em Cuba, na Ilha da Juventude. Pertenceram ao primeiro grupo que beneficiou dos acordos de cooperação e foi para a Grande Ilha. Foram também dos primeiros a ser recambiados por indisciplina.

Alegaram terem sido enganados em relação ao curso que lhes fora destinado, pensaram que iam treinar artes de sobrevivência nas matas, de guerrilha urbana, acções que os entusiasmavam muito mais que a matemática e as ciências. Desde esses tempos antigos se soube que os primos tinham gosto pelas mesmas mulheres. A excepção foi só com as próprias com quem casaram e constituíram família. Em Cuba, não chegaram a fazer dois anos nem tiraram nenhum curso para além das especializações em bebedeiras e, claro, nas relações com o chamado sexo fraco.

"DESDE ESSES TEMPOS ANTIGOS SE SOUBE QUE OS PRIMOS TINHAM GOSTO PELAS MESMAS MULHERES."

Aliás, foi uma mulher a causadora da grande zanga que levou à tragédia. Ela tinha vindo do Huambo, diziam uns, ou da Catumbela, contavam outros. O certo é que era mulher desconhecida nos meios ilhéus, mas era bonita e provocante, jovem que ainda não tinha chegado aos trinta anos. Depois de Jacinto ter perdido completamente a cabeça por ela, a ponto de abandonar Rosa e Jandiriana que ainda nem sequer tinha largado o vício da chupeta, e ter ido morar com ela nos confins do Bairro da Mata, apareceu Firmino a intrometer-se na história por via da paixão incontrolada que lhe nasceu pela mesma e dita cuja dama.

Pouco tempo havia passado quando a família soube toda a verdade da disputa amorosa. Foi quando se deu a peleja travada entre os dois, uma luta a sério, muito falada, que meteu navalhada, pedradas, cacos de garrafa e muito sangue, terminada com a prisão de ambos na Cadeia da Comarca. Cumpriram as suas sentenças, penas iguais de três meses de reclusão, mas mal foram postos em liberdade, cada um foi para seu lado, à procura da mulher do Sul. Nem eles, nem ninguém, a encontraram mais. Candinha, amor de loucura desses dois primos, mulher de maka e de azar, preferiu se evaporar, desapareceu como havia aparecido.

Longos meses de busca e frustração devolveram-no faminto, frustrado e arrependido para junto de Rosa e da filhinha de ambos. Foi difícil esquecer, porém o amor é fértil de perdão, todos os dias nos mostram exemplos de superação desse tipo de dificuldades sentimentais. Do outro lado, Firmino regressara mais cedo para junto da sua família, passou a fazer vida de ambulante, todos compreendiam os motivos de nunca mais ter falado com Jacinto, muito embora se cruzassem amiúde. Certo dia do mês de Março de 1980, ainda se pranteava a morte do Presidente, Jacinto não voltou a casa. Nem nesse dia nem nos seguintes, facto que desencadeou sobressaltos e várias conversas.

– Foi a gaja que apareceu outra vez – diziam aquelas vozes que gostam de gargalhar sobre o sofrimento dos outros. Ou então foi lá no Sul, na sua procura... – outras tentavam adivinhar acontecimentos ruins.

"UM DIA, MUITOS MESES JÁ TINHAM IDO, APROXIMAVA-SE DE UM ANO A DATA DO SEU DESAPARECIMENTO..."

Uma coisa ou outra, nenhuma interferiu na decisão de Rosa, de não se preocupar mais com o pai de Jandiriana nem com factos que o recordassem, caso do Carnaval, uma festa que sempre os uniu, no meio da qual curtiram o melhor do seu amor. Depois do sumiço de Jacinto, Rosa deixou de sorrir, passou a odiar Carnaval. Um dia, muitos meses já tinham ido, aproximava-se de um ano a data do seu desaparecimento, soou a notícia que dizia ter havido um grande incêndio, precisamente nas imediações do sítio do Bairro da Mata onde o desaparecido vivera com Candinha.

Apesar da prova material dos restos da pulseira que era talismã de Jacinto encontrada no local do sinistro, não havia corpo e, por isso, o caso não teve andamento. Mujimbaram que por influência de um graúdo da Polícia, parente da mulher de Firmino, o caso foi abafado. O certo, é que o destino do corpo de Jacinto é até hoje desconhecido.

**"TINHA SIDO ELE  
A PROVOCAR  
O INCÊNDIO.  
DAÍ O REMORSO  
OCULTO, A DOENÇA,  
A MORTE."** – Como é que eu vou me sentir viúva? Se não teve funeral, se nunca fizemos o óbito, nem mandamos rezar as missas? Eu não aguento isso... – lamentava-se diariamente Rosa. Enquanto definhava, Firmino ia sendo insistentemente apertado pela família do lado da mãe do presumível finado e as desconfianças foram aumentando. Os seus argumentos estavam carregados de contradições e mesmo assim, nunca teve a coragem de assumir a autoria do crime que todos lhe apontavam. Tinha sido ele a provocar o incêndio. Daí o remorso oculto, a doença, a morte.

Toda aquela multidão, há várias horas concentrada na Marginal para aplaudir a Festa do Carnaval, está ansiosa pelo começo do desfile. Entretanto, os sítios de recolha de lixo, enchem-se de sacos, latas e outras embalagens e mostram que já se consumiram milhares de litros de vários líquidos, entre cerveja, refrigerantes, bebidas energéticas, whisky e água. Vê-se gente a acompanhar as bebidas com variedade de churrascos, com batatas fritas, pão e palitos salgados.

O barulho é ensurdecedor. A maior parte das pessoas desconhece que o nível suportado pelo organismo humano perante a estridência de sons sem consequências físicas é de 60 decibéis. Ao longo da Avenida concentram-se seguramente mais de 150. Mas quem é que se lembra agora dessas coisas? “Com este barulhão infernal pode-se perder a audição, um tipo pode ficar profundamente surdo” refila um velhote transpirado, enfiado num fato inapropriado para a época, nota-se que no mínimo foi arrastado contra a vontade, não é dos que vibram com o espectáculo.

**"COM ESTE BARULHÃO  
INFERNAL PODE-SE  
PERDER A AUDIÇÃO,  
UM TIPO PODE FICAR  
PROFUNDAMENTE  
SURDO".**

Os lugares das bancadas implantadas de um e outro lado da Avenida são comprados e preenchidos por gente que, segundo a propaganda, terá oportunidade de apreciar um espectáculo maravilhoso de dança, cor e alegria. É gente de bom salário e boa posição social, que beneficia de um bom serviço de atendimento de comes e bebes. A gente arruaceira, desclassificada, do bas fond, também participa no Carnaval.

É dos poucos dias que tem durante o ano para se aproximar dos da alta. Passeia-se ao longo da Avenida, desinibida pelo consumo descontrolado do álcool e da liamba, que começou no princípio do dia, chega a invadir a passarela quando a vigilância policial diminui, mistura-se com o povo em geral, gente encalorada, vestida de roupas leves, que enche todos os espaços, quer do lado da baía, quer os que marginam os passeios dos prédios. Estão ali todos para aplaudir a exibição dos grupos seus favoritos.

O desfile dos Grupos de Carnaval está este ano submetido a um novo regulamento. Há muito se reclamavam os métodos de o fazer, clamava-se pelo bota-abaixo dos cambalachos. O jurado passou a ser constituído por especialistas da dança, da música e do espectáculo, gente independente, sem compromissos. Peixes, bois, leões, casas, monumentos, cabeças de homens gigantes, vão ganhar vida no desfile, integrando as alegorias dos vários grupos que começam a deixar o tradicionalismo do alquidar de chapa e da lata de leite amachucada. Há mais luz nos trajos e a música ganhou qualidade em todos os grupos concorrentes, é enorme a imaginação. Esta é, sem dúvida, uma cultura que começa a afirmar-se como um bem da sociedade luandense e angolana.

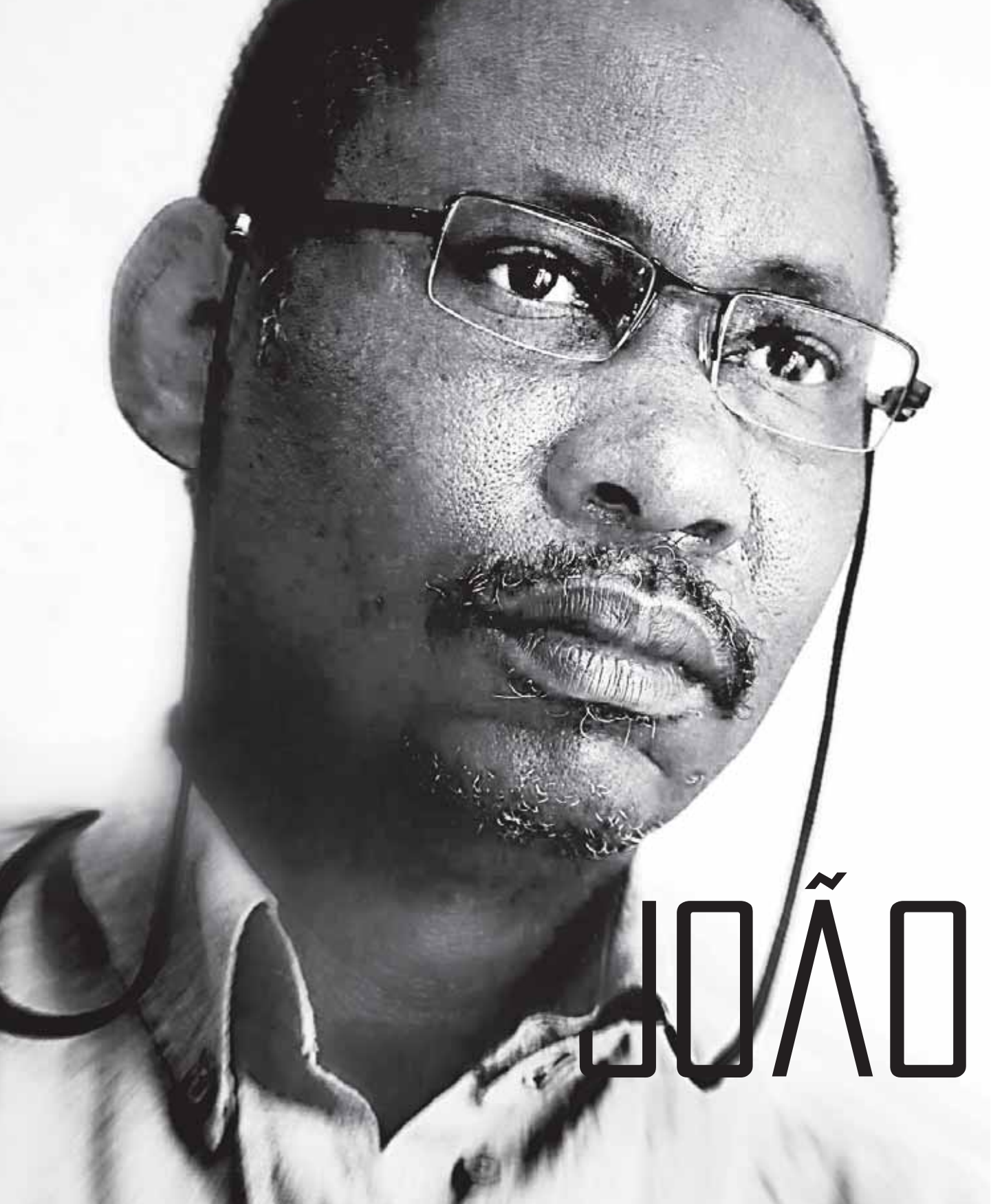
Nos meandros da agitação dos Blocos, os do Lilás que agrupam mais de quinhentos figurantes, aguardam já com algum nervosismo, a presença de Ary Cambundo, o “muata” patrocinador. Está definido que ele será o destaque, embora à última da hora tenha informado que será acompanhado por uma beldade. Já têm a fatiota para ela, foi rapidamente concebida e produzida e também se improvisou num dos carros lugar para ela se vestir. Como os Blocos são os últimos a desfilar, assistem à passagem dos vários grupos que se mobilizam e se vão posicionar mais adiante. Já passaram o “10 de Dezembro”, o “União Kiela”, o “Cabocomeu”, o “União do Povo Tradicional”, o “Unidos do Caxinde”. O “União Mundo da Ilha” já está na primeira linha porque este ano é homenageado. É agora a vez da “Juventude Unida do Catambor”. O seu grupo de percussionistas acompanha ruidosamente o ritmo do “semba da vida boa”, cantado por centenas de jovens vozes de habilidosos dançarinos que compõem o agrupamento. Na frente, secundando a moça que exhibe a bandeira segue um par elegantíssimo.

Trata-se do comandante e da sua dama, os nossos conhecidos Vicentino e Jandiriana. O horóscopo da moça para o dia de hoje revela que corajosas não são as pessoas que não sentem medo, mas as que continuam em frente apesar dele. Ao certificar a inevitável presença dos lilases, assanha-se e decide dar maior realce à beleza exuberante do seu corpo bem dotado. Com gestos e expressões estudados, olha destemida a cara incrédula e transtornada de Ary e beija descaradamente, num beijo de fazer raiva, como no cinema, o seu amado comandante.

O “muata” sente os olhos a turvarem-se, um calor estranho incendia-lhe o ventre e a espinha dorsal. Um ódio feroz, fá-lo levantar-se com desconhecida energia da cadeira onde se encontrava sentado na espera da chegada da vedeta, a saborear um whisky de muitos anos com gelo à medida. O frio líquido derrama-se pelo trajo real, azul, branco e lilás que o transformava numa coisa parecida a um bispo ou cardeal. Joga longe o turbante, a vergonha esconde lágrimas, mas a cara negra e rechonchuda, essa deixa claras marcas de fome e de amargos cansaços.

“O FRIO LÍQUIDO  
DERRAMA-SE PELO TRAJO  
REAL, AZUL, BRANCO  
E LILÁS QUE O  
TRANSFORMAVA  
NUMA COISA PARECIDA  
A UM BISPO OU CARDEAL.”

Na Avenida, o ritmo é cada vez mais intenso e o Carnaval passa cheio de vida. FIM



## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

NASCEU EM MALANGE, A 19 DE DEZEMBRO 1959. MÉDICO DE PROFISSÃO. MEMBRO FUNDADOR DA BRIGADA JOVEM DE LITERATURA ALDA LARA, ANOS 80, HUAMBO. MEMBRO DA U.E.A.

OBRA PUBLICADA *POESIA, A FORMA DOS DESEJOS*, PRÉMIO PRIMEIRO LIVRO, U.E.A./1997 | *POESIA, O GASTO DA SEMENTE*, MENÇÃO HONROSA DO PRÉMIO LITERÁRIO SAGRADA ESPERANÇA, INALD/2000 | *POESIA, A FORMA DOS DESEJOS II*, CAXINDE/2003 | *POESIA, LUGAR ASSIM*, U.E.A./2004 | *CONTOS, OS DIAS E OS TUMULTOS*, GRANDE PRÉMIO DE FICÇÃO, U.E.A./2004 | *A VITÓRIA É UMA ILUSÃO DE FILÓSOFOS E DE LOUCOS*, GRANDE PRÉMIO DE POESIA, U.E.A./2005 | *CONTOS, SURREAMBULANDO*, U.E.A./2007 | *POESIA, ORNO FEMININO*, KILOMBELOMBE/2009 | *CONTOS, ROSAS & MUNHUNGO*, U.E.A./2010.

JOÃO TALLA



# A GRAVATA AMARELA

EU E A RUTH PEMBA SONHAMOS MUITO. FOI POR MERO DESEJO QUE **COMEÇAMOS** A CRUZAR OS SONHOS, MAS ELA COM ALGUM CAPRICHADO AFIRMAVA QUE TUDO NÃO PASSAVA DE SIMPLES COINCIDÊNCIA. TENTA LUDIBRIAR-ME E DESEXPlicAR COMO TUDO FOI E NÃO FOI, MAS A VERDADE TEM MAIS ESSA: DESDE O PRIMEIRO DIA QUE A VI, IMAGINEI COISAS TÃO NOVAS DO QUE SE PODE TER DE UMA MULHER, ENQUANTO O SEU OLHAR ME DESPIA. LOGO, A CULPA É TAMBÉM MINHA E NÃO HÁ-DE JAMAIS SER ÓRFÃO.

Ruth vivia no nono andar do edifício cinco e normalmente chegava a pé até cá abaixo onde moro. Da primeira vez pesava-lhe a noite, mas estava uma lua libidinosa e compensadora. Cheia de bunda, uma boca rude e fresca num riso maciço, foi a estender e a distorcer-se em idas e voltas, até que o primeiro dos meus sonhos ela o reviveu completo. Estava um sol abrasador nesse sonho e ela comigo, amorosamente sós, fritando os miolos no inferno, passe o exagero. Depois ela contou-me com exactidão meu próprio sonho e foi talmente que estremei enquanto ela não desbocava o tal riso carnudo numa boca cheia.



Nossa comunicação restringia-se a crises de sonho que citávamos um para o outro, desde a noite que acordei pesaroso para escapar de um pesadelo. Encontrei-a instintivamente, atônita, como se escapasse de uma fúria e que havia encontrado a serpente exactamente onde eu a detivera.

"DISSERAM-ME QUE ESTAVAM  
ALGUMAS HORAS ATRASADOS  
E QUE IAM SE CASAR.  
ERA QUINTA-FEIRA E EM LUANDA  
OS CASAMENTOS SÃO  
GERALMENTE CELEBRADOS  
ÀS SEXTAS-FEIRAS."

– Andou por aqui uma serpente?

Fiquei assustado, mais sério do que no outro dia. Não acha que é coincidência demais sonharmos os mesmos conteúdos, sempre? Praticamente não nos conhecemos – estranhava algo furioso mas metódico; eu sei que para com ela os meus motivos são simplesmente eróticos e, por esse andar, havia já ultrapassado o necessário.

Continuávamos essa insólita convivência contra um mundo que nos vigia, por obra das circunstâncias; correu tudo bem como os anjos quiseram nos primeiros doze oníricos meses até que aconteceu o caso da gravata amarela.

Acontece que andava eu acordado num festival de sonhos, alguma vez, quando um casal amigo apareceu, não sei se para casar, sonhar ou para se embebedar. Pelo rumo do dia eles se embriagaram mesmo. Disseram-me que estavam algumas horas atrasados e que iam se casar. Era quinta-feira e em Luanda os casamentos são geralmente celebrados às sextas-feiras. Portanto, não podiam estar atrasados como tal. Saí logo que se foram embora, fui comprar uma gravata para me arrumar e ir de fato assistir ao casamento amigo.

Numa dessas casas espelhadas que agora invadem a baixa de Luanda – e digo agora porque ainda há pouco a cidade carecia de espelhos e tinha acumulado o lixo do mundo; e digo mais porque noutro tempo o que encarecia a vida não era o ter que pagar mas ter o que comprar, com a guerra desinvestindo, a cidade parada – numa dessas casas comprei, dizia, uma gravata amarela.

Aprumei-me, vesti um casaco cinza e uma calça mais escura. A camisa branca subjugava-se ao vistoso amarelo do meu adereço. Eu esbanjava entusiasmo ao ponto daquele fulano que nunca me dirigiu conversa indagar perplexo:

– Senhor Afonso, onde tanta alegria vai?

la eu para a conservatória testemunhar o casamento de um amigo com a sua flor – disse-lhe com poesia, meu sorriso resplandecia aos pequenos raios de sol que acabava de descobrir-se por dentro da minha timidez; o meu sorriso sabe ser vasto quando o momento assim pensa, até pelo menos chegar algo que me amargue.

O que amarga é também vasto, ou mágoa, qual desacordo. Nem seja sombra. Reparei quando a voz debilitada do mesmo fulano suave por saudar outro qualquer, quase que na mesma conjuntura:

– Senhor Vita, onde vai tanta alegria?

Assustei-me: há-de o tal Vita estar em minhas circunstâncias? O caminho dele achega-se ao meu? Podemos padecer da mesma alegria como adeptos de um mesmo clube ou é o povo que tem em alguns os mujimbos e a ironia... Os rumores chateiam-me.

"IA EU PARA A CONSERVATÓRIA  
TESTEMUNHAR O CASAMENTO  
DE UM AMIGO COM A SUA FLOR  
– DISSE-LHE COM POESIA,  
MEU SORRISO RESPLANDECIA  
AOS PEQUENOS RAIOS  
DE SOL QUE ACABAVA  
DE DESCOBRIR-SE POR  
DENTRO DA MINHA TIMIDEZ..."

"O QUE ACABOU COMIGO É O CASO DE QUE O TIPO TRAZIA INEQUIVOCAMENTE A MINHA GRAVATA, O BRILHO AMARELO DA MINHA FORQUILHA, ASSUSTEI-ME DE NOVO."

Levanto os olhos e vejo um senhor de cinzento; um cinza menos vistoso do que a qualidade do meu traje. O que acabou comigo é o caso de que o tipo trazia inequivocamente a minha gravata, o brilho amarelo da minha forquilha, assustei-me de novo. Quase o vi sorrindo com os meus olhos, digo que o que achei nos seus olhos é a minha boca sorrindo ainda à brisa, digo, ele estava coberto de toda minha alegria.

Respondia então ao fulano:

– Vou para o cemitério; vou a um funeral – disse numa resposta folgada.



Achei difícil qualquer homem que seja ir a um funeral com uma gravata amarela. Penso que cada cor serve a um determinado lugar ou destinação. Não gosto, por exemplo, ver o presidente empossar ministros com um fato preto; as grandes catedrais podem fascinar com paredes brancas; a cor do uniforme da polícia nacional é um claro exemplo de como se pode estar bem com a cor.

– Quem é aquela pessoa? – perguntei logo que o homem cinzento se foi com a sombra, sem que fizesse caso de como estávamos parecidos naquela manhã.

Tinham-me respondido que era o senhor Vita mas isso já o sabia. E respondiam-me mais:

– É o Vita Pemba.

Não me ocorreu antes que Ruth tivesse aquele homem. Com ela me afeiçoei e sonhei sem que algo me dissesse mais sobre suas intimidades. É lógico, nossas relações limitavam-se a palavras sonhadas, por vezes pedaços de sonhos ou sorrisos partilhados. De modo nenhum imaginei que Ruth Pemba fosse casada. Senti-me contrariado sem direito ao ciúme.

Tenho um argumento de vítima, pois que, naquela partilha de sonhos ultrajados agora, ela detivera a cor e a beleza da minha gravata. Preparou o marido para ir a um funeral com a cor mais intensa entre as cores que escolhi para colorir-me. Senti-me invadido na minha utopia.

Fui argumentar com ela e, afinal, ela só falava coisas minúsculas, com aquelas palavrinhas repetidas nos nossos sonhos ou, quando muito, alongava sonhos repetidos. Sempre fora assim, desde que me vira chocado com a sua kimbundaria; e desde aquele sonho abrasador que no começo nós sonhámos em noite escura. Um minuto só mais e lá estava ela a me encher com a malícia do sorriso.

Deixei de lhe cumprimentar; e de lhe perguntar os sonhos de quê. Por desilusão ou por ciúme, talvez pelas duas mágoas ou por simples ira, impus um castigo: parei de lhe sonhar e ela não se via mais na minha memória, nem se encontrava nas minhas noites. É muito simples: eu não tinha mais sonhos.

Para mim as coisas tomaram o rumo da gravidade. Não menos para Ruth que passou quase a distanciar-se dos vivos para limitar-se à penumbra do seu quarto no nono andar do edifício cinco. Tentava apagar os dias lastimando o facto de não poder avistar-se comigo no limbo das noitadas. Para ela os meus sonhos tinham acontecido tarde demais, ao ponto de só agora ter vivido o paraíso onírico.

– Olha lá! É uma instância que acontece apenas na infância, porra! – exclamei porque estou bastante admirado pelo facto de só agora ela surreambular em canteiros da infância.

"PARA ELA OS MEUS SONHOS TINHAM ACONTECIDO TARDE DEMAIS, AO PONTO DE SÓ AGORA TER VIVIDO O PARAÍSO ONÍRICO."

Nessa época não podia imaginar que a sua alegria passasse assim tanto por mim. Nunca fui inspiração para ninguém! Muito depois vim a saber que por esses meses que se seguiram ao meu distanciamento, Ruth dormia tentando avistar o meu sonho mas apenas avistava minhas lucubrações. Algum tempo depois saía delirando pelas ruas de muitos meses, ou seja, eram tantas ruas e ruelas do passado numa obnubilação de muitos nervos, como quando alguém desmaia na insónia. Ouviram-na ainda contar que toda sua vida fora um mistério. Segundo ela, passam dezoito anos que não sonha com coisa nenhuma e isso piora a matéria de tal mistério. Não entendi nada mas ela tinha confusamente dito isso, como eu saberia mais tarde.



Foi um “Deus que nos acuda” com muita gente a tentar remediar o caso receitando ervas, orações e comprimidos, mas resistia a qualquer mutação da sua vida nova. Mentira, nunca foram anos mas sim meses, ela precisaria ter mais do que os seus vinte e quatro anos para ficar apenas com a memória daqueles sonhos, segundo a experiência da idade. Pelo que sei, transformar meses em anos é uma faculdade dos delírios e só dos delírios. Por isso fui, e até por dever, procurá-la.

Encontrei-a assim na Avenida Lisboa, ali na berma do Bairro Prenda, onde acontecia uma revolução em pleno Outubro, com gente aos bandos atirando, com revoltas e explosões que a acordaram no meio de outro delírio entre a sonolência e a vigília. Não foi nada de grave. A turbulência é apenas a forma de determinadas paixões que caracterizam lutas armadas.

“A TURBULÊNCIA É APENAS A FORMA DE DETERMINADAS PAIXÕES QUE CARACTERIZARAM LUTAS ARMADAS.”

Subtil, conduzi-a à casa do Vita onde deveria estar sempre. O Vita é um tipo fixe. Recebeu-me bem este senhor que nem sequer descobriu alguma vez que em tempos eu sonhava com Ruth. Desconhecia por completo que a cor da gravata que usava para ir aos funerais foi uma escolha rigorosa de um dos meus sonhos que Ruth interceptara.

Ainda que o Vita soubesse de toda aquela partilha, abunda a meu favor o facto de que nunca me aproximei de Ruth mais do que o necessário – pouco ou nada conversamos, em hipótese nenhuma de haver contacto íntimo. Demonstrou o Vita ser muito acolhedor, seriamente afável. Conversámos enquanto lhe fui notando o sotaque dos Congos. Pode ser um congolês ou um regressado da diáspora marcado pelo francês e pelo lingala.

“ADMITO QUE É FRAQUEZA DEIXAR ALGUÉM QUE ENLOUQUECE, MAS VITA NÃO O FEZ POR FALTA DE ACOLHIMENTO ESPIRITUAL.”

– Ela estar sonhar cuestas de não prestar; eu lhi ouvir só no sonho dela; cuesa de maluca, ahan; pessoa quando sonha tem que ficar calada, ahan; lhi veja ainda como estar hoji, pai... Eu ir embora na Uígi. Eu lhi deixa aqui mesmo no casa dela.

Está bem, pronto, esta forma de ser é que não presta. Admito que é fraqueza deixar alguém que enlouquece, mas Vita não o fez por falta de acolhimento espiritual. Desconfiava simplesmente de alguma traição que, repito, não se dera em pleno.

Abandonada pelo marido, fui visitá-la uma semana depois. Alguma coisa se passou nesse dia quando decidida ergueu-se e sem pestanejar sentenciou: “vou sonhar comigo mesmo”.

“ACHEI-A FORMIDÁVEL E IMPREVISÍVEL, COMO UMA LIÇÃO PARA AMAR. NUNCA VI NINGUÉM FRENAR NO MEIO DA DELIRAÇÃO, REEDUCAR-SE E SABIAMENTE CORRIGIR ALGUNS DEFEITOS, DE MODO TÃO INESQUECÍVEL.”

Achei-a formidável e imprevisível, como uma lição para amar. Nunca vi ninguém frenar no meio da deliração, reeducar-se e sabiamente corrigir alguns defeitos, de modo tão inesquecível. Praticamente Ruth saía do estado confusional para ir à guerra. Diante do espelho temperava a cara: pintava os lábios, dizimava as sobrancelhas, pintava os olhos, empoeirava-se... Se não fosse Outubro eu acharia ali mesmo o carnaval ou quase.

Saiu a brilhar como uma índia com pinturas de guerra; saiu para acabar com a minha vida de sonhos, indo para qualquer lugar e quem por pouco não enlouqueceu fui eu. Era já dada como morta em poucos anos que se interpuseram dali ao momento que a avistei casualmente, numa terça-feira de verdadeiro carnaval, passados quatro obnubilados anos. A esse tempo ela chamou “os anos do chão” e sabia eu porquê.

Era a vez que passava no desfile o União Kiela, achei-a no meio das peixeiras do município do Sambizanga que constituíam o essencial do grupo. São as mesmas, em regra, que vendem o pregão do peixe no mercado de São Paulo. Ruth estava uma cantiga com um floreado sobre o fundo claro da saia e um blusão vermelho cheio de pequenos argumentos que de longe eu via cintilar como peixinhos de prata. Estava linda e distinta no meio das peixeiras movendo o semba do Kiela.

“RUTH ESTAVA UMA CANTIGA COM UM FLOREADO SOBRE O FUNDO CLARO DA SAIA E UM BLUSÃO VERMELHO CHEIO DE PEQUENOS ARGUMENTOS QUE DE LONGE EU VIA CINTILAR COMO PEIXINHOS DE PRATA.”

Concluí, de certa maneira, antes que a desejasse um dia em casamento, que a vida vale menos sem sonhar. E foi o único modo de rogar-lhe que sonhasse comigo de novo. Na sua resposta foi pragmática e disse: sim, aceito casar contigo.

Na verdade eu não a tinha ainda pedido em casamento mas sei agora que havemos de sonhar infinitivamente juntos. Deslumbrante. FIM



MARIA  
CELESTINA

## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

NASCEU NO LUBANGO, PROVÍNCIA DA HUÍLA, A 12 DE SETEMBRO DE 1945. CURSO DE ASSISTENTE SOCIAL NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E SERVIÇO SOCIAL PIO XII EM 1974. LICENCIADA EM DIREITO PELA FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO. MEMBRO DA ORDEM DOS ADVOGADOS, DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL E RECREATIVA CHÁ DE CAXINDE E MEMBRO FUNDADOR DA ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO CORAÇÃO. MEMBRO DA U.E.A.

OBRA PUBLICADA *CONTOS EM JORNAIS* | *CONTOS, A BORBOLETA COR DE OURO*, PUBLICAÇÕES INFANTO-JUVENIL, U.E.A./1990 | *POESIA, A ESTRELA QUE SORRI*/2005 | *É PRECISO PREVENIR*/2006 | *AS TRÊS AVENTUREIRAS NO PARQUE E A JOANINHA*/2006 | ED. INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO E DO DISCO, INALD | *A ABELHA E A FLOR DO CAMPO E KALIMBA*/1992 | *A RAINHA TARTARUGA*/1997 | *UNIÃO ARCO ÍRIS*/2006 | *COLECTÂNEA DE CONTOS INFANTIS*/2006 | *POESIA, O JARDIM DO LIVRO*/2009 | *A ÁRVORE DOS GINGONGOS*, ED. MARGENS/1993, ED. MARGENS EM PORTUGAL, REEDITADO ED. DCL/2009, BRASIL | *A FILHA DO SOBA*, EDITORIAL NZILA/2001 | *O PRESENTE*, ED. CHÁ DE CAXINDE/2002 | *PARTICIPAÇÃO NA COLECTÂNEA, BONECA DE PANO*, U.E.A./2005 | *CRÔNICAS, RETALHOS DA VIDA*/1992 | *POESIA, ENDIPU-UEE*, U.E.A./1995 | *O MEU CANTO*, U.E.A./2004 | *ROMANCE, OS PANOS BRANCOS*, U.E.A./2004 | *A MUXILUANDA*, ED. CHÁ DE CAXINDE/2008 | *PARTICIPAÇÃO EM COLECTÂNEAS POÉTICAS* | *ANTOLOGIA DA POESIA FEMININA DOS PALOP*, DE XOSÉ LOIS GARCIA, ED. LAIOVENTO, GALIZA, ESPANHA/1998 | *POETAS EM MOVIMENTO*/2004 | ED. CENÁCULO DAS ARTES E LETRAS, LOURES, PORTUGAL, JANEIRO/2008.

MINISTÉRIO DA CULTURA DIPLOMA DE MÉRITO “PELO SEU CONTRIBUTO PERSISTENTE NA VALORIZAÇÃO, PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DE CONTOS INFANTIS E DA PROSA ANGOLANA”.  
NOMEAÇÃO PRÉMIO SUECO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL ASTRID LINDGREN PARA 2010.

FERNANDES

# SURPRESA FRUSTRADA

AQUELE DIA DO MÊS DE MARÇO, O MÊS DA MULHER E TAMBÉM DO PAI, DESPONTARA RADIOSO. AO DESPERTAR, O CASAL ANICA E GEGÉ REENCONTROU-SE NUM TERNO E SIGNIFICATIVO OLHAR. ANICA ACHARICIU A FACE DO COMPANHEIRO E FELICITOU-O PELO DÉCIMO SEGUNDO ANIVERSÁRIO DE CASAMENTO QUE COMEMORAVAM NAQUELA DATA, SUSSURRANDO-LHE AO OUVIDO AS PALAVRAS "PARABÉNS AMOR", AO QUE ELE RETRIBUIU COM UM BEIJO DEMORADO E APAIXONADO.

Assim embalados pelo romantismo do momento, ignoraram o passar do tempo, de maneira que quando olharam para o relógio, saltaram da cama em sobressalto. Com o tempo demasiadamente apertado para se apressarem para o emprego, vestiram-se à pressa e saíram, deixando o quarto numa completa barafunda.

À empregada doméstica Anica apenas teve tempo para fazer rápidas recomendações na altura em que já se dirigia para a porta.



“... ANICA NÃO CONSEGUIU  
CONCENTRAR-SE. ELA NÃO  
PENSAVA SENÃO NO  
ANIVERSÁRIO E NA SURPRESA  
QUE TINHA RESERVADO  
PARA O MARIDO...”

Porém, no serviço, Anica não conseguiu concentrar-se. Ela não pensava senão no aniversário e na surpresa que tinha reservado para o marido, e sem querer acabou por perturbar algumas vezes a concentração das colegas mais próximas, pela necessidade que sentia de partilhar aquele momento de felicidade e ansiedade. Pois, mesmo com todas as dificuldades, conseguira arranjar os ingredientes para preparar um jantar de comemoração, cuja ementa seria bem ao gosto do marido.

– Doze anos! Como o tempo passou sem eu dar por ele... – cogitou, e pela sua mente foram afluindo rasgos do que vinha sendo a vida em comum com o homem a quem se unira havia já uma década e mais dois anos.

Anica continuava a amar Gegé e naquele momento só lhe interessava mesmo recordar o mais agradável. Para quê rebuscar coisas ruins num dia tão importante. Este era o seu pensamento para desviar qualquer episódio menos confortável que pudesse nublar a boa disposição.

O seu casamento fora precoce e compulsivamente realizado. Os progenitores de Anica, a única rapariga no seio de uma família de sete filhos, tinham ficado muito apreensivos na altura em que tomaram conhecimento do seu namoro, por ela ser ainda muito novinha. Não tinham pressa de vê-la agarrada a tachos e fraldas, desejavam ardentemente é que ela estudasse primeiro, de modo a garantir o futuro – para a única rapariga auguravam tudo de melhor. Mas por azar, quando menos esperavam, deram com a filha engravidada.

Desesperaram, houve grande rebuliço, porém sem o estardalhaço que se esperava e também sem grandes represálias contra o imberbe autor, que era filho de vizinhos amigos. As duas famílias sentaram-se e sabiamente decidiram que os filhos deveriam continuar os estudos, permanecendo sob a tutela deles. Mais tarde ver-se-ia...

Os adolescentes foram, contudo, instruídos para as precauções a tomar, a fim de evitarem novo precalço, difícil seria vigiá-los em permanência. Entrementes, ao que parece, os jovens não prestaram a devida atenção às advertências dos mais velhos e quando menos se esperava, estava um novo bebé concebido... Foi, pois, em presença da nova situação que os familiares de Anica impuseram, sem hesitar, o rápido casamento e a assumpção da filha por parte do marido, ou melhor, da família dele.

“– SE O VOSSO FILHO  
TEM ASSIM TANTA ESPERTEZA,  
TEM JEITO PARA ENGRAVIDAR,  
ENTÃO PODE MUITO BEM CASAR,  
MAS AI DELA SE ABANDONAR  
OS ESTUDOS...”

– Se o vosso filho tem assim tanta esperteza, tem jeito para engravidar, então pode muito bem casar, mas ai dela se abandonar os estudos... – ordenaram e lá casaram os jovens, ela com dezassete, ele com dezanove anos de idade.

O acto de registo civil do casamento foi seguido de um pequeno copo-d'água, mas mesmo assim apareceram pessoas que não tinham sido convidadas. Eram alguns familiares e jovens amigos dos noivos que se achavam com direito a fazer parte do acontecimento. Presenças que não causaram qualquer estranheza, antes pelo contrário, foram todos bem recebidos, atendendo ao cordial lema: “Onde come um, comem dois”.



“ATÉ AQUELA ALTURA NÃO TINHAM VOLTADO A TER CRIANÇAS, APRENDERAM A EVITÁ-LAS PELO PESO DA RESPONSABILIDADE...” Agora, doze anos depois, ali estava ela, naturalmente ainda jovem, mas já uma experiente mulher, trabalhadora qualificada e mãe de um casal de filhos. Até aquela altura não tinham voltado a ter crianças, aprenderam a evitá-las pelo peso da responsabilidade – trabalhar, estudar, cuidar da casa e dos filhos não foi pêra doce nos primeiros anos, embora o apoio familiar nunca lhes tivesse faltado.

Para a Anica as horas custaram a passar naquela manhã, de maneira que mal bateram as doze horas e trinta minutos ela largou os papéis e deixou a secção. Como de costume, Gegé chegou a casa e ficou sentadinho a ouvir as notícias. Anica, após descalçar os saltos altos e vestir uma batinha, foi para a cozinha ajudar a empregada a servir o almoço. Depois de estar tudo pronto chamou o marido e os filhos para a mesa. Um primo, chegado mesmo na hora, foi convidado a tomar também assento. O manjar era bastante simples, a dona de casa reservara o melhor para o jantar.

Entretanto, ao ver a comida, Gegé franziu a testa e exclamou sem cerimónias: mas é este o almoço?!

Anica não deu importância à observação e digamos que nem se apercebeu que o marido estava indignado.

O primo disse uma laracha para desanuviar e a refeição prosseguiu aparentemente sem incidentes. Gegé colocou no prato o suficiente para enganar a fome. E enquanto os outros ainda comiam, ele pediu licença para abandonar a mesa e foi estender-se no sofá para a sestazinha que não dispensava.

Às catorze horas regressaram ao serviço, mas Anica largou mais cedo, disposta a embrenhar-se na cozinha para confecção do jantar.

Naquela época, nos primeiros anos de independência, faltava quase tudo e as senhoras faziam quase tudo em casa. Anica transformou-se numa cozinheira de mão milagrosa, pois, com tão pouca coisa disponível, conseguia fazer maravilhas. Até iogurte e pão produzia, quando havia leite e farinha de trigo, claro... O filho mais velho passava mal sem pão, quando faltava era sempre a mesma lástima: ai mãe, quando não há pão sinto muita vontade de **chorar** – reclamava com as lágrimas a bailarem-lhe já nos **olhos**. As crianças não entendiam a razão das carências.

“O FILHO MAIS VELHO PASSAVA MAL SEM PÃO, QUANDO FALTAVA ERA SEMPRE A MESMA LÁSTIMA: AI MÃE, QUANDO NÃO HÁ PÃO SINTO MUITA VONTADE DE CHORAR.”

Com a ajuda da empregada, que ainda estava em casa, ela iniciou, o trabalho – fez a habitual tarte de fruta, que confeccionava, aproveitando a fruta em calda das latas que apareciam nas Lojas do Povo, fez pastéis e depois passou para os pratos quentes de peixe e de carne. Sabe Deus a poupança e a geringonça que foi obrigada a fazer para obter e guardar as coisas. Mas enfim! Era para o Gegé, o seu amor merecia...

O marido recolheu mais tarde do que a hora habitual. Encontrou a mulher atarefada na cozinha. Saudou-a sem grande entusiasmo, foi para o quarto pôr-se à vontade e depois deixou-se ficar na sala de estar a olhar para a televisão, a ver um daqueles programas dos países amigos que passavam e repassavam para preencher as primeiras emissões a preto e branco.

Anica começou a aperceber-se da frieza do marido e inquietou-se, mas continuou a azáfama. Entretanto serviu-lhe uma bebida, ele agradeceu entre dentes e apenas deu um golezinho, nem sequer tocou na ginguba torrada. Disse-lhe qualquer coisa e ele respondeu seca e laconicamente.

Perante as inexplicáveis atitudes do companheiro ela perguntou-se: mas afinal o que se passa? Que raio de mosca lhe mordeu para estar assim logo no nosso dia, um dia que despontou tão perfeito?

Entusiasmados, os filhos entravam e saíam da cozinha para a sala e vice-versa. A dada altura a mais nova dirigiu-se ao pai e falou-lhe inocentemente ao ouvido.

– Pai, não estás triste, pois não? Espera só um pouquinho, vem aí a surpresa, vais ver...

O pai esboçou um pálido sorriso e fez uma festa na cabecita da filha, mesmo a despachá-la.

Entretanto, na cozinha a boa disposição esfumara-se. Anica esmoreceu completamente e ficou sem vontade de continuar o labor a que se dedicava com todo o amor e carinho, e voltou a cogitar: ora essa! Será que ele não está a gostar? Eu queria tanto fazer-lhe esta surpresa...

Na sala Gegé fazia por alhear-se de toda a movimentação, continuava a fumar em frente da televisão.

“PERANTE AS INEXPLICÁVEIS  
ATITUDES DO COMPANHEIRO  
ELA PERGUNTOU-SE:  
MAS AFINAL O QUE SE PASSA?  
QUE RAIO DE MOSCA  
LHE MORDEU...”



Os filhos, de tão excitados, não se apercebiam do ambiente pesado que pairava no ar, pensavam só na hora do início da festa. Por isso, diligentemente, davam todo o apoio à mãe, passando isto e aquilo e no final foram dispor os pratos e os talheres sobre a toalha bordada, a que era reservada aos dias festivos. Também colocaram na mesa a latinha com o raminho de flores, que tinham oferecido aos pais de manhã, acompanhado de um bilhete de papel de caderno com os dizeres “Para o pai e a mãe com muitos beijos, parabéns”.

Um gesto singelo que emocionara profundamente os pais e por muito tempo a sensível mãe galinha Anica guardou as pétalas secas na agenda que trazia na carteira.

Anica concluiu o jantar, serviu a comida em travessas e pratos, de maneira a que ninguém tivesse necessidade de se levantar e depois de tudo pronto ela pediu ao marido para se chegar à mesa.

– Gegé, vamos jantar.

– Já vou, podem começar. – foram as rudes palavras dele.

– Oh! Mas que raio de bicho te mordeu? Como é possível irmos comendo sem ti? Mas afinal o que é que se passa homem?

Ele não respondeu, levantou-se como se estivesse a fazer um grande favor, puxou a cadeira e sentou-se, logo seguido da mulher e dos filhos. Estes é que estavam ansiosos por atacar as iguarias que a mãe tinha preparado.

Não era todos os dias que podiam dar-se ao luxo de ver assim tantos acepipes.

“ELE NÃO RESPONDEU,  
LEVANTOU-SE COMO SE  
ESTIVESSE A FAZER  
UM GRANDE FAVOR,  
PUXOU A CADEIRA E SENTOU-SE,  
LOGO SEGUIDO DA MULHER  
E DOS FILHOS.”

Uma vez abancados, foi dada ao pai a prioridade de se servir, mas este serviu pouquinho de algumas coisas, nada que se comparasse ao seu habitual, e logo começou a comer, via-se que era mesmo só para mitigar a fome que já trazia do almoço, se é que não tinha comido mesmo nada antes de entrar em casa.

Anica serviu as crianças, elas comeram de tudo um pouco, principalmente o rapaz que nunca tivera problemas para comer desde bebê. Era de tal modo guloso que quando via o leite diminuir no biberão começava a chorar e não sabia se mamava ou chorava. Era uma cena que se repetia em cada mamada. Por este facto, a avó Angelina, a avó materna, resolvera a questão sem dar a conhecer a ninguém. Preparava dois biberões em simultâneo.

“- MAS Ó MÃE, COMO É QUE FOI DAR FUNJE AO BEBÉ AINDA TÃO PEQUENO? - OLHA, VOCÊS TÊM MUITAS MANIAS. O MIÚDO COME E ATÉ GOSTA MUITO.”

O neto acabava um e logo a seguir, para seu regalo, tinha outro. Quando a Anica soube da façanha, ela que seguia à risca todas as prescrições e indicações do pediatra, ficou alarmada e mais alarmada ficou quando o bebê fez dez meses e ela aventou a hipótese de começar a dar-lhe funje. Aí a mãe deu uma grande gargalhada e disparou: – Ai é? Para tua informação ele já come funje há muito tempo... – Mas ó mãe, como é que foi dar funje ao bebê ainda tão pequeno? – Olha, vocês têm muitas manias. O miúdo come e até gosta muito. Anica ficou sem mais argumentos, abanou a cabeça e pronto, com aquela kota não havia nada a fazer, ela é que sabia como tratar dos netos, como fazê-los comer e tudo o mais, com a avó não havia truques, comiam de tudo e bem.

Bom, para remate do jantar Anica tinha mandado fazer um bolo de fécula de batata barrado com glacê branco, um doce de massa delicada que era o regalo das festas. A doceira portuguesa facturava bem, encomendas nunca lhe faltavam. Anica tinha-o guardado em lugar retirado, de maneira que o marido não o viu, nem os miúdos suspeitavam. Era a parte principal da surpresa. Quando o bolo branquinho veio, os miúdos deram vivas, como não? Se era o bolo de casamento dos pais. Um deles até perguntou se no dia do casamento a festa tinha sido assim tão boa.

“QUANDO O BOLO BRANQUINHO VEIO, OS MIÚDOS DERAM VIVAS, COMO NÃO? SE ERA O BOLO DE CASAMENTO DOS PAIS. UM DELES ATÉ PERGUNTOU SE NO DIA DO CASAMENTO A FESTA TINHA SIDO ASSIM TÃO BOA.”

Mas pelo facto do pai se ter recusado a comer o bolo, ele que era um bom garfo e glutão de doçarias, os filhos acordaram, deram conta de que afinal algo estranho estava a acontecer e mais uma vez a cassulinha dirigiu-se ao pai: – Então pai, vais te levantar já? Não comes o bolo de casamento? É por causa das velas? Mãe, mãe, olha, o pai está zangado porque o bolo não tem velas para apagar.

Anica não se pronunciou, mas o marido falou de maneira a que ela ouvisse bem:

– Não filha, não preciso de velas para nada, tudo isto não me diz nada.

Então logo hoje a vossa mãe foi me dar espada frita para o almoço e querem que eu fique contente porque fizeram jantar? Vão lá fazer pouco para o diabo.

A mulher ouviu estupefacta o estúpido desabafo e com o coração completamente dilacerado e sem querer desatou a chorar e foi entre soluços que ela falou quase se desculpando:

"AS LÁGRIMAS DE ANICA NÃO DEMOVERAM O MARIDO, ELE ESTAVA SENTIDO COM O QUE PENSAVA SER UMA DESFEITA E ERA TUDO. CABISBAIXOS OS GAROTOS RETIRAM-SE PARA O QUARTO."

– Ó Deus meu! Afinal é este o problema? Mas que parvoíce, tu não viste que eu fui trabalhar e me propus guardar o melhor que tínhamos para o jantar, que é o momento em que tenho mais tempo e estamos mais tranquilos?

As lágrimas de Anica não demoveram o marido, ele estava sentido com o que pensava ser uma desfeita e era tudo. Cabisbaixos os garotos retiraram-se para o quarto. O que estariam eles a pensar? Certamente: – Que estranhos são os mais velhos! – e teriam toda a razão, como era possível alguém ficar insensível ao esforço de outrem, feito com tanto afecto, com tanta dedicação?

Gegé foi deitar-se. Anica ficou a levantar a mesa e a arrumar a cozinha e depois foi espreitar os filhos. Eles já tinham adormecido, de maneira que entrou de mansinho, ajeitou-lhes as cobertas, deu um beijo na testa de cada um, apagou a luz e saiu. No rosto do filho mais velho pareceu-lhe ver laivos de tristeza. Mas talvez fosse só impressão, o certo é que o coração de mãe levou-a a sentir remorsos pelo mal causado.

Custava-lhe entrar no quarto, não estava com disposição de partilhar o leito, mas pensou no dia seguinte que se aproximava e achou conveniente ao menos distender o corpo. Passou pela casa de banho e quando chegou ao quarto o companheiro já ressonava. Teve vontade de o acordar para falarem, havia necessidade, mas achou melhor não incomodá-lo, não ia adiantar nada, se calhar até só iria piorar as coisas.

Deitou-se. Mas mal conseguiu pregar o olho e então pela sua cabeça foram perpassando episódios desde os tempos mais remotos em que conhecera Gegé.

Ela conhecia-o desde a infância. Eram vizinhos e frequentavam a mesma escola. O namoro começou nas brincadeiras de infância, com a troca de bilhetinhos, mas o namoro propriamente dito teve início quando ela completou catorze anos e ele lhe deu um beijo de raspão nos lábios. Ela ruboresceu e escapuliu-se. No dia seguinte o vizinho esperou-a e foram juntos para a escola.

- Gostaste do beijo? – perguntou-lhe Gegé.
- Hum, o que é que achas?
- Bem, por mim acho que gostaste, senão ontem tinhas-me dado um bofetão e hoje não estarias aqui comigo.
- Então não preciso de dizer mais nada.
- Não, tens que falar. Aceitas namorar comigo de verdade?
- De verdade como?
- Assim, de dar beijinhos e de mãos dadas.
- De mãos dadas? Estás maluco ou quê? Os meus irmãos são muito ciumentos, se sabem que estamos a namorar dão cabo de ti. Eles são terríveis.

"ELA CONHECIA-O DESDE A INFÂNCIA. ERAM VIZINHOS E FREQUENTAVAM A MESMA ESCOLA. O NAMORICO COMEÇOU NAS BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA, COM A TROCA DE BILHETINHOS..."

– Deixa comigo, com eles posso eu bem e ela foi na onda...

Embora tivessem tomado as devidas precauções, em pouco tempo foram descobertos, um rapazinho da escola que também gostava da miúda foi **queixar-se** aos irmãos. E agora? A menina deles, a flor da casa estava de namorico com o Gegé, por sinal um grande kamba?

– Grande sacana! Traidor dum raio, o gajo vai pagar, parece que não nos conhece... Falaram e prepararam-se.

E sem muito estrondo fizeram uma espera e apanharam os dois em flagrante. Ao mirar os irmãos à distância Anica escapuliu-se. Quando o namorado se apercebeu já lhe estavam em cima. Foi surra ou quê?

– Isto é só um aviso. Se continuares a andar com a miúda estragamos-te, ficas sem concerto, estás a ouvir?

Gegé ainda tentou defender-se, mas pregaram-lhe uma baçula que o prostrou em terra. E a vingança não se fez esperar. Ali mesmo ele, o Gegé, jurou que ia continuar o namoro. “Agora é que não deixo”, disse para consigo.

“SENSIBILIZARAM-NA QUE ERA AINDA MUITO NOVA, TINHA TODO O TEMPO PELA FRENTE E NAQUELE MOMENTO A PRIORIDADE ERAM OS ESTUDOS. DE VIA ESTUDAR PARA SER UMA GRANDE MULHER, UMA DOUTORA.”

Anica não apanhou, mas os irmãos entregaram-na aos pais para a devida reprimenda. Os pais falaram muito com ela. Sensibilizaram-na que era ainda muito nova, tinha todo o tempo pela frente e naquele momento a prioridade eram os estudos. Devia estudar para ser uma grande mulher, uma doutora. Este era o sonho deles e ela devia esforçar-se naquele sentido. O pai aconselhava os filhos todos a estudarem, reiterando que o estudo era a melhor herança que lhes poderia deixar.

De princípio ela pareceu acatar todos os conselhos. Era muito nova. Não devia pensar tanto no Gegé, mas sim nos estudos; Gegé porém, não deixou de assediá-la um só dia. E tanto atazanou, tanto suplicou que a convenceu, voltaram com cuidados redobrados para que ninguém se apercebesse, mas era um namoro tão inexperiente e incauto que precocemente vieram os dois filhos. Mas depois do casamento não houve mais arrufos. Para espanto, os irmãos da Anica gostaram de ser tios pela segunda vez e os pais, avós dos filhos da única menina.

“E TANTO ATAZANOU, TANTO SUPLI- COU QUE A CONVENCEU, VOLTARAM COM CUIDADOS REDOBRADOS PARA QUE NINGUÉM SE APERCEBESSE...”

Os nubentes foram viver num anexo, cujas rendas eram suportadas pelas famílias. O pior foi a adaptação à vida conjugal. Anica mal sabia fazer um arroz e funje nem se fala. A massa ficava sempre cheia de borbulhas. Mas com o tempo e a força de vontade ela acabou aprendendo aquilo e muito mais. Tornou-se uma cozinheira à altura das exigências do bom garfo que era o marido.

Porém, no cômputo geral, a nota positiva foi o facto de Gegé e Anica não terem abandonado os estudos. Trabalhavam, estudavam e conseguiram licenciar-se, os dois eram senhores doutores, para grande orgulho de toda a família.

E foi no recordar nocturno que as birras e casmurrices do marido afloraram com persistência. De facto, ele sempre fora caturra. Quando metia uma coisa na cabeça ninguém lha tirava, feitio que por vezes causava um mal-estar generalizado no lar. Só ele sabia tudo, só ele tinha razão. E o pior é que não sabia pedir desculpas.

“ELA FICOU A OLHAR PARA ELE E AINDA VOLTOU A PENSAR SE LHE DEVIA DIZER ALGUMA COISA, MAS MAIS UMA VEZ PREFERIU SILENCIAR. ERA SEMPRE ASSIM...”

Ela tinha esperanças que as coisas melhorassem com o tempo, mas nada, parecia que a tendência era piorar. Assim, com o coração completamente estraçalhado e com a certeza de que o marido nunca se retrataria, pois era sempre ela a ceder para trazer de volta a harmonia, chorou no silêncio das quatro paredes, enquanto o marido continuava roncando.

De manhã, antes de deixar a cama, Gegé beijou maquinalmente a mulher. Ela ficou a olhar para ele e ainda voltou a pensar se lhe devia dizer alguma coisa, mas mais uma vez preferiu silenciar. Era sempre assim, o diálogo para aclarar situações não era usual entre eles, porque o marido se furtava e, quando forçado, as coisas descambavam em acesas discussões, que acabavam perturbando os filhos, de maneira que ela preferia evitar.

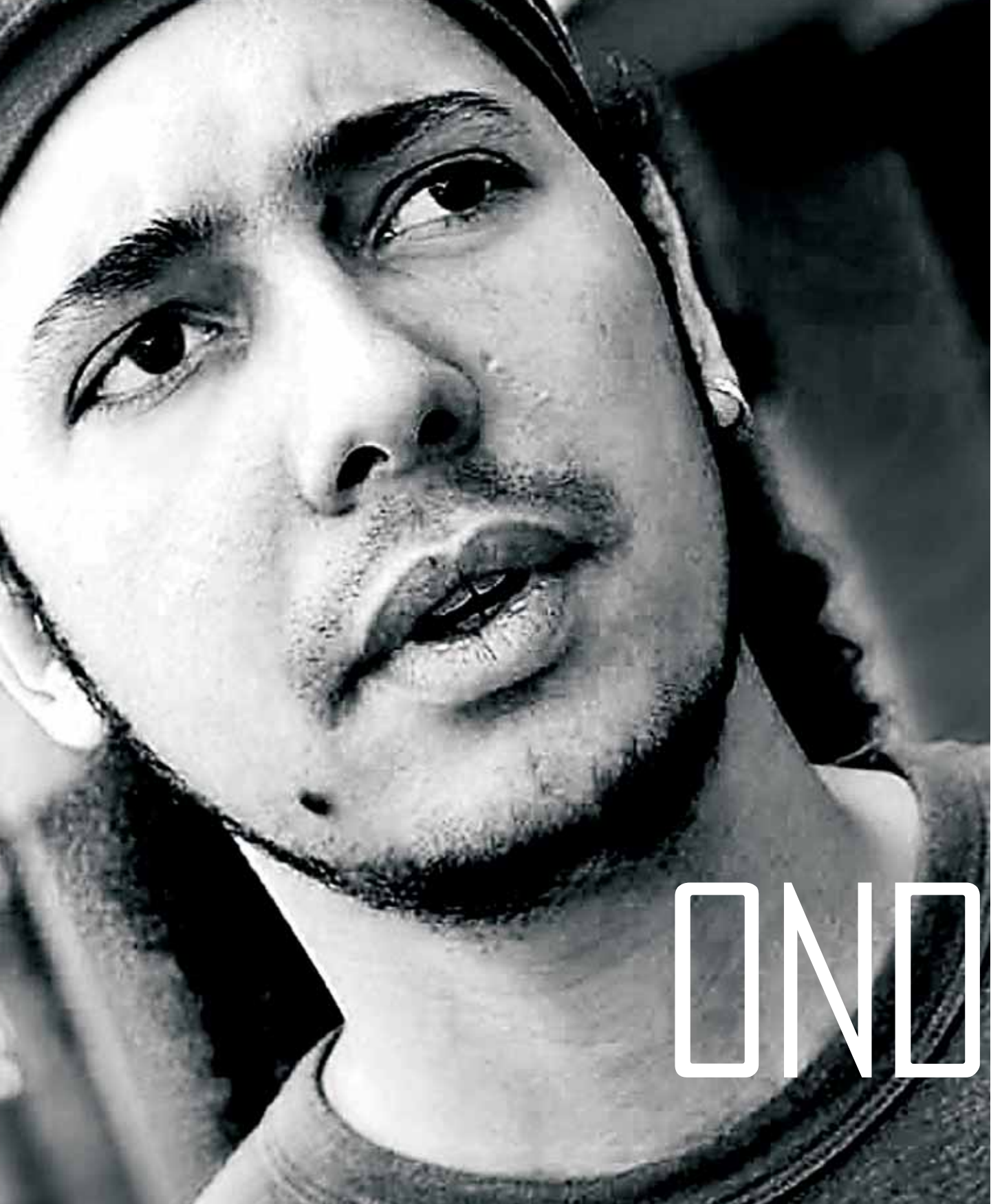
Anica tinha tentado a todo o custo estabelecer a prática do diálogo na família, pois era assim que se resolviam os problemas no seio da família de onde provinha, discutindo, contudo falhou. Portanto, com o passar dos anos via a situação agudizar-se e começava a antever um futuro sombrio que talvez o seu devoto amor, só por si, não conseguisse travar.

Como mal dormiu, deixou a cama cansada e cheia de olheiras. Se fosse possível nem punha os pés no trabalho, mas como o dever obriga, preparou-se e foi. Quando chegou ao departamento, as colegas lançaram-lhe olhares insinuantes, porque nem a maquilhagem conseguiu disfarçar as profundas olheiras. Uma espletada segredou-lhe ao ouvido: — Ulalá! Isto é que foi uma lua-de-mel, hein...

“QUANDO CHEGOU AO DEPARTAMENTO, AS COLEGAS LANÇARAM-LHE OLHARES INSINUANTES, PORQUE NEM A MAQUILHAGEM CONSEGUIU DISFARÇAR AS PROFUNDAS OLHEIRAS.”

E a Anica que procurava nada dar a entender, como era a sua forma de ser e estar, no momento em que a brincalhona lhe sussurrou aquilo ao ouvido sentiu um aperto no coração, teve vontade de chorar, desabafar, mas não, isso não podia acontecer, precisava de continuar a manter as aparências. Havia entre elas uma colega bastante lamuriante que a elogiava a todo instante: — Tu é que tens sorte, tens um bom marido, nunca tens queixas, quem me dera! — Anica não comentava. Esboçava aquele seu sereno sorriso e pronto.

Contudo, as reprimidas lágrimas teimavam em soltar-se e antes que o véu caísse, Anica correu para a casa de banho, deixando-se lá ficar até se sentir pronta para prosseguir a encenação da farsa que, afinal, só aproveitava mesmo o marido... FIM



## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

NASCEU EM LUANDA, EM NOVEMBRO DE 1977. PROSADOR E POETA. CO-REALIZOU UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A CIDADE DE LUANDA (OXALÁ CRESÇAM PITANGAS – HISTÓRIAS DE LUANDA/2006). MEMBRO DA U.E.A.

OBRA PUBLICADA *POESIA*, ACTU SANGUÍNEU/2000 | *ROMANCE*, BOM DIA CAMARADAS/2001 | *CONTOS*, MOMENTOS DE AQUI/2001 | *ROMANCE*, O ASSOBIADOR/2002 | *POESIA*, HÁ PRENDISAJENS COM O XÃO/2002 | *ROMANCE*, QUANTAS MADRUGADAS TEM A NOITE/2004 | *INFANTIL*, YNARI: A MENINA DAS CINCO TRANÇAS/2004 | *CONTOS*, E SE AMANHÃ O MEDO/2005 | *ESTÓRIAS*, OS DA MINHA RUA/2007 | *ROMANCE*, AVÓDEZANOVE E O SEGREDO DO SOVIÉTICO/2008 | *INFANTIL*, O LEÃO E O COELHO SALTITÃO/2008 | *POESIA*, MATERIAIS PARA CONFECÇÃO DE UM ESPANADOR DE TRISTEZAS/2009 | *INFANTIL*, O VOO DO GOLFINHO/2009. | LIVROS TRADUZIDOS PARA FRANCÊS, ESPANHOL, ITALIANO, ALEMÃO, INGLÊS, SÉRVIO E SUECO.

# OND JAKI

# A MULATA, O MOSQUITO, E CHET BAKER AO PIANO

CAÍÁ UMA CHUVA FINA – QUASE GEADA HÚMIDA  
SUFICIENTE PARA INCOMODAR SEM CHEGAR A MOLHAR QUEM  
ESTIVESSE NA RUA CAMINHANDO, PASSO APRESSADO, EM DIRECÇÃO  
AO RONNIE SCOTT'S, NUM MÉS CHAMADO MAIO ONDE O SOL APARECIA  
TIMIDAMENTE PARA DEPOIS SE RECOLHER NO OUTRO LADO DO MUNDO  
DEIXANDO LONDRES NUMA CINZENTEZ QUASE MELÓDICA,

a porta estava aberta,  
o ambiente aquecia o olhar e as mãos das pessoas pas-  
seando pelos copos de licores, martinis e whiskies vários, as luzes  
acendiam e apagavam devagar enquanto o técnico disfarçadamente  
fazia o teste da mesa de luz e de som,  
Chet Baker estava ao canto do balcão e foi reconhecido pelo casal  
que entrou, atrasado e com a geada húmida acumulada nos casa-  
cos e cabelos, “um casal simpático”, pensou Chet, enquanto de-  
volvía um sorriso a ambos, contente que ficou por não terem sido  
inoportunos, apenas sorriram sem trazer frases e abraços incómo-  
dos, o trompetista aquecia a voz com a bebida, tremia das mãos  
mais do que tremia com o coração, tinha um brilho nos olhos que  
lembrava a lágrima da emoção ou o esforço do próprio sopro em  
jazz – era hora dos dedos da memória e da voz começarem,





Chet tinha o trompete à sua espera no chão perto da cadeira escura de madeira, os outros elementos da banda entraram, ouviram-se palmas e murmúrios, auras dançantes e expectativas, olhares e suores de mão, depois das palmas o assobio discreto do próprio Ronnie fez Chet sorrir antes de olhar para trás e autorizar o baterista a iniciar marcação,

a noite calou-se dentro e fora do estabelecimento, os copos pediram às pedras de gelo que não dançassem, as luzes se acalmaram acalmando as gentes, tudo eram magias em torno do palco invadido pela voz rasteira, triste, de Chet Baker

“you go to my head...”

em delícia deitada, se uma voz pode ser dita como horizontal era aquela, imperturbável numa textura de areia, a temperatura aquecida pelas respirações da assistência e dos músicos, um mosquito distraído entrou no Ronnie Scott’s e sentiu falta de ar, voltou à noite fria lá fora com os restos da voz de Chet atraindo quem passasse ou estivesse atrasado, depois das palmas pela primeira intervenção de voz os lábios encostaram-se ao trompete e a noite foi embalada em ponto cruz pelos seus dedos velhos, treinados, hábeis, fabulosos, quem olhou pôde ver os olhos fechados do músico extraíndo do seu sopro notas suaves e outras repentinas como só Chet sabia manejar “you go to my head”,

“A NOITE CALOU-SE DENTRO E FORA DO ESTABELECIMENTO, OS COPOS PEDIRAM ÀS PEDRAS DE GELO QUE NÃO DANÇASSEM, AS LUZES SE ACALMARAM ACALMANDO AS GENTES...”

o casal angolano sorria, não falava, chegou outro casal, as cadeiras completaram um grupo de quatro, eram oito ouvidos atentos mais quatro bocas cerradas em espanto e transe, o fumo invadia a sala, cheiros mistos de tabaco de enrolar e cachimbos,

uma valente mulata de seios provocantes cruzou o salão quebrando a concentração dos que até então só olhavam os músicos, a mulata desapareceu, ficou a música do contra-baixo divagando forte na pressão dos dedos até que uma flauta italiana exponenciou a magia, Chet usava o canto do olho húmido para sentir Nicola, o italiano, moldar o assobio até jazz, pediram mais bebidas e o encanto foi feito movimento sonoro com estrondosas palmas sobre a frase final de “you go to my head”.

“... A MULATA DESAPARECEU, FICOU A MÚSICA DO CONTRA-BAIXO DIVAGANDO FORTE NA PRESSÃO DOS DEDOS ATÉ QUE UMA FLAUTA ITALIANA EXPONENCIOU A MAGIA...”

A cidade inglesa atravessava a madrugada numa densidade mais branda. O que fora chuva aceitava agora ser só rumor, pingo aqui e ali de alguma árvore mais carregada de gotículas incômodas, os cemitérios estavam numa paz serena, os mortos esforçavam-se também por ouvir a música, depois dos ajustes a banda iniciou, num ritmo acelerado, “but not for me”, sons articulados com a voz numa soltura paralela aos instrumentos musicais, entre palmas e sorrisos, comentários e assobios, olhares expectantes e a mulata que havia desaparecido para sempre entre cortinas escuras na lateral do palco, então os angolanos viram – um piano adormecido repousava ao fundo do palco, aberto, pronto, mas sonâmbulo, a música corria, “just friends”, alguém pediu e eles tocaram,

a voz de Chet estava mais grave e mais triste, o seu corpo denotava algum cansaço mas a sua animosidade estava intocável, uma energia interna contrariava o tremor das mãos, o pé batia num compasso seguidor dos ritmos da bateria, alguém sorriu sobre a música, sobre os sons que Chet ia fazendo quando não lhe apetecia articular palavras concretas, Ronnie estava do outro lado da sala, controlava a noite e o seu estabelecimento com olhares que dirigia aos funcionários e foi nesse secretismo que as noites deslizaram por ele e pelos amigos durante anos, convidando americanos e cubanos a tocarem juntos ali, no palco de amizades e sons deslumbrantes,

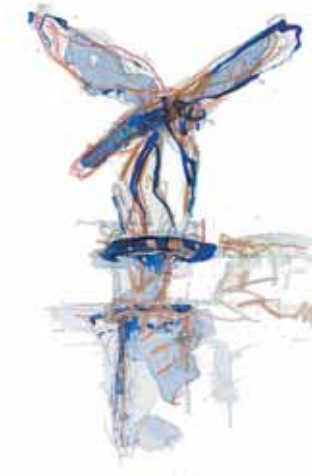
“ESFREGAR VAGAROSAMENTE  
O INDICADOR NO POLEGAR  
COMO QUE SABOREANDO  
AS NOTAS CHEGANDO A SI  
SOB FORMA DE VENTANIA  
MANSA, O JAZZ ERA  
A SUA VIDA...”

Chet, Sandoval, Paquito Rivera, negros e brancos com vozes brancas e negras convergindo para o culto dos sopros e vozes que densificam noites e estares, existências e locais, mundos e pessoas,

de repente “my funny valentine” soou, palmas novamente, mais bebidas, Ronnie, do outro lado da sala, sentia a música num silêncio quieto e cometia o tique de esfregar vagarosamente o indicador no polegar como que saboreando as notas chegando a si sob forma de ventania mansa, o jazz era a sua vida e a sua vida eram aquelas noites principalmente as mágicas, e se havia perito na arte de atribuir magia a uma noite esse alguém estava ali, com o seu trompete, com as veias da garganta murmurando

“stay, little valentine...”

tinha um dom e um nome inesquecíveis: Chet Baker.



“NO CURTO INTERVALO,  
O MOSQUITO VOLTOU A ENTRAAR  
NO RONNIE SCOTT’S COM MAIS  
CORAGEM PARA FICAR, VOOU  
SOBRE O BAR RASANDO  
OS COPOS SEMI VAZIOS...”

No curto intervalo, o mosquito voltou a entrar no Ronnie Scott’s com mais coragem para ficar, voou sobre o bar rasando os copos semi vazios, foi até ao palco pousando brevemente no trompete de Chet repousado novamente no chão, atravessou o espaço entre as duas cortinas escuras e sentiu o cheiro dos cabelos da mulata de seios sumptuosos, veio aterrisar na mesa dos angolanos

“um mosquito por aqui...?”

alguém quase disse, fazendo o gesto automático de o matar mas ou o gesto foi lento ou o mosquito foi rápido, levantou voo novamente, procurou um pescoço para ferrar e encontrou, mas Chet sacudiu o mosquito antes de ele estar satisfeito, e este, o mosquito, retornou à mesa dos angolanos mas pelas traseiras e chupou quanto sangue pôde ao Jerónimo, amante de jazz que se deslocara até ao Ronnie especificamente para ouvir Chet Baker e não tanto para ser mordido pelo mosquito,

houve qualquer coisa de Chet nessa picada noctívaga, quando o jazz voltou ao palco o mosquito terá aproveitado a saída de alguém para retomar o seu destino fora daquele bar.

Chet reinaugurou o palco com “beautiful black eyes”, como beautiful era o som do seu trompete apontado para a mulata que voltava à sala calmamente sem olhar para ninguém, caminhando de olhos fechados até encontrar um assento onde repousar o corpo – e esteve assim durante longo tempo,

Ronnie pediu “broken wing” e a banda tocou; alguém gritou “nardis” e a banda tocou longa versão de “nardis” com um Chet inspirado ou triste que nisso da sua inspiração havia ecos mútuos de tristeza que a noite e as bebidas e as drogas moldavam em combinações imprevisíveis, espantosas. O fim da noite vertia um cheiro nítido. Aproximava-se. Chet pousou o trompete, fez uma vénia desajeitada, a banda dispersou e, pela atitude, era certo que não tocaria mais.

“... A MULATA QUE VOLTAVA À SALA CALMAMENTE SEM OLHAR PARA NINGUÉM, CAMINHANDO DE OLHOS FECHADOS ATÉ ENCONTRAR UM ASSENTO ONDE REPOUSAR O CORPO...”

Dirigiu-se ao bar e pediu rum com coca-cola. Ronnie passou por Chet, tocou-lhe nas costas, viu a marca do mosquito no pescoço, sorriu. Jerónimo aproximou-se dele, não do mosquito mas de Chet, e falaram

“you must go to Angola, one of these days...”

Chet sorriu, concordou com a cabeça, mostrou-se encantado

“sure...”

tremia as mãos e bebia lentamente, sorria com os olhos e com as rugas bonitas na testa,

“I would like to know if you can play this song...”

não resistiu Jerónimo, falando-lhe ao ouvido.

O homem do trompete sorriu com os lábios, mostrou contentamento, não disse nada. Pegou no copo e sentou-se ao piano. Ronnie, do outro lado da sala, manteve o seu habitual silêncio. A mulata abriu os olhos. O mosquito voltou a entrar. Jerónimo sentou-se à mesa com Maguí e o casal amigo.

O copo – suando a temperatura do gelo e os calores do rum – foi pousado sobre o piano. As gentes calaram-se deixando espaço. “Retrato em branco e preto” brotou nas cordas do piano num registo de fazer chorar os mais duros, a emoção era tão contagiante que as pessoas evitavam olhar-se nos olhos, Ronnie recuou o mais que pôde encostando-se à parede num ângulo que ninguém o visse, a música evoluía linda e melódica, quem já conhecia Chet estava encantado por vê-lo ao piano ensaiando a composição brasileira assim na ponta dos seus dedos trémulos e suados – foi, é sabido, uma noite musicalmente abençoada.

“QUEM JÁ CONHECIA CHET ESTAVA ENCANTADO POR VÊ-LO AO PIANO ENSAIANDO A COMPOSIÇÃO BRASILEIRA ASSIM NA PONTA DOS SEUS DEDOS TRÉMULOS E SUADOS...”



Jerónimo aproximou-se com um olhar de agradecimento. Chet Baker fechou o piano, apertou-lhe a mão, despediu-se “I think we’ll meet again.”

Palmas de êxtase e comoção encerravam a noite quando a mulata de seios provocantes não resistiu e matou, num gesto só, o mosquito que distraía a sua vida em cima da mesa. FIM



## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

NASCEU EM LUENA, MOXICO, A 26 DE JUNHO DE 1977. TÉCNICA MÉDIA DE ENFERMAGEM. MEMBRO DA U.E.A.

OBRA PUBLICADA *ROMANCE, ENCONTRO COM O PASSADO*/2005 | *CONTOS, POR PENA MORREU MULEMBA E OUTROS*/2006 | *ROMANCE, ERROS QUE MATAM*, ED. DA UNIÃO/2008 | *CONTOS, APENAS ENTRE MULHERES E OUTROS*/2008.

# SÓNIA

# GOMES

# ^ INOCENTE

VIVIA-SE NOS MESES DE MUITA CORRERIA E DE GRANDES EXPECTATIVAS ANTES DAS SEGUNDAS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS EM ANGOLA. DECORRIA MAIS UM DIA - 26 DE JUNHO DE 2008 - DE SUFOCO NA CIDADE DE LUANDA. AS OBRAS DE RESTAURO DAS VIAS (COMPACTAÇÃO DO SOLO, TERRAPLANAGEM, REPARAÇÃO DAS VALAS DE DRENAGEM...) QUE ESTAVAM A ACONTECER UM POUCO POR TODOS OS CANTOS DA CIDADE TINHAM CORTADO AO TRÂNSITO AS RESTANTES RUAS QUE, NÃO OBSTANTE ESSA SITUAÇÃO, IAM, DIA-APÓS-DIA, ABOLETANDO DE NOVOS CARROS.

Ricardina era um dos dezasseis passageiros, incluindo o motorista e o cobrador, num táxi, **Toyota Hiace**, que seguia da paragem de táxis da Rotunda do Zamba II, ali na zona da Samba, para o S. Paulo, um bairro localizado na área urbana do município do Sambizanga. Eram onze horas e o trânsito que percorria as ruas cruzadas, Amílcar Cabral e Ho Chi Min, era enorme e lento. No entanto, no táxi superlotado, a conversa entre a maioria dos passageiros em torno das eleições que se avizinhavam estava bastante animada.



Era assim nos dias que corriam em todos os convívios, reuniões familiares e noutras concentrações de pessoas: os debates poderiam alargar-se por diferentes temas, mas acabavam inevitavelmente por convergir para a questão das eleições: vaticínios, idoneidade das novas formações e coligações políticas e a permanente conturbação no seio de lideranças de partidos históricos como a **UNITA\*** e a **FNLA\*\*** era disso que o povo falava. Vez ou outra, aludia-se, de modo breve e quase temeroso, à possibilidade de um novo reacender da guerra civil após o sufrágio. A causa principal desse pensamento receoso estava na negativa experiência vivida pelos angolanos em 1992. Será que o drama se repetiria?

“RICARDINA ARREPENDEU-SE DE NÃO TER SAÍDO MAIS CEDO DE CASA. ERA POSSÍVEL QUE JÁ NÃO ENCONTRASSE O HOMEM QUE A ESPERAVA DESDE ÀS DEZ HORAS PARA UMA ENTREVISTA DE EMPREGO.”

Ricardina virou o rosto para o seu lado direito e olhou para fora, no momento em que o ruído estridente de uma buzina forçava a entrada no carro que a transportava. Uma viatura, também **Toyota Hiace**, que escalara o passeio, ultrapassou pela direita o carro em que viajava a moça, obrigando as pessoas que faziam o seu trânsito a pé nas laterais do espaço alcatroado, apanhados de surpresa, a correrem como loucos para todos os lados em busca de segurança. Era uma cena constante nas vias de Luanda. Os taxistas, com frequência, não estavam dispostos a atuar as longas e compactas filas de carros que a todo o momento se formavam nas principais ruas, acabando, por isso, sempre que fosse possível, por abandonar a pista alcatroada e empreender, ao lado dos peões, uma marcha perigosa e infrutuosa. Ao voltar a atenção para o ambiente tumultuoso no carro agora parado, Ricardina arrependeu-se de não ter saído mais cedo de casa. Era possível que já não encontrasse o homem que a esperava desde as dez horas para uma entrevista de emprego.

A discussão que prosseguia no carro tinha dividido em duas facções os passageiros. Havia um grupo que se manifestava estrondosamente à favor da necessidade de recondução do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), a direcção do Governo de Angola. Como credencial necessária para a reeleição do partido dos camaradas, os seus simpatizantes evocavam os feitos do Governo que detinha o poder em Angola há mais de dezasseis anos: o espantoso crescimento da economia, as significativas melhorias no sector de saúde e a elevação de novas, assim como a reabilitação das antigas infra-estruturas (escolas, hospitais, lojas, residências, pontes, estradas...) por todo o país.

“A DISCUSSÃO QUE PROSSEGUIA NO CARRO TINHA DIVIDIDO EM DUAS FACÇÕES OS PASSAGEIROS.”

À menção da terceira conquista do MPLA, o grupo que se opunha à sua permanência na liderança do Governo angolano ergueu a voz, atribuindo às numerosas e apressadas obras, de cuja qualidade desconfiavam, um cunho eleitoralista. A insultuosa acusação tinha de imediato, obrigado os do MPLA a uma nova mobilização em sua defesa.

– Se até há bem pouco tempo – ergueu-se uma voz onde se notavam os efeitos do consumo abusivo de **álcool** –, o Governo **não** fez mais por Angola foi pela evidente razão de que, no tempo de guerra, quase todo o rendimento do país era canalizado para a compra de armamento.

O carro, depois de algum tempo parado, começou novo movimento e o debate sobre as eleições ganhou maior ânimo. Houve outros comentários sobre as obras que provocou mais discussões, falou-se das vantagens que o Governo tinha com o controle dos órgãos de comunicação na fase da campanha eleitoral e quando o **Hiace** fez nova paragem à beira do triângulo colocado à boca da rua Oito, no Bairro Martires do **Kifangondo**.

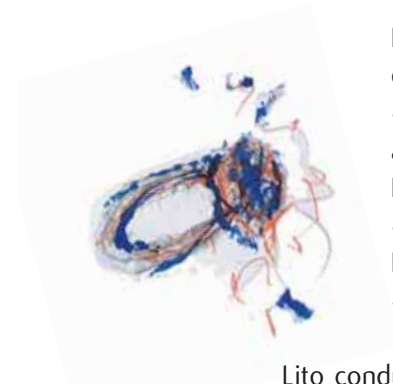
“JÁ TINHA MUITO COM QUE SE PREOCUPAR: A CRÓNICA FALTA DE COMIDA EM CASA, A ESCASSEZ DE VESTUÁRIO NO SEIO DA SUA NUMEROSA FAMÍLIA, A PROGRESSIVA RUÍNA DA CASA...”

Ricardina foi, de entre vários outros, a passageira que abandonou o veículo. Enquanto atravessava a larga estrada e se dirigia ao hotel localizado na travessa da Avenida Ho Chin Min, o seu pensamento voltou para a discussão deixada no táxi. Nunca se tinha interessado por semelhantes debates. Ela considerava-os políticos e política não era assunto, considerava igualmente, em que devesse se meter. Já tinha muito com que se preocupar: A crónica falta de comida em casa, a escassez de vestuário no seio da sua numerosa família, a progressiva ruína da casa, localizada num bairro pobre da Samba e o seu desemprego. Sim, o seu desemprego e o das suas irmãs crescidas, exclamou dentro de si, e estugou o passo.

Na porta do hotel, ligou a um amigo, que poucos minutos depois se apresentou diante dela.

– Então, só agora? – Lito tinha as mãos pousadas na cintura e o tronco ligeiramente inclinado para diante. Era um jovem ainda na casa dos vinte e amigo de longa data de Ricardina. Era uma dentre várias pessoas a quem ela pedira ajuda na sua luta para arranjar um emprego. – Se soubesses como foi difícil arranjar essa chance, não estarias a te comportar com tamanha irresponsabilidade, fazer esperar por tanto tempo um homem tão ocupado. – Agitou o dedo erguido. – E olha que ele é o próprio director dos Recursos Humanos! – Estava inquieto como se a perda da entrevista que o atraso da menina possibilitava fosse prejudicar mais a si do que a Ricardina.

“ERA UM JOVEM AINDA NA CASA DOS VINTE E AMIGO DE LONGA DATA DE RICARDINA. ERA UMA DENTRE VÁRIAS PESSOAS A QUEM ELA PEDIRA AJUDA NA SUA LUTA PARA ARRANJAR UM EMPREGO.”



Levantando um braço e apontando-o na direcção donde procedera, a moça laconizou:

– Havia muito engarrafamento! – Deixou cair a cabeça para o lado. – Ainda está aí o senhor? Lito fitou o rosto bonito e ingénuo.

– Sim, ainda está aí! – Acabou por articular. Ela sorriu, esperançosa.

– Oh, então, ainda temos alguma possibilidade.

Lito conduziu a moça ao interior do hotel, a uma ampla e confortável sala de espera. Um homem dos seus quarenta e poucos anos, vestido de modo sofisticado, com anéis de ouro a brilharem nos dedos indicador, médio e anelar, estava sentado a um canto desta mesma sala. Enquanto Lito encaminhava Ricardina na sua direcção, o Sr. Manuel Trindade, era assim que se chamava o homem, tinha pousado sobre a rapariga um olhar tranquilo e quase dominador. Este olhar e todo o luxo da sala, lembrou à rapariga a sua própria pobreza.

A saia preta e justa que lhe chegava aos joelhos tinha sido comprada na zunga. A blusa às riscas pretas e brancas e os calçados pretos tinham sido adquiridos já usados num mercado informal da periferia onde era abundante a venda deste género de produtos. Mas seguiu com passos determinados até ao homem.

– Podes sentar-te! – Proferiu ele depois dos cumprimentos. O seu tom de voz denotava mais a rudeza de uma ordem do que a suavidade de um convite.

Ricardina sentou-se, porém, confiadamente diante do homem no sofá incrivelmente confortável. O olhar da moça perdeu-se, por instantes, na enorme sala. Havia vários jogos de cadeirões no espaço, dispostos em grupos de três à volta de uma mesinha. Do tecto alto pendiam luxuosos candeeiros e pendurados em quase todas as paredes havia inúmeros quadros que, pela constância da sua temática, adivinhavam-se de artistas angolanos. Os quadros à óleo representavam homens a pescar, mulheres a trabalharem no campo e outras que executavam diferentes trabalhos domésticos. Lito, por sua vez, tinha o olhar ansioso pousado no rosto do Sr. Trindade como que a ler nele a impressão que a rapariga causara no homem.

“RICARDINA SENTOU-SE  
PORÉM CONFIDAMENTE  
DIANTE DO HOMEM NO SOFÁ  
INCRIVELMENTE  
CONFORTÁVEL. O OLHAR  
DA MOÇA PERDEU-SE,  
POR INSTANTES,  
NA ENORME SALA.”

– Então, Ricardina, por que quer trabalhar?

O olhar de Ricardina deslocou-se de um quadro que retratava uma mulher camponesa a caminhar com um bebe às costas e um balaio repleto de frutas à cabeça para o rosto do homem. O seu coração bateu com força. Então não trabalhavam todos pelo mesmo objectivo? Ganhar o pão? Haveria por acaso diferentes motivações e objectivos na procura de um emprego?

A moça fez correr o olhar para o amigo, que se sentara num sofá a seu lado. O jovem matinha-se quieto como tendo dado tudo quanto podia naquele **negócio**, todo o resto já não lhe dissesse respeito. Segundos depois, o olhar da moça voltou-se para a posição anterior e afundou-se nos olhos do Sr. Trindade. O irmão mais velho tinha-lhe recomendado que não se mostrasse tímida.

– Quero trabalhar para ganhar o pão!

O homem recostou-se para trás, pôs uma perna dobrada sobre a outra e com as mãos reluzentes de ouro cruzadas sobre o joelho, fitou-a.

– Só por isso? – Ela olhou-o ainda mais confusa e o olhar do homem demorou-se no busto desenvolvido da moça. – Pensei que querias trabalhar porque fosse algo que gostasses de fazer!

A cabeça da menina tombou para o lado e os seus lábios bem desenhados esboçaram um sorriso embaraçado.

– Não posso dizer que gosto de trabalhar. – Endireitou o tronco e sacudiu os ombros. – Porque nunca trabalhei. Mas agrada-me a ideia.

“– NÃO POSSO DIZER  
QUE GOSTO DE TRABALHAR.  
– ENDIREITOU O TRONCO  
E SACUDIU OS OMBROS. –  
PORQUE NUNCA TRABALHEI.  
MAS AGRADA-ME A IDEIA.”



Agradava-lhe a ideia de poder trabalhar, sobretudo porque tinha-lhe sido garantido que se fosse admitida na CRUDE-ANGOLA o seu salário estaria acima de mil dólares! Mil dólares americanos! Exultou dentro de si. Quanta coisa poderia ela fazer com aquilo? Deleitada com a ideia, deitou ao homem um olhar doce, ao qual ripostou, molhando de modo provocador os seus lábios.

O Sr. Manuel descruzou as pernas e inclinando-se para diante como para reduzir o espaço que o distanciava da menina, sorriu:

– Agrada-te a ideia de trabalhar!

Ela, como num gesto antecipado de agradecimento, tornou a esboçar aquele sorriso carregado de doçura.

“... PORQUE O TRABALHO VAI ME DAR DINHEIRO E COM ELE VOU PODER ALIVIAR A CARGA LÁ DE CASA. VOU PODER PÔR ALGUMA COMIDA NA DESPENSA E NO FRIGORÍFICO, COMPRAR VESTUÁRIO E MATERIAL ESCOLAR PARA OS MEUS IRMÃOS.”

– Sim, gosto da ideia. – repetiu. – Porque o trabalho vai me dar dinheiro e com ele vou poder aliviar a carga lá de casa. Vou poder pôr alguma comida na despensa e no frigorífico, comprar vestuário e material escolar para os meus irmãos.

O homem recapitulou mentalmente as dificuldades da moça: falta de comida, vestuário, material escolar e na sua mente a lista alongou-se: recursos financeiros para suportar despesas com medicamentos, água, que na periferia costumava ser muito escassa e a luz eléctrica adquirida ilegalmente de puxadas... Eram de facto muitas as vulnerabilidades de Ricardina.

– E porque tens de ser tu a sustentar a tua família? Pareces muito nova ainda! – O olhar astuto do homem voltou a apalpar o corpo da rapariga como se a idade de uma pessoa pudesse simplesmente ser determinada pelo seu tamanho físico. – Que idade é que tu tens?

Ela olhou desajeitadamente, primeiro, para o amigo e, depois, para o Sr. Trindade.

– Faço vinte anos dentro em breve!

– Então, não deveriam ser o teu pai e a tua mãe a sustentar a casa, enquanto tu te ocupavas com os estudos?

“– O OLHAR ASTUTO DO HOMEM VOLTOU A APALPAR O CORPO DA RAPARIGA COMO SE A IDADE DE UMA PESSOA PUDESSE SIMPLEMENTE SER DETERMINADA PELO SEU TAMANHO FÍSICO.”

Como se a atenciosa referência aos seus pais e a preocupação que o Sr. Manuel demonstrava em relação aos seus estudos a tivessem tornado mais próxima do homem, o acanhamento bem disfarçado da moça deu lugar a uma espontânea descontração. Estendeu as pernas apoiadas uma sobre a outra e guardou as mãos entrelaçadas entre as coxas coladas. O amigo mantinha-se mudo, olhando ora para Ricardina ora para o homem mais velho.

– O meu pai já não vive, a minha mãe é doente e o que o meu irmão mais velho ganha, mal tem chegado para aguentar a casa. – tinha ainda o olhar deitado sobre as pernas estendidas quando acabou de falar num tom sofredor.

Como um homem de guerra experimentado que descobre o campo fraco do inimigo, ele soube claramente onde deveria incidir o seu ataque. Esforçou-se por parecer sentido e, tossindo, pediu:

– O teu curriculum...

Ricardina tirou da capa abandonada juntamente com a pasta no chão, ao lado do sofá, uma folha de papel A4. Apresentou o documento ao homem, que o recebeu, olhando para ele com uma expressão de fingido interesse. Ao cabo de um longo exame, ele devolveu o papel a Ricardina.

"APRESENTOU O DOCUMENTO AO HOMEM, QUE O RECEBEU, OLHANDO PARA ELE COM UMA EXPRESSÃO DE FINGIDO INTERESSE."

– Dizes que tens o curso básico de informática, mas não fizeste a discriminação dos módulos! – falou, sem uma nota de zanga na voz, olhando de soslaio para o começo das coxas da moça que a saia arregaçada mostrava. – Podes fazer um novo curriculum e entregar-me antes das doze horas?

Ricardina virou-se bruscamente para o amigo e fitou-o, apreensiva. – Deve haver um ciber aqui perto onde poderemos fazer a rectificação do documento.

– Tranquilizou-lhe ele, depois de consultar o relógio no pulso.

– É um trabalho de cinco minutos!

Porém, Ricardina e Lito só voltaram ao hotel quarenta minutos depois.

– Aqui tem! – entregou ao homem o papel como se este lhe picasse os dedos.

– Senta-te! – a mão do Sr. Trindade ficou suspensa no ar por alguns instantes, antes de a voltar a pousar ruídosamente sobre o joelho.

Depois de atirar um olhar ansioso ao amigo que entretanto já se sentara, ela acomodou-se, desta vez de modo acanhado.

– E então...? – Ricardina chegou-se para frente no assento do seu sofá. – Agora está tudo bem?

O homem acariciou a barba, como para agarrar a ideia perversa que acudira ao seu espírito. Sim, aquilo dava sempre resultado.

– Ainda continua com algumas falhas!

– Como?! – Ricardina sentiu todo o seu ser afundar-se no desespero e o corpo na maciez do sofá.

" – E DEIXANDO DESABAR UM OLHAR SUBITAMENTE ZANGADO SOBRE A MOÇA, PROSSEGUIU: – DEPOIS PROCURA-ME!"

Ignorando a exclamação da moça, o homem dirigiu-se ao Lito e em tom de censura:

– Mas até tu não consegues fazer um curriculum vitae como deve ser?! – Aflito, Lito sentou-se na ponta do cadeirão e, esticando o pescoço, espreitou para o papel nas mãos do Sr. Trindade como se quisesse localizar as falhas que desacreditavam o documento. – Por favor – o Sr. Trindade atirou o papel para cima da mesinha e erguendo-se, exclamou: – Procurem alguém que seja capaz de vos ajudar a fazer o documento em condições. – e deixando desabar um olhar subitamente zangado sobre a moça, prosseguiu: – Depois, procura-me!

Ricardina agitou-se violentamente no assento.

– Sr. Trindade... – começou, mas deteve-se. Tornou a fitar desajeitadamente o homem enquanto este, tomado de uma subita ânsia, a observava como se esperasse ouvir uma declaração de amor.

Depois de um silêncio constrangido, o Sr. Manuel ajeitou a gravata e então fazendo um esforço para suavizar a voz, reafirmou:  
 – Procura-me assim que tiveres o documento em ordem!

Era o momento de se retirar, mas como que esperando ouvir um apelo, um rogo ou uma outra qualquer coisa, permaneceu, alto e dominador, de pé, diante da rapariga. Olhou então para o lado, para o jovem, sentado e mudo, e trancou-lhe a cara. Este tossiu e, engolindo em seco, manteve-se quieto. Os olhos do Sr. Trindade desviaram-se para a moça. Voltaram a apalpar os seus seios. Quase um minuto se passou em silêncio. Por fim, retirou-se.

“ – QUANDO LÁ ESTIVERES, SE POR ACASO ME VIRES PASSAR, FAÇA DE CONTA QUE NÃO ME CONHECES, CAPTA BEM ISSO, LÁ NÃO NOS CONHECEMOS, OK?”  
 Muda, Ricardina dirigiu o olhar ao amigo. A aúrea de felicidade que a possibilidade de emprego tinha provocado nela no dia em que recebera a comunicação do amigo sobre o assunto e que a acompanhara até aquele momento abandonou-a completamente.  
 Dai a quatro dias, porém, Ricardina foi surpreendida por um telefonema do Sr. Manuel Trindade.  
 – Tens que comparecer na nossa direção, amanhã, às nove horas e trinta minutos para a entrevista.  
 – Obrigada, Sr. Trindade! – declarou um pouco assustada, mas com firmeza na voz.  
 – E outra coisa! – acrescentou o homem e o coração da moça deu um sobressalto. – Quando lá estiveres, se por acaso me vires passar, faz de conta que não me conheces. Capta bem isso, lá não nos conhecemos, ok?

“DEPOIS DE UM BREVE SILÊNCIO, O HOMEM DEIXOU A RECOMENDAÇÃO QUE APENAS SERVIU PARA CONFUNDIR A MOÇA: DÁ O MÁXIMO DE TI...”  
 – Ok! – Ecoou ela.  
 – E mais uma coisa! – o coração da rapariga voltou a palpitar. Depois de um breve silêncio, o homem deixou a recomendação que apenas serviu para confundir a moça: dá o máximo de ti, porque tendo as coisas chegado ao ponto em que se encontram, a minha intervenção não será tão relevante como teria sido se tivéssemos resolvido o assunto outro dia no hotel.

– Como? – exclamou como se não tivesse ouvido bem.  
 O homem demorou-se um pouco antes de responder.  
 – Se no dia do nosso primeiro encontro, tu tivesses me apresentado todos os documentos em ordem as coisas já estariam bem encaminhadas!  
 Com esta declaração, mais confusa ficou a moça, mas assim mesmo declarou:  
 – Percebi.  
 Era tanto o engarrafamento que a zona da baixa registava naquela manhã, que não foi possível a Ricardina chegar à hora à sede da petrolífera. Eram quase dez horas quando ela trocou a poeira e o sufoco da rua pelo conforto e frescura da pequena recepção. A moça correu um olhar ansioso à sala e reparou que era muito pequeno o número de senhoras que iriam disputar a vaga com ela. Era uma situação – a presença de um número reduzido de concorrentes a uma qualquer vaga – que ia dia-após-dia rareando à medida que o nível de desemprego subia no país. Em tempos, o seu irmão concorrera ao lado de quase duas centenas de pessoas a um único posto numa outra petrolífera.

Ao olhar novamente para as suas adversárias acomodadas nos três cadeirões dispostos com requinte na sala, Ricardina sentiu que aumentavam as suas possibilidades. Mas ela só concluiu deste modo porque não atentou para a elegância das suas roupas e nem reparou na sofisticação das unhas e da cabeleira bem arranjada das moças. É que nos tempos correntes, a beleza e a boa apresentação acabavam muitas vezes por se constituir em elementos de maior peso na avaliação de uma concorrente a cargos como o de secretária.

Duas ou três delas, movimentaram o rosto na direcção de Ricardina e ficaram a olhar para a menina com ar de superioridade. Outras, na mesma atitude de grandeza e convecimento, mantiveram os olhos presos às revistas que folheavam com movimentos medidos sobre as pernas cruzadas.

A recém-chegada dirigiu-se ao balcão colocado no extremo sul da sala. Assim que percebeu a sua presença, a recepcionista levantou o olhar para a blusa simples e para as bijuterias de Ricardina compradas na zunga. E numa atitude de superioridade, a mesma atitude que ostentam as pessoas que não podem se valer de nenhum outro atributo além do físico, fez um gesto com o rosto como a dizer “O que pretende?”

– Vim para a entrevista. – Ricardina tinha aproximado o corpo ao balcão e apoiara os braços sobre o móvel impecável.

“DUAS OU TRÊS DELAS,  
MOVIMENTARAM O ROSTO  
NA DIRECÇÃO DE RICARDINA  
E FICARAM A OLHAR PARA  
A MENINA COM AR DE  
SUPERIORIDADE..”

À proximidade entre as duas mulheres, o cheiro de perfume barato de Ricardina espalhado em doses elevadas no corpo, chegou às narinas da recepcionista com maior intensidade, lhe provocando intolerável repulsa. – Já vem um pouco atrasada, não? – fez notar para, daí a instantes, perguntar: – Como é que se chama?

– Ricardina José! – concedeu. – A seguir, olhou por sobre os ombros as outras concorrentes. Então, abriram-se-lhes os olhos. Que possibilidades teria ela diante de tanta elegância e graça? Sabia que era bonita. Mas nos dias que corriam, beleza sem afinamento, sem realce quase nada significava, apagava-se. E era precisamente neste estado de primitiva bruteza em que se encontrava a sua beleza.

– O teu nome não consta da lista!

“RICARDINA FITOU A MOÇA  
E QUASE DISTINGUIU UMA  
CENTELHA DE ALÍVIO  
NO SEU OLHAR ENQUANTO  
INFORMAVA: – NÃO ESTÁ  
AQUI O SEU NOME!”

O pescoço da moça rodou como um pião sobre os ombros e o seu olhar correu das outras concorrentes para a recepcionista.

– Não?!

– Não! – as suas feições contraíram-se numa expressão de admiração e suspeita.

Ricardina fitou a moça e quase distinguiu uma centelha de alívio no seu olhar enquanto informava: – Não está aqui o seu nome! – juntou as mãos delicadas sobre a papelada. – Quando é que fez a entrega dos documentos? Não me lembro tê-la visto aqui antes!

– Eu... – quis dizer, mas interrompeu-se. Não, não podia dizer aquilo. Atirou um olhar atrapalhado à recepcionista. – Tenho-os aqui comigo... – Colocou sobre o tampo do balcão uma capa plástica.

A recepcionista riu-se com notório gozo.

– Mas, se não fez a entrega dos documentos no espaço em que eles foram requeridos, o que faz aqui?

Confusa, Ricardina olhou para os olhos trocistas da sua interlocutora. Ao cabo de um longo tempo de silêncio, conseguiu articular um obrigado. Com movimentos lentos, recolheu os seus documentos. Voltou-se e começou a andar. A rececionista atirou às costas de Ricardina uma careta e um muxoxo de pouco caso como para aliviar a repugnância que lhe causara a moça, a inexplicável repugnância que, em geral, as pessoas com um certo nível social têm por outras de uma condição mais baixa.

“... A INEXPLICÁVEL REPUGNÂNCIA QUE, EM GERAL, AS PESSOAS COM UM CERTO NÍVEL SOCIAL TÊM POR OUTRAS DE UMA CONDIÇÃO MAIS BAIXA.”

Na rua, Ricardina encostou-se de ombro num pilar do enorme edifício. Fez três malogradas tentativas de estabelecer um contacto com o Sr. Trindade.

– Paciência! – pensou. – Não aconteceu e pronto! – não se sentia nem tão pouco frustrada. O sentimento que imperava no seu coração era de resignação. Tinha sonhado muito alto, ao considerar tão grande possibilidade: conseguir colocação como secretária administrativa numa empresa da estatura da CRUDE-ANGOLA. Ela que nem sequer experiência como simples balconista possuía. Pós-se à beira da estrada e fez sinal ao primeiro táxi que viu.

Quando já se encontrava em casa, no seu acanhado quarto que dividia com mais quatro irmãs, o seu telemóvel retiniu. Era ele.

– Então, Ricardina – começou. – que irresponsabilidade! Mesmo depois de tantas recomendações, fizeste a graça de te atrasares!

A moça suspirou: – Sei que fui muito irresponsável. Mas, mesmo que tivesse chegado à hora não teria feito a entrevista. O meu nome não estava na lista das candidatas.

– Não estava na lista?! – Ele conseguiu fingir muito bem a surpresa.

– Não, Sr, Trindade!

Houve um curto espaço de silêncio.

– Sabes uma coisa, Ricardina – as palavras do homem eram agora medidas. – se tu fosses uma rapariga... como hei de dizer... extrovertida, sim, extrovertida, já tinhas o emprego.

“EXTROVERTIDA! REPETIU MENTALMENTE. ESTARIA O SR. MANUEL TRINDADE COM ESTA PALAVRA A REFERIR INTELIGÊNCIA, ESPERTEZA OU UMA OUTRA HABILIDADE?”

Extrovertida?! Deixou-se cair na cama velha de casal que antes pertencera aos pais. Extrovertida! Repetiu mentalmente. Estaria o Sr. Manuel Trindade com esta palavra a referir inteligência, esperteza ou uma outra habilidade? Perguntou-se. Mais tarde iria procurar o seu significado no dicionário.

– Sim, extrovertida, quer dizer mais aberta, mais vivida, enfim, atirada. – esclareceu ele.

Enganara-se afinal quanto ao sentido que procurara dar à palavra. Ricardina calou-se e recostou-se no espaldar da cama.

– Sei que és uma rapariga da igreja. Mas, Ricardina, neste tempo ninguém vai a lado nenhum armando-se em santo. Estás aí?

– Sim, pode continuar. – murmurou a moça. Tinha finalmente começado a compreender: o encontro no hotel, aqueles olhares, os defeitos que o homem pôs insistentemente nos curriculum, as sucessivas voltas. E qual era o papel de Lito naquela história torpe? O rosto de Ricardina contorceu-se num esgar de agonia e náusea.

“– SEI QUE HORRORIZA-TE O QUE TE DIGO. – RIU-SE. – CLARO, TU NÃO PARECES SER DESTA MANEIRA: OS FAVORES SÃO PAGOS COM OUTROS FAVORES!”

– Sei que horroriza-te o que te digo. – riu-se. – Claro, tu não pareces ser deste tempo. Mas neste tempo as coisas funcionam desta maneira: os favores são pagos com outros favores! Para se conseguir o que quer que seja tem de se dar algo em troca!  
– Hã – exclamou a moça. – Ainda dava-se ao desca-ramento de arranjar justificação para a sua proposta indecente, apresentando-a como um mal generalizado e que por isso mesmo devia ser aceite, como diria o seu pastor, como um sinal dos tempos correntes. A moça abanou a cabeça.

– Como pensas que eu consegui entrar naquela empresa, hã? – prosseguiu: – A então directora dos Recursos Humanos morria de paixão por mim. Eu fiz-lhe as vontades. Ainda estás aí, menina?

“RICARDINA CONTINUAVA PREGADA CONTRA A CAMA, INCAPAZ DE DIZER O QUE QUER QUE FOSSE. – POIS MUITAS DELAS JÁ VIERAM PÔR-SE À MINHA DISPOSIÇÃO.”

– Hum. – Fez simplesmente a pobre.

– Por acaso perdi alguma coisa ao me deitar com ela? Não! – respondeu ele mesmo. – Reduzi em algum sentido? – e convencido desta maneira, tornou a responder à própria questão: – Não! Pelo contrário, só ganhei! Hoje tenho uma grande casa, vários carros no quintal e dinheiro para esbanjar. – deixou passar meio minuto de silêncio. – Reparaste nas meninas que lotaram a nossa recepção no dia da entrevista? Todas muito bonitas, não? – Ricardina continuava pregada contra a cama, incapaz de dizer o que quer que fosse. – Pois muitas delas já vieram pôr-se à minha disposição. E mesmo depois disso e do facto de elas terem sido brilhantes durante a entrevista, o emprego não vai ficar com nenhuma delas. – fez uma pausa.

– Tu és uma mulher muito bonita, menina, e parece que não tens consciência disso. Bem – a sua voz ganhou outra tonalidade. – podes deixar a vida dura que levas. – nova pausa. – Tudo depende de ti! Por outras palavras, a faca e o queijo estão nas tuas mãos, menina!  
Uma sensação confusa de vergonha e piedade de si mesma, dignidade ferida dominava a rapariga.

– Pensa bem, menina! Uma mão lava a outra e...

– Ricardina não podia continuar a ouvir aquilo, por isso desligou o telefone. Do quintal chegavam os sons dos gritos dos irmãos mais novos e de uma música kú duru “Do milindro”. FIM



SOUSA

## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

NASCEU EM MISSÃO DONDI, KACHIUNGO, PROVÍNCIA DO HUAMBO, A 9 DE JANEIRO DE 1966.

OBRA PUBLICADA PATRIOTS/1990 | PATRIOTAS, **TRADUÇÃO** PORTUGUESA/1991 | ON THE BANKS OF THE ZAMBEZI/1993 | A LONELY DEVIL/1994 | **CONFISSÃO** TROPICAL, **TRADUÇÃO** PORTUGUESA/1995.

*ANTOLOGIAS DE CONTOS E ENSAIOS NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS*  
| *COLUNA SEMANARIO ANGOLENSE.*

JAMBBA

# OOO ELAVOKO OOO

SEMPRE SENTI-ME A OVELHA NEGRA DA FAMÍLIA ELAVOKO. A ALDEIA DE ELAVOKO, QUE FICA A SESENTA QUILOMETROS A OESTE DA CIDADE DO HUAMBO, FOI FUNDADA EM 1929 PELO MEU AVÔ, JOB ELAVOKO. O AVÔ JOB FOI UM DOS PRIMEIROS ALUNOS A FORMAR-SE NA FAMOSA MISSÃO DO DÔNDI. O MEU PAI, SALOMÃO CHISINGUE ELAVOKO, FOI QUEM PROSSEGUIU COM A CONSTRUÇÃO DA ALDEIA.

O Pai Salomão, além de ter construído a maior loja da aldeia, também esteve por detrás da edificação da igreja local, situada à beira do rio Kô. Durante as sessões de baptismo, as pessoas eram submergidas no rio. Depois da morte do meu pai, o meu irmão mais velho, o Mano Tiago, prosseguiu com a tradição; ele não só continua a cuidar da loja da nossa família na aldeia, como mantém a respeitabilidade de mais velho na congregação de Elavoko.





Diz-se que os seus sermões são tão penetrantes como eram os do avô Job. Diz-se igualmente que, no auge da sua fama como pregador, havia mesmo gente que não se importava de andar a pé durante três dias, só para ter o prazer de ouvir os sermões do meu grande avô.

O que me distingue entre os Elavoko é um episódio ocorrido em 1985. Nessa altura, com dezanove anos, fugi de Angola por ter engravidado uma menina de dezasseis anos. Soube mesmo que havia mães que oravam para que os seus filhos não viessem a ser como eu.

“O QUE ME DISTINGUE ENTRE OS ELAVOKO É UM EPISÓDIO OCORRIDO EM 1985. NESSA ALTURA, COM DEZANOVE ANOS, FUGI DE ANGOLA POR TER ENGRAVIDADO UMA MENINA DE DEZASSEIS ANOS.”

Como já disse, em 1985, naquelas brincadeiras irresponsáveis próprias de adolescentes que viam filmes inapropriados para a idade, engravidei a Marta Nambi, filha do Professor Eurico Kalunda. Foi um verdadeiro escândalo na aldeia. Na altura, a menina já ia avançada nos seus estudos; ela vinha de Benguela, onde vivia com uma irmã mais velha, para passar férias em Elavoko. O nosso namoro teve início exactamente na igreja; eu tocavaguitarra no coro. Só que, em privado, cantava outras canções que pouco tinham a ver com o evangelho.

Mal os mais velhos tomaram conhecimento do sucedido, fugi para o Bom Pastor, na cidade do Huambo, onde o Pai Salomão tinha uma loja. Naqueles dias, o pai trazia produtos de Elavoko – milho, feijão, abóboras, etc. – para vender no Huambo. O Mano Tiago e a minha irmã mais velha, a Mana Teresa, trabalhavam na loja do Huambo. O Pai Salomão veio ao meu encontro na loja e ordenou-me que regressasse de imediato a Elavoko. “O que tu fizeste”, disse ele enquanto nos sentávamos na sala de jantar, “é uma grande vergonha para toda a família. Nós, os Elavoko, não somos bandidos. O que fizeste é mesmo coisa de malandro. Uchingualulu chochili! (És um autêntico bandido)”, insistiu em Umbundu.

Vou ser honesto: as palavras do velho naquela noite feriram-me bastante. Eu não poderia ser colocado na classe dos chingualulus; o velho tinha ido longe de mais. Apesar de, como se diz em Umbundu, kuakala efelefele kutima (o coração espumava) mantive-me quieto. Eu tornara-me, sim, um pecador; mas havia princípios bíblicos que os velhos me haviam incutido contra os quais eu não poderia estar. Um deles era o do respeito devido aos mais velhos como garantia de longevidade na terra.

“O QUE TU FIZESTE”, DISSE ELE ENQUANTO NOS SENTÁVAMOS NA SALA DE JANTAR. “É UMA GRANDE VERGONHA PARA TODA A FAMÍLIA.”

“Vais ter que casar com aquela filha dos Kalunda”, disse-me o Pai Salomão com firmeza. No próximo fim de semana, insisti, iríamos aos Kalunda para apresentar desculpas e no Domingo eu teria de me confessar perante a congregação. Eu não podia com este espectáculo de okultavela (acto de confissão pública). Lembro-me de vários feiticeiros, adúlteros e até assassinos que se confessaram publicamente à congregação. Claro que todos eles foram perdoados: porém, no fundo, sempre tive a impressão que, em privado, eram alvo de zombaria para muita gente. Por isso, eu, Tomás Elavoko, decidi que de maneira alguma participaria de semelhante farsa. “Pai, eu não vou a Elavoko. Estas estórias de okultavela não são comigo!”

“FIQUEI IMEDIATAMENTE COM UM GALO NA FRONTE. É QUE O PAI SALOMÃO, NÃO OBSTANTE O SEU PASSADO MUITO RELIGIOSO, TRABALHARA NO CAMINHO-DE-FERRO DE BENGUELA, NO LOBITO.”

De repente, quase do nada, senti uma tremenda bofetada do velho. Tentei pegar a mão do Pai Salomão, mas acto contínuo ele deu-me um valente murro. Fiquei imediatamente com um galo na frente. É que o Pai Salomão, não obstante o seu passado muito religioso, trabalhara no Caminho-de-Ferro de Benguela, no Lobito. Foi lá onde se adestrou na arte da luta: o velho metia mesmo um indivíduo na canga e sabia dar basculas (golpe ou rasteira que provoca queda, em luta corpo a corpo), para não falar das suas terríveis cabeçadas. Depois de mais um soco eu gritei: “Só me estás a bater por seres meu pai. Se não fosse o caso, dar-te-ia uma sova”.

Em resposta, o velho vociferou que eu lhe havia faltado ao respeito. Daí pôs-se a despir a camisa. Ainda que eu quisesse enfrentar aquele homem, as minhas opções eram limitadas. Só tinha uma escolha – sair de casa. Enquanto me punha em fuga, o velho não parava de gritar para que eu, como um verdadeiro homem, fosse a Elavoko enfrentar a realidade. Corri pelas ruas do Bom Pastor. Já era noite. Havia muito poucas pessoas na rua. Em certos recantos, eu deparava-me com namorados trocando beijos e abraços. Enquanto caminhava, jurei jamais voltar a Elavoko. No extremo, cortaria todo o vínculo com aquela família. Afinal, eu não me sentia um Elavoko.

“... JUREI JAMAIS VOLTAR A ELAVOKO. NO EXTREMO, CORTARIA TODO O VÍNCULO COM AQUELA FAMÍLIA. AFINAL, EU NÃO ME SENTIA UM ELAVOKO.”

Fui andando até chegar às margens do rio Kalomanda. Passei a noite ao lado do rio. Mal amanheceu, decidi sair do Huambo. Apanhei boleia num camião e parti para Luanda, aonde uma prima minha, a Isaura, vivia. Dois meses depois parti para a Europa e, dali, para o Canadá.

“DIARIAMENTE PUNHA-ME DE PÉ  
PARA IR À ESCOLA  
DURANTE O DIA, ENQUANTO À  
NOITE IA À CHURRASQUEIRA  
NOVA GAIA, PROPRIEDADE  
DO SENHOR PEDRO CUNHA...”

Naqueles dias, o meu maior anseio era tornar-me um canadense puro – algo que é impossível, já que um bom número da população total daquele país tinha raízes no estrangeiro. Seja como for, eu queria ser completamente assimilado. Suportei vários invernos rigorosos. Diariamente punha-me de pé para ir à escola durante o dia, enquanto à noite ia à Churrasqueira Nova Gaia, propriedade do senhor Pedro Cunha, um Português que emigrara para o Canadá há muitos anos. Cheguei mesmo a ser o que o senhor Cunha designava por “Director de Operações” do restaurante. Logo que terminei a minha Licenciatura em Antropologia e Estudos Africanos, decidi, então, trabalhar para o African Research Collective, uma organização vocacionada em pesquisas sobre assuntos Africanos.

Eu tinha de ler muito sobre o continente Africano; inevitavelmente, tudo quanto tivesse a ver com Angola não me escapava. Foi assim que interiorizei que não podia escapar de Angola. E nem mesmo dos Elavoko; ardia em ter notícias sobre a Mãe Isaura e o Pai Salomão. Fiquei a saber, então, que a Marta Nambi, a rapariga a que engravidara, gerara uma menina que passou a viver com os meus pais.



Ela levava o nome da minha mãe, Isaura. A Marta enviou-me várias cartas dizendo que ela entendia o meu desaparecimento e que daria tudo para estar ao meu lado. As cartas de Marta eram longas, cheias de notícias sobre a família e de sonhos; ela sonhava que um dia viria ao meu encontro no Canadá e iríamos, então, formar uma bela família. Nunca respondi. A certa altura, Marta passou a escrever cartas em Inglês; a sintaxe e a gramática eram prenes de imperfeições. Contudo, interiormente eu admirava a auto-confiança dela. Mas, pouco depois, Marta deixou de escrever. Soube que ela partira para o Lubango, a fim de estudar na Faculdade de Letras.

“A MARTA ENVIU-ME  
VÁRIAS CARTAS DIZENDO  
QUE ELA ENTENDIA  
O MEU DESAPARECIMENTO  
E QUE DARIA TUDO  
PARA ESTAR AO MEU  
LADO.”

No African Research Collective, conheci Jacqueline Toulot, uma Franco-Canadense de Montreal que tinha passado algum tempo nos Camarões. Jacqueline trabalhava como pesquisadora para documentários sobre África e o Terceiro Mundo. Pela primeira vez na minha vida, eu estava completamente apaixonado por uma mulher.

"JACQUELINE QUERIA SABER TUDO SOBRE A MINHA FAMÍLIA. E ENTÃO DIZIA-LHE DOS LONGOS CULTOS NA IGREJA DE ELAVOKO. ELA GOSTAVA DE SABER DOS NOSSOS VINGANJIS OU PALHAÇOS."

Não conseguia imaginar-me sem Jacqueline. Ela tinha um apartamento em Dundas Street, perto do centro da cidade de Toronto. Eu adorava aquele apartamento cheio de quadros e artefactos provenientes de várias latitudes do mundo. Jacqueline era dona de um vastíssimo acervo de livros em Inglês, Francês, Espanhol e Português. Passávamos a vida a ver documentários, comer em restaurantes especializados em gastronomia dos quatro cantos do globo e a conversar, muitas vezes até amanhecer. Jacqueline queria saber tudo sobre a minha família. E então dizia-lhe dos longos cultos na igreja de Elavoko. Ela gostava de saber dos nossos vinganjis, ou palhaços. Demonstrava especial interesse sobre as kaviulas, um género de palhaços femininos pertencentes a uma sociedade secreta de mulheres e que eram tão agressivos como os sakalumbus, palhaços masculinos que não perdoavam qualquer chilima, homem não circuncidado.

Uma manhã, fomos acordados muito cedo. O Mano Tiago estava a chamar de Luanda. Disse-me que o Pai Salomão, com quem eu não trocara palavra por quase dez anos, queria falar-me.

O Pai Salomão começou por dizer que sabia que tinha levado uma vida digna, honesta e útil, facto que muito o orgulhava. "Ainda te licenciaste em quê?", perguntou. "Antropologia e Estudos Africanos, pai," respondi. "Muito bem, filho", prosseguiu o meu pai, "A tua filha esta cá connosco em casa. A Marta também está a estudar bem. Demos à tua filha o nome da tua mãe; chama-se Isaura Nambi Mbuta Elavoko. Espero, filho, que não haja ódio entre nós. Não sou perfeito, filho meu..." A linha caiu repentinamente.

Uma semana depois, recebi outra chamada do Mano Tiago para informar-me que o Pai Salomão tinha falecido. Passei quase todo o dia andando de um lado para o outro em Toronto, tentando esquecer a profunda tristeza que a morte do meu pai me causara. Eu bem queria ter continuado o diálogo que tivéramos naquela noite no Bom Pastor. A dada altura, dei comigo num restaurante a escrever num bloco uma carta para o Pai Salomão. Cheguei a temer que fosse tomado por um transtorno mental. Mas passou a dor. E, pouco depois, Jacqueline anunciou-me que estava grávida. Que alegria. Insisti que, se a criança fosse um rapaz, levaria forçosamente o nome do meu falecido pai.

"MAS PASSOU A DOR. E, POUCO DEPOIS, JACQUELINE ANUNCIOU-ME QUE ESTAVA GRÁVIDA. QUE ALEGRIA. INSISTI QUE SE A CRIANÇA FOSSE UM RAPAZ, LEVARIA FORÇOSAMENTE O NOME DO MEU FALECIDO PAI."

Convidámos, então, um bom número de amigos próximos e casámo-nos. Jacqueline não queria uma cerimónia religiosa. Eu disse-lhe que, se um dia tivéssemos de ir para Angola, faríamos uma cerimónia religiosa exactamente na igreja de Elavoko, que tinha sido construída pelo meu avô. Jacqueline concordara.

Uma noite, ao regressar ao apartamento não a encontrei. Levava a sua roupa. Deixou-me apenas um bilhetezinho dizendo que, afinal, o bebé não era meu e que um dia eu saberia a história completa. Jacqueline tinha ido para a casa dos seus parentes em Montreal. Fiz vários telefonemas mas a mãe dela dizia que ela não estava pronta para falar comigo. Recebi, depois, uma nota dela, dizendo-me para abandonar o apartamento imediatamente. Fui viver com o Sérgio Borges, um amigo Angolano do Lubango, que estava a fazer um doutoramento em Relações Internacionais.

“DEPOIS DE VINTE ANOS, VOLTEI, FINALMENTE, A ANGOLA – OU, PARA SER MAIS PRECISO, PARA O HUAMBO.”

Depois de vinte anos, voltei, finalmente, a Angola – ou, para ser mais preciso, para o Huambo. O avião, que vinha de Luanda para o Huambo, foi perdendo altitude subitamente. Duas raparigas que estavam em amena cavaqueira durante o voo, de repente, ficaram quietas; quando olhei para trás notei que uma estava a chorar. Tranquilei-as dizendo que aquele tipo de turbulência era bastante normal; disse também que, no ponto em que estávamos, mesmo que os motores do avião avariassem o aparelho podia planar até à pista. As raparigas responderam-me que choravam porque tínhamos sobrevoado o Cemitério de São Pedro, onde o pai delas foi enterrado. Elas lamentaram-se pelo facto de nunca terem podido chorar devidamente a sua morte. Eu disse-lhes que o meu pai repousava, igualmente, no Cemitério de São Pedro – e que também não me havia sido dado prestar-lhe tributo na hora da sua morte.

No aeroporto, apanhei um kupapata, chamado Barreiro Ngueve, que levou-me a casa da minha mãe. Todo o mundo sabia da loja Elavoko no Bom Pastor. O Mano Tiago era agora um empresário bem sucedido e tornara-se bastante conhecido. A Mãe Isaura é que mudara muito pouco; apenas o seu cabelo havia embranquecido e ela queixava-se, amiúde, de várias dores. Porém, continuava muito dinâmica na gestão dos vários pequenos negócios da família.

“FOI ENTÃO QUE CONHECI A MINHA FILHA ISA, COMO ERA CARINHOSAMENTE CHAMADA POR TODO O MUNDO. EM BREVE ELA COMPLETARIA VINTE ANOS. ERA MUITO PARECIDA COM A MÃE, A MARTA, QUE AGORA ERA UMA EMPRESÁRIA BEM SUCEDIDA NO LUBANGO.”

Foi então que conheci a minha filha Isa, como era carinhosamente chamada por todo o mundo. Em breve ela completaria vinte anos. Era muito parecida com a mãe, a Marta, que agora era uma empresária bem sucedida no Lubango. A Isa dizia que queria sempre viver perto da sua xará, com quem ela se dava bastante bem.

O regresso a Angola rejuvenesceu-me. Várias aflições do passado – tensão alta, ansiedade, insónias, etc. – desapareceram. Sentia-me completamente diferente; era um homem novo. Depois havia, também, o relacionamento muito saudável que mantinha com a minha mãe e filha. Muitas vezes íamos a Elavoko onde eu passava o fim-de-semana a trabalhar na lavra. Passava horas a fio a conversar com a minha mãe acerca do Pai Salomão que, afinal, tinha um temperamento muito instável. Soube que eu não era a única pessoa a quem ele agredira fisicamente. A Mãe Isaura disse-me que, um pouco antes da sua morte, o Pai Salomão tivera um longuíssimo okultavela (confissão).

“DIZ-SE QUE A MÃE ISaura DESMAIOU QUANDO O PAI SALOMÃO FEZ ESSA CONFISSÃO; OS MAIS VELHOS TIVERAM DE IR BUSCAR BALDES DE ÁGUA PARA REANIMAR A VELHA...” A congregação tomou, então, conhecimento da outra faceta da vida que ele levava quando ia ao Lobito, onde tinha, afinal, uma outra família e filhos. Diz-se que a Mãe Isaura desmaiou quando o Pai Salomão fez essa confissão; os mais velhos tiveram de ir buscar baldes de água para reanimar a velha que, para surpresa de toda a gente na igreja, deu ao velho arrependido, uma tremenda bofetada. Os mais velhos disseram que a partir daí o assunto ficava nas mãos de Deus; afinal, o criminoso, ao lado de Cristo na cruz, não tinha tido garantias de que estaria no paraíso naquela noite?

Depois disso, a Mãe Isaura assentiu dizendo que, apesar dos seus muitos defeitos, ela tinha a certeza de que o Pai Salomão tinha ido directamente para o Paraíso. Acrescentou que logo depois do enterro do Pai Salomão bem ao lado da campa do avô Job, apareceu, no Elavoko, um arco-íris jamais visto, ao que se seguiu uma grande queda de neve no cemitério – mas neve mesmo lá das Europas. A mãe Isaura dizia, então, que nada mais podia esperar para ter a certeza de que o Pai Salomão repousava em paz no Paraíso ao lado de São Paulo e vários outros grandes missionários.

O avião para o Lubango, vindo de Luanda, partia às oito. Isa e eu chegámos ao aeroporto muito cedo. Comprei alguns morangos – os do Huambo eram especiais – para oferecer à Marta. Isa disse que a mãe iria gostar muito, insistindo que para ela o que mais contava era o gesto. Nos últimos três dias, em que nos entregáramos a preparar a viagem para o Lubango, escrevi sete cartas em resposta às que Marta me enviara para o Canadá. Jamais fora tão honesto com alguém como naquelas cartas. Será que Marta, transformada agora numa empresária com uma grande fazenda fora do Lubango, daria valor às minhas confissões? Tudo o que mais queria era estar em paz com a mãe da minha única filha.

A vida de Marta também não parara. Casara-se com um homem pai de dois filhos; o relacionamento falhou porque, segundo a Isa, o senhor pertencia à super-liga dos Angolanos arrogantes. Depois, Marta viveu maritalmente com um tal de Spencer Neves, que a deixou para casar-se com uma das dançarinas do Koffi Olomide, o cantor Congolês. Houve uma época em que a Marta e o Spencer Neves organizavam espectáculos no Sul de Angola e na Namíbia.

Depois de aterrarmos, o motorista de Marta, Tio Tonton, conduziu-nos à fazenda dela. Isa estava ansiosa porque queria ver a mãe e os dois irmãos que estavam de férias, vindos da África do Sul. Marta tinha trinta e nove anos, mas parecia uma rapariga na casa dos vinte. Continuava muito bonita. “Tomás”, sussurrou ela enquanto me beijava, “envelheceste filho...” Respondi-lhe que a vida não tinha sido fácil para mim. Almoçámos ao lado da piscina da grande mansão de Marta na companhia de vários amigos seus, aos quais me apresentava como o primo dela Tomás Elavoko.

““MAS ESTÁ TUDO BEM AGORA”, PROSSEGUIU O HOMEM, “PORQUE O MANO SALOMÃO, O SEU PAI, QUANDO FEZ O SEU OKULITAVELA, TAMBÉM PEDIU QUE VOCÊ FOSSE PERDOADO.” Não tenho a mínima dúvida que se chamássemos um mais velho, depois de algumas cervejas, ele teria matéria bastante para jurar a pés juntos que Marta e eu éramos mesmo primos. Certo, porém, é que eu estava consciente de que até então o que os Kulanda e Elavoko tinham em comum era somente o facto de serem oriundos da mesma terra. Apenas um dos visitantes, depois de alguns uísques, perguntou se eu era o pai da Isa. Este indivíduo, por sinal oriundo de Elavoko, disse que se lembrava claramente do escândalo quando eu fugi para o Canadá. “Mas está tudo bem agora”, prosseguiu o homem, “porque o Mano Salomão, o seu Pai, quando fez o seu okulitavela, também pediu que você fosse perdoado”.

“ELA DISSE QUE, ATRAVÉS DA SUA PARABÓLICA, TINHA ACESSO A UM CANAL QUE PASSAVA FILMES CLÁSSICOS QUE ELA ADORAVA POR NÃO CONTEREM PALAVRÕES.”

Isa e os irmãos disseram, entretanto, que tinham de ir ao centro da cidade. Marta, falando agora um Inglês perfeito, perguntou-me se não queria assistir um filme com ela. Ela disse que, através da sua parabólica, tinha acesso a um canal que passava filmes clássicos que ela adorava por não conterem palavrões. Sentamo-nos na sala diante de um grande ecrã. Olhando para o ecrã, Marta disse: “Sempre esperei por este dia. Tu magoaste-me, mas já te perdoei!”

Entregando-lhe as cartas que eu escrevera, disse-lhe: “Marta, isto explica a dor que vivi”. Marta ergueu as mãos e respondeu: “Nisto tudo, tenho de agradecer aos teus pais. Sem a sua ajuda, a minha vida teria tomado um outro rumo”.

Naquela noite, dormi na suite destinada às visitas; a televisão, no meu quarto, parecia ter um número infinito de canais. O Tio Tonton acordou-me dizendo que “a chefe” queria tomar o pequeno almoço comigo. Marta disse, então, que tinha sido bastante tocada pelo conteúdo das minhas cartas.

Voltei, então, ao Huambo. Falava com a Marta praticamente todas as noites. Uma manhã a Marta apareceu-nos de surpresa, dizendo que queria continuar a conversa. Ela dava-se optimamente com a Mãe Isaura.

A vida que não é analisada, dizia um filósofo, não merece ser vivida. Pela segunda vez na vida, depois de Jacqueline, eu estava perdidamente apaixonado pela mãe da minha única filha. Mas agora as coisas não iriam ser fáceis. “Se tu me amas mesmo”, disse Marta por diversas vezes, “terás de conquistar-me.”

“QUANDO O PASTOR FORTUNATO KALIMA PERGUNTOU SE HAVIA ALGUÉM QUE QUERIA PARTILHAR ALGO COM A CONGREGAÇÃO, EU LEVANTEI-ME E FUI PARA FRENTE.”

Aconteceu, então, que num certo domingo a Marta estava em Elavoko. Quando o Pastor Fortunato Kalima perguntou se havia alguém que **quisesse** partilhar algo com a congregação, eu levantei-me e fui para a frente. Nunca fui bom a fazer discursos. Da mesma forma que se diz que um homem à beira da morte tem uma visão da sua vida inteira, naquele instante, diante da congregação, eu via tudo – o confronto com o Pai Salomão, a partida para o Canadá, a Jacqueline, o reencontro com Isa e Marta, tudo passando como um filme diante de mim. Despertei e olhei para a congregação. Marta tinha lágrimas nos olhos. Isa, que estava connosco, cobrira a cara com a mão; eu suspeitava que ela achava aquilo tudo um espectáculo exagerado. Mas eu tinha mesmo de confessar-me; havia um grande peso do qual eu tinha de me desfazer. Depois de um grande esforço, desatei a falar. **FIM**



## CONTOS INÉDITOS DE AUTORES ANGOLANOS

YOLA CASTRO É O PSEUDÓNIMO LITERÁRIO DE YOLANDA DIAS DOS SANTOS AGOSTINHO. NASCEU NO MUNICÍPIO DO SAMBIZANGA, LUANDA, A 29 DE JANEIRO DE 1977. PROFESSORA E JORNALISTA.

OBRA PUBLICADA A BORBOLETA COLORIDA E A LINDA JOANINHA, PRÉMIO LITERÁRIO 16 DE JUNHO, INLD/2005 | VUVUKYETU/2006 | O MENINO PESCADOR, OS TRÊS IRMÃOS, O LÁPIS DE COR ROSA E AS DUAS MANGUEIRAS/2007 | DOIS REIS NO CÉU PARA A TERRA, COLECTÂNEA DO CONTO INFANTIL, U.E.A. | BONECA DE PANO/2005.

# YOLA CASTRO



# FAMÍLIA REAL

TCHISSOLA ERA UMA MENINA MAIS OU MENOS DA TUA IDADE, QUE VIVIA NUMA ALDEIA ISOLADA DE ÁFRICA, DESTRUÍDA PELA GUERRA E AFECTADA PELA FOME. O PAI DA PEQUENA TCHISSOLA ERA UM HOMEM MUITO CONHECIDO ALI NA ALDEIA, PELA SUA MANEIRA DE SER E DE ESTAR. AMIGO DE TODOS E SEMPRE DISPOSTO A AJUDAR OS VIZINHOS.

Um dia, durante um forte ataque no qual as tropas inimigas, para além de espancaram os habitantes e saquearam quase todos os seus bens, o pai da pequena foi obrigado a acompanhá-los e nunca mais ninguém soube dele, ficando Tchissola e a mãe completamente sozinhas e muito tristes.

Todos os dias, ela e a mãe levantavam-se antes do nascer do sol para regarem a pequena plantação de milho, que ficava a uns quarteirões da velha casa onde viviam. Desde muito cedo, ela ouvira sempre os pais dizer que existe um Deus todo-poderoso que tem solução para todos os problemas. Por isso, ela orava sempre a Ele para que não acontecesse nada de mal ao pai e o seu regresso fosse breve.



Apesar da maioria dos habitantes da aldeia, de tanto medo, ter-se refugiado em outras zonas em busca de segurança, Tchissola pedia sempre à mãe que ficassem, mesmo sabendo dos perigos, porque acreditava que Deus, um dia, atenderia os pedidos dela e mandaria o seu papá de volta e, se por acaso saíssem de lá, ele não saberia onde encontrá-las. Tchissola, embora franzina, já tinha a idade de frequentar a escola. Mas os meninos da aldeia não estudavam, porque as bombas da guerra destruíram escolas e tudo o que encontraram pelo caminho. Tu por acaso sabes qual era o grande sonho da pequena Tchissola?

Numa manhã, enquanto ia com a mãe, ela disse: – “Mamã, porque é que não tenho uma boneca? Eu gostaria muito de ter uma, para brincar!”

“QUANDO UM DIA NÃO  
HOVER MAIS GUERRA,  
VAIS PODER COMPRAR  
MUITOS E MUITOS  
BRINQUEDOS PARA  
MIM E PARA ALGUNS  
MENINOS QUE NÃO  
TÊM NINGUÉM...”

“Eu sei filha... Só não tens, porque não te posso comprar. As poucas coisas que ainda aparecem aqui à venda são muito caras. Esta maldita guerra, nem sonhar nos dá direito, eu gostaria de te dar tudo o que mereces”, respondeu a mãe num tom muito triste.

“Não fica assim! Muitas meninas como eu não têm bonecas e nem os pais; mas eu tenho-te aqui comigo. Quando um dia não houver mais guerra, vais poder comprar muitos e muitos brinquedos para mim e para alguns meninos que não têm ninguém e, quem sabe, levá-los para nossa casa.”

“Se acreditas... Eu também acredito”, respondeu a mãe.

Dias depois, enquanto brincavam às escondidas ali na plantação, a mãe, olhando para uma espiga de milho, lembrou-se que com pouco ou mais que aquela idade, a tia que cuidava dela fazia-lhe bonecas de trapos e aproveitava a palha das espigas para pôr umas longas cabeleiras às bonecas.

“VÊS ESTA PALHA?  
VAMOS LEVAR UM POUCO DELA  
PARA ENFEITAR A BONECA  
DE TRAPOS QUE VOU FAZER  
PARA TI”, DISSE A MÃE.”

“Como é que não me lembrei antes?” disse a mãe.  
“Lembrei-me que a tia que cuidava de mim quando pequena fazia-me bonecas de trapos. Vês esta palha? Vamos levar um pouco dela para enfeitar a boneca de trapos que vou fazer para ti”, disse a mãe.

Em casa, a mãe pediu que a pequena colocasse a caixa de costura por cima da mesa. E com a tesoura, ela cortou em formato de calças uma peça de roupa velha. Coseu e encheu com algodão para que fossem as pernas. Cortou outras duas partes, coseu e também encheu para que fossem os braços e num outro corte redondo enchido estava a cabeça feita.



Tchissola observava tudo muito atenta e cheia de vontade de ajudar, mas não podia fazer muito, porque a mãe estava sempre a avisá-la dos perigos que as tesouras e as agulhas constituem para os pequeninos.

“Então, falta muito?” Perguntou enquanto a mãe juntava as partes todas.

“Um pouco. Agora vou trabalhar a cabeça. Faltam os olhos, o nariz, a boca e colar o cabelo (palha), para que ela fique mais bonita.”

Como não podia ajudar muito, a pequena também não queria atrapalhar e algum tempo depois...

“Deixa ver mãe, está tão bonita!”

“E já pensaste num nome para ela?” Perguntou a mãe.  
“Ainda!”

“Mas pode ser... Welwitchia. Gostas?”

“O meu pai várias vezes disse-me que assim se chama a flor que nasce no deserto e que um dia me levaria para a conhecer. Lembras, mãe?”

“Lembro-me de todas as coisas lindas que o teu pai te falava. Welwitchia... A flor do deserto! É bonito.”

“Agora vou fazer umas roupinhas para a neta mais bonita do mundo!” Disse a mãe tentando disfarçar as lágrimas que insistiam em descer-lhe dos olhos.

Tchissola não deixou de brincar e de fazer festinhas à nova companheira.

“A PEQUENA PEDIRA À MÃE QUE NÃO SE ESQUECESSE DE INCLUIR NA ORAÇÃO, O FACTO DE SE TER LEMBRADO DE FAZER A BONECA, PORQUE ELA ESTAVA MUITO FELIZ.”

Na hora do jantar, insistiu que a boneca estivesse com elas e até chegou mesmo a dizer que ela estava com fome, fingindo dar-lhe algumas garfadas. Depois de muito brincar e já com sono, a mãe foi pô-la a dormir. Naquela noite, tida como especial, a pequena pedira à mãe que não se esquecesse de incluir na oração, o facto de se ter lembrado de fazer a boneca, porque ela estava muito feliz.

Dormiu abraçada à Welwitchia e sonhou a noite toda que brincava com a boneca e que ela as ajudava em todas as tarefas diárias.

Algum tempo depois, a aldeia começava a renascer e a vida voltava ao normal. Já havia mais movimento de pessoas na rua, muitos regressavam e até se tinha improvisado uma escola para que as crianças pudessem estudar.

Num bonito dia de sol, Tchissola já se encontrava à porta da escola e esperava pela mãe para levá-la a casa.

Assim que mãe chegou, “Oh mamã, demoraste muito. Pensei que não vinhas!”

“Tu sabes que eu venho sempre.”

“Demorei porque quis encontrar-te já à porta, mas distraí-me com alguns afazeres e acabei por atrasar estes dez minutos. Mas já percebi, que te pareceram uma eternidade”, disse olhando para o relógio no pulso.

“Como foi hoje a escolinha?”

“Foi boa!”

“A professora falou que, com a paz, brevemente teremos uma escola nova. Estas tendas vão desaparecer e nela a água será tratada, teremos carteiras suficientes e um sítio no quintal com muitos baloiços para brincarmos no recreio.”

“Disse também que nasceu na capital e que só veio para a aldeia trabalhar, porque soube que havia uma necessidade muito grande de professores e que fica muito triste por todos os meninos que perderam familiares na guerra, ou que não saibam do paradeiro.”

“Eu disse que o meu pai foi levado, mas que oro todos os dias, para que ele esteja bem e volte logo”, disse Tchissola sempre faladora.

“Muito bem. E a professora não falou dos cuidados que deverão ter com a nova escola?”

“... NASCEU NA CAPITAL E QUE SÓ VEIO PARA A ALDEIA TRABALHAR, PORQUE SOUBE QUE HAVIA UMA NECESSIDADE MUITO GRANDE DE PROFESSORES...”

“Disse que não devemos riscar as paredes, não arrastar as carteiras, não pisar os jardins e nem deixar as torneiras abertas. A escola deve estar sempre asseada, assim como as nossas casas.”

“Agora que já sabes, deves dar o teu máximo para o bem de todos.” Em casa, a pequena foi guardar a sacola, enquanto a mãe ia preparar uma merenda.

O tempo foi passando e Tchissola nem por isso perdia o entusiasmo. Ver paredes já erguidas da nova escola a entusiasmava ainda mais.

Levantava-se cedo e queria ser sempre a primeira a chegar.

Depois das aulas, tinha sempre algo a contar à mãe.

Muitas vezes, Tchissola levantava-se ainda de madrugada, porque achava que já tinha dormido muito e que já estava atrasada.

“MUITAS VEZES, TCHISSOLA LEVANTAVA-SE AINDA DE MADRUGADA, PORQUE ACHAVA QUE JÁ TINHA DORMIDO MUITO E QUE JÁ ESTAVA ATRASADA.”

“Podes voltar para a cama que ainda falta um pouco.”

Mas numa manhã em que tudo parecia normal, Tchissola não se levantou cedo como era habitual e mesmo depois da mãe a chamar, respondia mas não se levantava.

Depois de a chamar umas tantas vezes sem sucesso, a mãe foi saber o que se estava a passar.

“Esqueceste que hoje é dia da escola?”

“Levanta e vai tomar banho, enquanto preparo algo para comeres.”

“Hoje não quero ir à escola”, – disse cabisbaixa.

“Porquê?”

“Tiveste problemas com algum colega, já não gostas da professora?”

Perguntava a mãe preocupada, mas a pequena com a cabeça negava tudo.

“Dói-te alguma coisa?”

“Não, mas não quero ir mesmo!”

“Ainda assim vamos tomar banho para irmos dar a conhecer à professora que não estás bem disposta e hoje ficas aqui em casa.”

“Está bem”, respondeu a pequena com muito pouca vontade.

Enquanto comiam, porque naquele dia era a mãe quem falava...

“O que é que tens hoje?”

“Tu não és assim. Queres que eu também fique triste?”

“Não”, respondeu com os olhos marejados de lágrimas.

A mãe levantou-se para consolá-la sem perceber o que se passava e, naquele momento, ouviram alguém bater palmas.

“Está alguém em casa!”

Tchissola levantou-se logo e correu em direcção à porta, esperando que a mãe a abrisse.

Para a mãe a voz era muito familiar e parecia que à Tchissola também.

“A MÃE LEVANTOU-SE PARA CONSOLÁ-LA SEM PERCEBER O QUE SE PASSAVA E NAQUELE MOMENTO OUVIRAM ALGUÉM BATER PALMAS.”

A porta foi aberta e um homem surgiu diante delas. Tchissola rapidamente passou pela mãe e abraçou a cintura do homem à porta.

Meu pa... Meu papá, disse quase perdendo a fala.

De imediato o pai colocou-a ao colo, mas a mãe nem se mover podia.

“Então, como é que têm passado?” – o pai rompeu o silêncio e perguntou receoso.

As lágrimas nos olhos da mãe não a deixavam responder e mesmo assim era difícil acreditar no que estava a ver, porque embora a pequena rogasse que não se esquecesse de pedir a Deus que o pai estivesse bem e voltasse logo, ela já não acreditava que ele ainda estivesse vivo.

“... PORQUE EMBORA A PEQUENA ROGASSE QUE NÃO SE ESQUECESSE DE PEDIR A DEUS QUE O PAI ESTIVESSE BEM E VOLTASSE LOGO, ELA JÁ NÃO ACREDITAVA QUE ELE AINDA ESTIVESSE VIVO.”

Mas Tchissola, com sua pequena fé, acreditou e esperou até que, naquele dia, viu o pai chegar para nunca mais partir.

O que para a mulher parecia ser sonho, ficou bem confirmado, no tríplice abraço que se seguiu.

Uma das primeiras preocupações do pai da pequena Tchissola, depois do regresso, foi procurar um emprego para minimizar as dificuldades da família.

Não foi fácil encontrar emprego, mas depois de muito procurar, o pai encontrou um trabalhinho temporário numa cooperativa.

Todos os dias o pai saía quando o sol ainda dormia e só regressava quando o sol começava já a se esconder.

A família estava feliz, o pai satisfeito com o trabalho, a mãe ocupada com alguns afazeres e Tchissola, embora emocionada com a escola, não se esquecia da Welwitchia.

Num daqueles dias em que a família, reunida depois do jantar, conversava sobre várias coisas, o pai disse:

“Tchissola, tu gostarias de ter um irmãozinho ou uma irmãzinha para te fazer companhia?”

“ESCUta BEM O QUE TE VOU DIZER. A TUA MÃE TEM UM BEBÉ NA BARRIGA, O QUE QUER DIZER QUE BREVEMENTE TERÁS UM COMPANHEIRO(A) PARA ENSINARES AS COISAS QUE JÁ SABES FAZER...”

“Gostaria, porque todas as minhas amigas têm irmãos e eu, só tenho a Welwitchia!”

“Escuta bem o que te vou dizer. A tua mãe tem um bebé na barriga, o que quer dizer que brevemente terás um companheiro(a) para ensinares as coisas que já sabes fazer” – disse o pai passando a mão na barriga da mãe.

“Oh pai, como é que sabes, se a barriga da mamã não está grande?!” – Perguntou Tchissola um pouco confusa.

“Os grandes sabem quando está a vir um bebé mesmo sem a barriga estar grande, porque no começo é mesmo assim e a barriga vai crescendo devagar com o tempo.” – disse o pai para ajudar a menina a entender.

“Agora diz se estás contente pelo bebé que está a chegar”, perguntou a mãe.

“Estou, mas gostaria que estivesse já aqui!”

“É só mais um pouco e o bebé já aqui estará.” – disse a mãe.

“Vou brincar com ele e levá-lo para conhecer a minha professora e as minhas colegas.”

“Está bem, agora vamos para a caminha que o papá e a mamã estão cansados.” – disse o pai.

“Hum... amanhã mesmo vou já dizer à professora que a minha mãe vai ter um bebé!”

“Está bem, mas agora vamos.”

Numa quarta-feira e porque Tchissola não teria aulas naquele dia, a mãe levou-a ao hospital na sua primeira consulta pré-natal.

Pelo caminho a pequena não se cansava de falar...

“Eu quero que o nosso bebé seja uma menina e que compres para ela vestidos cor-de-rosa”, disse.

“Como não sabemos, então vamos comprar roupinhas amarelas, verdes e brancas e só quando nascer é que vamos comprar umas peças azuis, se for rapaz, ou rosa, se for menina”, disse a mãe.

“O TEMPO FOI PASSANDO, A BARRIGA CADA VEZ, MAIOR E A PEQUENA QUANDO CHEGASSE DA ESCOLA FAZIA FESTINHAS À BARRIGA E AJUDAVA A MÃE.”

No hospital, Tchissola entrou para a sala de consultas e quando o médico estava a auscultar os movimentos do feto, colocou também o aparelho no ouvido dela e perguntou:

Ouves alguma coisa?

“Sim.”

“O quê?”

“Um barulho, parece barulho de um vento fraquinho!”

Em casa quando o pai lhe perguntou se tinha gostado de ir ao hospital, Tchissola disse que sim.

O tempo foi passando, a barriga cada vez, maior e a pequena quando chegasse da escola fazia festinhas à barriga e ajudava a mãe.

Um dia, ao levantar-se para se preparar para a escola, em vez da mãe, estava a vizinha em casa, o que preocupou Tchissola.

“Bom dia, tia! Onde está a mamã?”

“Foi ao hospital com o teu pai. Parece que o nené vai nascer!”

“Ela sentiu-se mal e tiveram que ir à pressa ao hospital e, para não ficares sozinha, chamaram-me para passar a noite aqui e preparar-te para a escola.”

“Oh, mas eu também queria ir!”

“Não podias!”

“Se a tua mamã não sair hoje, irei contigo ver como é que ela está, mas primeiro tens que ir à escola.”

Tchissola foi à escola não muito satisfeita e não se esqueceu de dizer à professora que a mãe tinha ido ter o bebé.

Depois das aulas, correu para casa e, qual não foi o seu espanto, ao encontrar a mãe já em casa sentada a tomar uma sopa.

“Mamã!”

“Está no quarto a fazer óó.”

Tchissola correu em direcção ao quarto...

“TCHISSOLA FOI À ESCOLA NÃO MUITO SATISFEITA E NÃO SE ESQUECEU DE DIZER À PROFESSORA QUE A MÃE TINHA IDO TER O BEBÉ.”

“Vá devagar filha para não o acordar!”

“É menino ou menina?”

“É um menino forte.”

“E como é que ele se chamará?”

“Hossi”, respondeu a mãe aproximando-se devagar.

O pai, que tinha saído para comprar frutas, também já estava de regresso e, ouvindo a conversa, juntou-se à família.

“Hossi, o nome do homem que se mostrou ser um companheiro, um verdadeiro irmão.” – disse o pai.

Tchissola entusiasmada sentou-se ao pé do irmão e, com muito jeito, segurou na mãozinha do irmão que se assustou e, em vez de chorar como todos esperavam, desenhou nos lábios o sorriso mais bonito que um bebé de poucas horas podia oferecer.

“E o Hossi é parecido com quem?”

“Com quem mais poderia ser?”

“Com a maninha dele” – respondeu o pai.

“O Hossi gosta mesmo de ser parecido comigo, até está a rir!” FIM

Com o patrocínio exclusivo do



no âmbito das actividades desenvolvidas  
em várias áreas da cultura, pelo

**GRUPO BANCO ESPIRITO SANTO**





